

MATTOS  
da Bahia  
4º Tomo

CHORA O POETA DE HUMA VEZ PERDIDAS  
ESTAS ESPERANÇAS.

A Deus vão pensamento, a Deus cuidado,<sup>317</sup>  
Que eu te mando de casa despedido,  
Porque sendo de uns olhos bem nascido,  
Foste com desapego mal criado.

Nasceste de um acaso não pensado,  
E cresceu-te um olhar pouco advertido,  
Criou-te um esperar de um estendido,  
E às mãos morreste de um desesperado:

Ícaro foste, que atrevidamente  
Te remontaste à esfera da luz pura,  
De donde te arrojou teu vôo ardente.

Fiar no sol, é irracional loucura,  
Porque nesse brandão dos céus luzente  
Falta a razão, se sobra a formosura.

---

<sup>317</sup> *a Deus*: por *adeus*. Essa grafia, em manuscritos, encontra-se ainda no século XIX.

COMO A NÃO PÔDE O POETA RENDER ENTRA A  
PICA-LA COM LOUVAR A POLLONIA, E HE DE  
ADVERTIR, QUE ESTAS TRATAVÃO COM HUNS  
MUSICOS FULANOS JARDINS, QUE MORAVAM  
NAS HORTAS.

A ser bela a formosura,  
a beleza a ser formosa  
mudamente as ensinava  
a boquinha de Polônia.  
Ensinava de cadeira  
na academia, ou escola,  
onde era lente de prima,  
sendo a terceira das Moças.  
A Açucena reprendia  
com duas faces formosas,  
por que unisse ao carmim,  
para alento pouca boca.  
E como o cravo é jurado  
Príncipe em cortes de Flora,  
se fez conselho de estado  
sobre casar-se co'a rosa.  
Respondeu ela, que sim,  
e incendida de vergonha  
ficou-lhe a boca mais cravo,  
do que era o cravo na boca.  
Assistir ao desposório  
correu a nobreza toda,  
com galas de várias cores,  
porque de campo era a boda.  
A nobreza dos Jardins,  
que tem seu solar nas Hortas,

cortando galas de novo  
veio com elas em folha.  
Desposou-se Rosa, e Cravo,  
mas eu creio, que da boda,  
onde folgou toda a casa,  
vi as Paredes queixosas.

SONHO QUE TEVE COM HUMA DAMA ESTANDO  
PREZO NA DADEYA.

Adormeci ao som do meu tormento:  
E logo vacilando a fantasia  
Gozava mil portentos de alegria,  
Que todos se tornaram sombra, e vento.

Sonhava, que gozava o pensamento  
Com liberdade o bem, que mais queria,  
Fortuna venturosa, claro dia;  
Mas ai, que foi um vão contentamento!

Estava, Clóris minha, possuindo<sup>575</sup>  
Desse formoso gesto a vista pura,  
Alegre glórias mil imaginando:

Mas acordei, e tudo resumindo,  
Achei dura prisão, pena segura:  
Oh se sempre estivera assim sonhando!

---

<sup>575</sup> *Clóris*: ver nota 450.

NEGOU-SE TOTALMENTE ANTONICA DE MEDO,  
QUE À TODAS FAZIA A SOLTURA DO POETA, E  
ELLE A PERTENDE REDUZIR COM ESTA  
REGALLADA POEZIA.

Agora que sobre a cama  
Antonica me inquieta,  
muito mais estando ausente,  
que se na cama estivera:  
Agora que o meu cuidado  
dentro dalma me desvela,  
e o verdugo da memória  
em saudades me atormenta:  
Agora que o brando leito,  
qual duro potro me espera,  
porque o cordel da lembrança  
execute as leis da ausência:  
Agora que a muda noite  
no silêncio, que professa,  
como quem soube os meus gostos,  
mos representa na idéia:  
Entre o passado e presenta  
não distingue a paciência,  
se é mais ativa a fortuna,  
nos logros ou se nas perdas:  
Quero queixar-me, Antonica,  
de vós, da vossa beleza,  
rigores, desatenções,  
esquivanças, e inclemências.  
Quero queixar-me de mim  
sobre padecer a ofensa,  
pois que não soube agradar-vos

para forrar estas queixas.  
Acaso vos vi uma tarde  
debaixo de uma urupema  
por meu mal, porque entre nuvens  
o sol mais ativo queima.  
Indo ao campo buscar fresco  
topei, sendo pela fresca,  
muito calor, que me abrasa  
de raios da vossa esfera.  
Vi-vos, e rendi-me logo,  
e em duas ações diversas  
de ver-vos, e de render-me  
eu não sei, qual foi primeira.  
Permitiu minha ventura  
(desgraça quero eu, que seja)  
que não cegasse com ver-vos,  
para padecer mais penas.  
Que sempre em ódio de um triste  
faz mudanças a natureza,  
pois cheguei a ver um sol,  
não tendo de água as potências.  
Movido da mão de Amor,  
que as liberdades sujeita,  
Fênix dei a meus cuidados  
berço em amante fogueira.  
Tornei outra vez a ver-vos,  
e a segunda diligência,  
claro está, que era nascida  
dos acasos da primeira.  
De novo não me rendi,  
que era encontrada fineza  
ter ainda, que render-vos,

quem a sua alma vos dera.  
Mas por dobrar rendimentos,  
e igualar correspondências,  
as almas multipliquei  
por sentidos, e potências:  
Tantas almas era justo,  
que a tantas prendas rendera,  
por não ficar sem triunfo  
a menor das vossas prendas.  
Favorecestes-me então,  
e a memória o representa,  
por me tirar com pesar,  
o que com gosto me dera.  
Logo vos arrependestes  
de uma culpa tão pequena,  
como é pagar com favores  
amantes correspondências.  
Estes são os meus pesares,  
estas, digo, as minhas queixas,  
que por serem de um mofino  
temo que soem a ofensas.  
E pois molesta por força  
estar escutando queixas,  
de quem finezas enfadam,  
já Amor nos queixumes cessa.  
De vós mesma me dai novas;  
dai-mas de vossas durezas,  
pois quanto mais me acrisolam,  
tanto mais o amor as preza.



À MESMA DAMA.

Ai, Custódia! Sonhei, não sei se o diga:  
Sonhei, que entre meus braços vos gozava.  
Oh se verdade fosse, o que sonhava!  
Mas não permite Amor, que eu tal consiga.

O que anda no cuidado, e dá fadiga,  
Entre sonhos Amor representava  
No teatro da noite, que apartava  
A alma dos sentidos, doce liga.

Acordei eu, e feito sentinela  
De toda a cama, pus-me uma peçonha,  
Vendo-me só sem vós, e em tal mazela.

E disse, porque o caso me envergonha,  
Trabalho tem, quem ama, e se desvela,  
E muito mais quem dorme, e em falso sonha.

A HUMA DOR DE DENTE, DE QUE SUA ESPOSA  
SE QUEYXAVA TODAVIA DESDENHOSA.

- 1      Ai, Lise, quanto me pesa,  
          que da dor, que padeceis,  
          a ter não vos isenteis  
          mais piedade, que fereza:  
          se deste achaque a braveza  
          entre ambos reparte amor,  
          tenho por grande favor,  
          que nesta amante convença  
          eu sinta a dor da doença,  
          vós a doença da dor.
  
- 2      Por razões mui aparentes  
          devo este mal estimar,  
          porque sei me há de livrar  
          de trazerdes-me entre dentes:  
          mas por causas mais urgentes  
          quero, que o remedieis,  
          e se quando o mal venceis,  
          a morder-me vos provoca,  
          perdôo o morder de boca  
          à boca, com que mordeis.

LIZONGEA OS SENTIMENTOS DE DONA  
VICTORIA COM ESTE SONETO FEYTO EM SEU  
NOME.

Alma ditosa, que na empírea corte  
Pisando estrelas vais de sol vestida,  
Alegres com te ver fomos na vida,  
Triste com te perder somos na morte.

Rosa encarnada, que por dura sorte  
Sem tempo do rosal foste colhida,  
Inda que melhoraste na partida,  
Não sofre, quem te amou, pena tão forte.

Não sei, como tão cedo te partiste  
Da triste Mãe, que tanto contentaste,  
Pois partindo-te, a alma me partiste.  
Oh que cruel comigo te mostraste!  
Pois quando a maior glória te subiste,  
Então na maior pena me deixaste.

CHORA O POETA A ULTIMA RESOLUÇÃO DE SEU  
IDOLATRADO IMPOSSIVEL TAM MEREDEDORA  
DESTES DELICADOS VERSOS.

Alto: divino impossível,  
de cuja dificuldade,  
formosura, e discrição  
qual é maior, não se sabe.  
Se impossível pelo estado,  
a dificuldade é grande,  
pois casada, e a teu gosto  
que força há de conquistar-te?  
Se impossível na dureza,  
a ser pedra incontrastável,  
basta ser de lavradora,  
para que nunca se lavre.  
Se impossível pelo estorvo  
da família vigilante  
é o impossível maior,  
que ao meu coração combate.  
Mas se és, divino impossível,  
de tão alta divindade,  
creio, que esperanças mortas  
ressurgirás a milagres.  
Se és um milagre composto  
de neve incendiada em sangue,  
e sempre o Céu de teu rosto,  
mostra dois astros brilhantes:  
As mãos umas maravilhas,  
um par de jesmins as faces,<sup>318</sup>  
o corpo um garbo vivente,

---

<sup>318</sup> *Jesmins*: por *jasmins*.

os pés um vivo donaire:  
Se são milagres divinos,  
Francelinda, as tuas partes,  
para viver, quem te adora,  
que farás, senão milagres!  
Dá-me por milagre a vida  
na esperança de lograr-te,  
verás ressurgir com glória  
uma esperança cadáver.  
E se és enigma escondido,  
eu sou segredo inviolável,  
pois ouves, e não percebes,  
quem te diz, o que não sabes.  
De que serve a discrição,  
com que o teu nome ilustraste,  
sendo a Palas destes tempos,<sup>319</sup>  
Minerva destas idades.<sup>320</sup>  
Discorre em tuas memórias  
os dias, manhãs, e tardes,  
que foste emprego de uns olhos,  
que mudamente escutaste.  
Porque uns olhos, que atrevidos  
registam a divindade  
são sempre d'alma rendida  
emudecidas linguagens.  
Lembra-te, que em tua casa,  
onde cortês me hospedaste,  
não me guardaste o seguro  
das leis da hospitalidade.

---

<sup>319</sup> *Palas*: epíteto ritual da deusa Atena, aqui referida como divindade que presidia as artes e a atividade inteligente.

<sup>320</sup> *Minerva*: deusa romana identificada à Atena helênica.

Por que matando-me entonces  
traidoramente suave  
me calei eu, por guardar  
essas leis, que tu violaste.  
Se inda não cais, em quem sou,  
Porque me estrova explicar-me<sup>321</sup>  
de uma parte o teu decoro,  
e o meu temor de outra parte.  
Terei paciência por ora,  
té que me tire os disfarces  
Amor, que com se vendar,  
me deu lições de vendar-me.  
E se penetras, quem sou,  
porque já o conjeturaste,  
e escolhes de pura ingrata  
não crer-me, por não pagar-me:  
Recorre à tua beleza,  
que sei, que ela há de obrigar-te  
a crer, que em minhas finezas  
corto por muitas verdades.  
E pois me toca pesar  
as tuas dificuldades,  
e a ti tua formosura  
e discrição pesar cabe.  
Julguemos ambos de dois,  
qual dá cuidado mais grande,  
formosura, e discrição,  
ou tantas dificuldades.

---

<sup>321</sup> *Estrova*: por *estorva*.

SEGUNDA RESPOSTA DE FLORALVA. PELOS  
MESMOS CONSOANTES.

Amar não quero, quando desdenhada,  
Da maior afeição sou combatida,  
Que em mim podem fazer menos ferida  
Do Amor as setas, que do brio a espada.

Com razão o respeito só me agrada,  
E em vão o afeto a injúrias me convida,  
Que se nos corações o amor é vida,  
A vida nos desprezos não é nada.

Entre a isenção do gosto, e ser do brio  
Deve ter mais impulsos a vontade  
A favor da razão, que do alvedrio.

Mais glória alcança, mais imunidade  
Em fazer do desprezo desvario,  
Que em fazer da fineza liberdade.

SEGUNDO ARRUFO, EM QUE A ESPOSA TEVE  
NOTICIA DE CERTO DESTRAHIMENTO DO POETA  
E ELLE SE DESCULPA COM DIZER, QUE HOMEM  
POBRE NÃO TEM VICIOS.

MOTE

*Amar sin temer, que dar,  
o espreciar-se de muy loco,  
o tener hecha la cara  
al desayre de andar corto.*

- 1 Clori, en el prado ante ayer  
Vi a Fili, y tam flor estava,  
que ni aun el prado dudava,  
si era flor, siendo muger:  
rendio-me su rocicler,  
y al querer le yo en su altar  
mi coraçon consagrar,  
como era suyo em rigor,  
tuvo por desayre Amor  
Amar, sin tener, que dar.
  
- 2 Fuerça fué el arrepentir,  
que es fineza desmentida  
tener el alma rendida,  
y bolversela a rendir:  
fuerça fué entonces huir  
a los desayres, que toco,  
que quien con acuerdo poco



quiere al Ammor sugetar-se,  
o es de loco preciar-se,  
O espreciar-se de muy loco.

3 El que de loco se precia,  
busca desestimación,  
pues con loca affectacion,  
quiere amar, quien le desprecia:  
fuera confiança nescia,  
si algo de premio esperara,  
y fuera, si se repara,  
al desprecio, y al baldon  
tener hecho el coraçon,  
O tener hecha la cara.

4 No es tanto no de admirar,  
que consagre a Amor das aras,  
si no que puedan dos caras  
una belleza engañar:  
nada me puede alterar,  
ni dexar-me, Clori, absorto,  
que si a galan me reporto,  
por mi amor, y tu respeto,  
havria de estar sugeto  
Al desayre de andar corto.

INCREPA JOCOSAMENTE AO RAPAZ CUPIDO POR  
TANTAS DILAÇÕES

Amor, cego, rapaz, travesso, e zorro,  
Formigueiro, ladrão, mal doutrinado,  
Em que lei achai vós, que um home honrado  
Há de andar trás de vós como um cachorro?

Muitos dias, Mancebinho, há, que morro  
Por colher-vos um tanto descuidado,  
Que à fé que bem de mim tendes zombado,  
Pois me fazeis cativo, sendo forro.

Não vos há de valer erguer o dedo  
Se desatando a voz da língua muda  
Me não dais minha carta de alforria.

Mas em tal parte estais, que tenho medo,  
Que alguém poderá haver, que vos acuda,  
Sem que pagueis tamanha rapazia.

ROMPE O POETA COM A PRIMEYRA  
IMPACIENCIA QUERENDO DECLARAR-SE E  
TEMENDO PERDER POR OUZADO.

Anjo no nome, Angélica na cara,  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,  
Ser Angélica flor, e Anjo florente,  
Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara  
De verde pé, de rama florescente?  
E quem um Anjo vira tão luzente,  
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,  
Fôreis o meu custódio, e minha guarda,  
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,  
Posto que os Anjos nunca dão pesares,  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

TENDO BRITES DADO ALGUMAS ESPERANÇAS  
AO POETA SE LHE OPPOZ UM SUGHEYTO DE  
POUCOS ANNOS, PERTENDENDO-A POR  
ESPPOSA, RAZÃO POR ONDE VEYO ELLA A  
DESVIAR-SE, DESCULPANDO-SE POR SER JA  
VELHO.

- 1 P. Ao Velho, que está na roça,  
que fuja às Moças dizei.  
R. A bofe não fugirei,<sup>511</sup>  
enquanto Brites for moça.  
Se lhe não fazeis já mesa,  
Por que não heis de fugir?  
P. Por quê? Porque hei de cumprir  
co' a obrigação de cascar,  
dando-lhe sete ao entrar,  
e quatorze ao despedir.
- 2 E já que em vosso sujeito  
há fidalguia estriada  
honrai-me, que a que é honrada  
não perde a um velho o respeito.  
P. Tendes comigo mau pleito  
pelas cãs, que penteais.  
R. Nisso mais vos enganais,  
que eu penteio desenganos,  
não pelo peso dos anos,  
pelo pesar, que me dais.

---

<sup>511</sup> *a bofe*: à boa fé, com toda a franqueza, na verdade.

ADMIRAVEL EXPRESSÃO DE AMOR  
MANDANDO-SE-LHE PERGUNTAR, COMO  
PASSAVA.

Aquele não sei quê, que Inês te assiste  
No gentil corpo, na graciosa face,  
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,  
Não sei, onde consiste, ou não consiste.

Não sei quando, ou como arder me viste,  
Porque Fênix de amor me eternizasse,  
Não sei, como renasce, ou não renasce,  
Não sei como persiste, ou não persiste.

Não sei como me vai, ou como ando,  
Não sei, o que me dói, ou porque parte  
Não sei, se vou vivendo, ou acabando.

Como logo meu mal hei de contar-te,  
Se de quanto a minha alma está penando,  
Eu mesmo, que o pedaço, não sei parte.<sup>674</sup>

---

<sup>674</sup> *não sei parte*: não tenho notícia, não conheço.

OUTRA MULATA CLARA CHAMADA JOANNA  
GAFEYRA CAMARADA DE IZABEL SE DESVIAVA  
DO POETA TEMENDO A SUA LINGUA, E ELLE  
DESEJOSO DE À CONVERSAR, E DESCONFIADO  
DE OPODER CONSEGUIR LHE FAZ ESTE  
ROMANCE.

Aqui-d'El-Rei, que me mata,<sup>811</sup>  
Gafeira, os vossos desdéns:  
eu não vi Parda tão branca  
com tão negro proceder.  
Como consente, que diga,  
que tão grande puta é,  
que deixa por um Mulato  
um homem de branca tez?  
Uma Mulata tão linda,  
que da cabeça até os pés  
é uma estampa e Vênus  
debuxadinha ao pincel?  
De vos chamarem Gafeira  
vimos todos a entender,  
que andais gafa de Mulatos,  
e expurgar-vos não podeis.  
Morreis pelas palmatórias,  
Putinha, porque sabeis,  
que sois carreta medida  
pelos canhões do seu trem.  
E pois estais tão batida,  
como muralha de Argel  
de tantos canhões de alcance,  
quantos Mulatos fodeis:

---

<sup>811</sup> *aqui-del-rei*: ver nota 183.

Daqui vos digo, Putinha,  
que me arrependo, de que  
meus recados vos chegassem,  
pelo muito que fedeis.  
Do vosso fedor se queixa  
até Sergipe d'El-Rei,  
por ser o sovaco, e vaso  
putiú, catinga, e pez.<sup>812</sup>  
Eu me sinto feder tanto  
de haver-vos visto uma vez,  
que hei de lavar neste rio  
olhos, pensamento, e pés.  
Os olhos, porque vos viram,  
e o pensamento, porque  
o tive de cavalgar-vos,  
e os pés, porque nisso andei.  
Andai, Puta de torresmos,  
porque sois, e haveis de ser  
puta de membros torrados  
por sempre jamais amém.

---

<sup>812</sup> *putiú*: por *pitiú*, cheiro forte de peixe, mau cheiro.  
*pez*: ver nota 307.

QUIZ O POETA EMBARCAR-SE PARA A CIDADE E  
ANTECIPANDO A NOTÍCIA À SUA SENHORA, LHE  
VIO HUMAS DERRETIRAS MOSTRASDE  
SENTIMENTO EM VERDADEYRAS LAGRYMAS  
DE AMOR.

Ardor em coração firme nascido!  
Pranto por belos olhos derramado!  
Incêndio em mares de água disfarçado!  
Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que um peito abrasas escondido,  
Tu, que em um rosto corres desatado,  
Quando fogo em cristais aprisionado,  
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente?  
Se és neve, como queimas com porfia?  
Mas ai! Que andou Amor em ti prudente

Pois para temperar a tirania,  
Como quis, que aqui fosse a neve ardente,  
Permitiu, parecesse a chama fria.



## COM CACHOPINHA DE GOSTO.

### MOTE

*As excelências do cono<sup>698</sup>  
é ser bem grande, e papudo,  
apertado, bordas grossas,  
chupão, enxuto, e carnudo.*

- 1 Com cachopinha de gosto  
em cama de bom colchão,  
nos peitinhos posta a mão,  
e o pé no fincapé posto:  
ajuntar rosto com rosto,  
dormir um homem seu sono,  
acordar, calcar-lhe o mono  
já quase ao gorgolejar,  
então é o ponderar  
As excelências do cono.
  
- 2 Eu na minha opinião,  
segundo o meu parecer,  
digo que não há foder,  
senão cono de enchemão:  
porque um homem com Sezão,  
inda sendo caralhudo,  
meterá culhões, e tudo,  
e assim mostra a experiência,  
que do cono a excelência,  
É ser bem grande, e papudo.

---

<sup>698</sup> cono: ver nota 274.

- 3 É também conveniente,  
que não tenha o parrameiro<sup>699</sup>  
a nota de ser traseiro,  
e que seja um tanto quente:  
que às vezes mui facilmente  
são tais as misérias nossas,  
que havendo mister as moças  
para regalo da pica  
com cono de pouca crica,<sup>700</sup>  
Apertado, bordas grossas.
- 4 Mas a maior regalia,  
que no cono se há de achar,  
para que possa levar  
dos conos a primazia  
(este ponto me esquecia)  
para ser perfeito em tudo,  
é nunca se achar barbudo,  
por dar bom gosto ao foder,  
como também deve ser  
Chupão, enxuto, e carnudo.

---

<sup>699</sup> *parrameiro*: vagina.

<sup>700</sup> *crica*: ver nota 321.

AUSENTE O POETA DAQUELLA CASA,  
FALLECEO D. THEREZA HUA DAS IRMÃS, E COM  
ESTA NOTICIA SE ACHOU O POETA COM VASCO  
DE SOUZA E PEZAMES, ONDE FEZ O PRESENTE  
SONETO.

Astro do prado, Estrela nacarada  
Te viu nascer nas margens do Caípe  
Apolo, e todo o coro de Aganipe,<sup>322</sup>  
Que hoje te chora rosa sepultada.

Por rainha das flores aclamada  
Quis o prado, que o cetro participe  
Vida de flor, adonde se antecipe  
Aos anos a gadanha coroadada,

Morrer de flor é morte de formosa,  
E sem junções de flor nasceras peca,  
Que a pensão de acabar te fez pomposa.

Não peca em fama, quem na morte peca,  
Nácar nasceste, e eras fresca rosa:  
O vento te murchou, e és rosa seca.

---

<sup>322</sup> *Agipe*: ver nota 2002.

DE HUMA FESTIVIDADE PUBLICA ONDE A  
TODOS DAVA QUE SENTIR, SE AUSENTOU  
FLORALVA A DIVERTIR-SE NAS RIBEYRAS DO  
CAPIBARIBE, ONDE TINHA SEUS EMPREGOS.

Ausentou-se Floralva, e ocultou  
A luz, com que nas festas assistiu,  
Tudo em trevas na ausência confundiu,  
Porque consigo todo o sol levou.

Dizem, que Amor de medo a retirou  
Tão louco, que a si próprio se feriu,  
Porque do ponto, que a Floralva viu,  
Só pode persuadir-se, que cegou.

Por livrá-la na terra de olho mau,  
Na região de Vênus a escondeu,  
Ou em um rio, de que sabe o vau.

Oh quem fora por roubo assim do Céu  
Ou Jasão embarcado Nau,  
Ou atado a um penhasco Prometeu!

EM CONTRAPOSIÇÃO DO QUE RESOLVEO, SE  
ENTREGA O POETA NOVAMENTE AO SILENCIO,  
RESPEYTANDO, A QUE OS SUSPIROS POSTO QUE  
CONSOLÃO, NÃO ALLIVIAO POR MENOS  
NOBRES.

MOTE

*Ay de ti, que em tus suspiros  
has de lograr el consuelo,  
no el alivio, que es culpar  
la atencion del rendimento.*

- 1      Coraçõ: siente tu anhelo,  
         que quien gime en su tormento,  
         no haze aggravio al sentimiento,  
         si hallo en sentir consuelo:  
         gime dentro en tu desvelo,  
         que ni te oygan tus retiros,  
         mas si la nota haze tiros,  
         ay de ti, que en tus razones  
         faltas a las submissiones?  
         Ay de ti, que en tus suspiros!
  
- 2      Ay de ti, pobre cuydado,  
         que en un suspiro sentido  
         si ganas lo divertido  
         no pierdes lo desdichado!  
         ay de ti, que desahogado  
         al ayre vital del cielo

no creyo, que en tu desvelo  
algun alivio consigas,  
ni pienso, que en tus fadigas  
Has de lograr el consuelo.

3 Si el consuelo se quedó,  
en quien suspira, en quien llora,  
quede el consuelo en buen hora,  
mas el alívio esso nó:  
el consuelo podrè yo  
en un triste assegurar  
que el dar suspiros al viento  
es culpa del sentimiento  
No el alivio, que es culpar.

4 No se alivia, el que suspira,  
si gimiendo se consuela,  
que como el gimir anhela,  
del alivio se retira:  
ten pues, cuidado, la mira,  
en que no floxa el tormento,  
viva intacto el sentimiento,  
que bien el de coro observa,  
quien siente, calla, y reserva  
la atención del rendimiento.

OUTRA VEZ O ASSALTÃO NOVOS  
PENSAMENTOS DE DECLARAR-SE, E TEMER.

*MOTE*

**Ay de ti, pobre cuydado,  
que en la carcel del silencio  
has de tener tu razon,  
porque lo manda el respeyto.**

- 1 Si por fuerça del respeyto,  
ou floxedad de alvedrio  
naciste, cuydado mio,  
tan captivo, y tan sugeto:  
y aun eres tan indiscreto,  
que de necio, y porfiado  
quieres por lo bien hablado  
librar tu inocencia mucha,  
con quien te riñe y no escucha,  
Ay de ti, pobre cuydado.
  
- 2 Cessa, y serás escuchado,  
que en la quexa de un tormento  
las voces se lleva el viento,  
no el alivio, que es passado:  
calla, y no hables deslumbrado  
al dueño, à quien reverencio,  
y sien la quietud, que agencio,  
conviene, que mi razon

se prenda, que mas prision  
Que em la carcel del silencio

- 3     Mi concejo esto contiene,  
y porque mejor se entienda,  
antes la razon se prenda,  
que quien la rason se tiene:  
la prudencia lo previene  
con viva demonstracion:  
tener quieres duracion?  
luego debes entender,  
que para rason tener  
Has de tener tu rason.
- 4     Y pues dizirla es perderla,  
porque hablada va perdida,  
tenla en tu pecho escondida,  
que así vendras a tenerla:  
no temas el no entenderla  
de tu silencio el objecto:  
pues callando te prometto,  
que en prueba de mis lealdades  
sepan, que callé verdades,  
Porque lo manda el respeto.



COLHE-SE DO ESTILO DESTAS OBRAS QUE O  
AMOR DESTA DAMA NÃO INQUIETAVA AO  
POETA.

Babu: como há de ser isto?  
eu já me sinto acabar,  
e estou tão intercadente,  
que não chegue até amanhã.  
Morro de vossa beleza,  
se ela me há de matar,  
como creio, que me mata,  
formosa morte será.  
Mas seja formosa, ou feia,  
se o Deão me há de enterrar,  
por mais formosa que seja,  
sempre caveira será.  
Todos aqui desconfiam  
tudo é já desconfiar  
da minha vida os doutores  
e eu do vosso natural.  
Desconfio, de que abraque  
vosso rigor pertinaz,  
e a minha vida sem cura  
sem dúvida acabará.  
Porque se estais incurável,  
e tão sem remédio vai  
o achaque de não querer-me,  
e o mal de querer-me mal:  
Que esperança posso ter,  
ou que remédio há capaz,  
se vós sois a minha vida,

e morreis por me matar?  
Amor é união das almas  
em conformidade tal,  
que, porque estais sem remédio,  
por contágio me matais.  
Curai-me do mal querer-me,  
e do fastio, em que estais  
à minha triste figura,  
que ao demo enfastiará.  
Comei, e seja o bocado,  
que com gosto se vos dá,  
porque em vós convalescendo,  
então me hei de eu levantar.  
Assim sararemos ambos,  
porque se vós enfermais  
pelo contágio, o remédio  
por simpatia será.  
Vós, Babu, virais-me as costas?  
pois eu feito outro que tal,  
estou às portas da morte,  
e a fala me falta já.  
Quero fazer testamento;  
mas já não posso falar,  
que vós por costume antigo  
sempre a fala me quitaes.  
Mas testarei por acenos,  
que tudo em direito há  
e se por louco não posso,  
posso por louco em amar.  
Todos meus bens, se os tivera,  
os deixara a vós não mais,  
mas deixo-vos para os outros,

que é, o que posso deixar.  
Se hei de deixar-me a vós  
quantos bens no mundo há,  
em vos deixar a vós mesma,  
arto deixada ficais.<sup>323</sup>  
Em sufrágios da minha alma  
não gasteis o cabedal,  
que aos vossos rigores feito,  
penas não hei de estranhar.  
Mas se por minhas virtudes,  
ou se por vos jejuar,  
ou se por tantas novenas,  
que à vossa imagem fiz já:  
Vos mereço algum perdão  
dos pecados, que fiz cá,  
assim em vos perseguir,  
como em vos desagradar:  
Com as mãos postas vos peço,  
que no vosso universal  
juízo mandeis minha alma  
ao vosso céu descansar.  
Não a mandeis ao inferno  
que arto inferno passou cá,  
Adeus, apertai-me a mão,  
que eu já vou a enterrar.

---

<sup>323</sup> *arto*: ver nota 193.

AO MESMO ASSUMPTO.

- 1 Babu: o ter eu caído,  
nenhum susto me tem dado,  
porque a vossos pés prostrado  
me julgo então mais subido:  
dizeis, que fiquei sentido:  
mas sabei, que não sentira,  
inda que me não subira  
o cair, onde caí,  
se como no chão me vi,  
convosco em terra me vira.
  
- 2 Porém que isso me suceda,  
por mais quedas, que inda dê,  
não creio, pois vejo, que  
não tenho convosco queda,  
vossa crueza me veda  
este bem, que entanto abraço:  
quem viu semelhante passo,  
que encontre meu desvario,  
Babu, em vosso desvio  
a minha queda embaraço?
  
- 3 Confesso, que então caído  
fiz tenção de me sangrar,  
mas não me quis mais picar,  
porque assaz fiquei corrido:  
não andei pouco advertido  
(falo, como quem vos ama)  
porque eu sei, formosa Dama,

que por mais que me sangrasse  
livre estou, de que chegasse  
a ver-me por vós na cama.

- 4 E com toda essa desgraça  
por satisfeito me dera,  
se com cair merecera  
sequer cair-vos em graça:  
mas porque, Babu, eu faça  
desta queda estimação  
inda sobeja razão,  
se a queda motivo é  
de prostar-me a vosso pé,  
para beijar-vos a mão.

## TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ.

- 1 Bela Floralva, se Amor  
me fizera abelha um dia,  
todo esse dia estaria  
picado na vossa flor:  
e quando o vosso rigor  
quisestes dar-me de mão  
por guardar a flor, então  
tão abelhudo eu andara,  
que em vós logo me vingara  
com vos meter o ferrão.
  
- 2 Se eu fora a vossa vergel,  
e na vossa flor picara,  
um favo de mel formara  
mais doce, que o mesmo mel:  
mas como vós sois cruel,  
e de natural castiço  
deixais entrar no caniço  
um Zangano comedor,  
que vos rouba o mel, e a flor,  
e a mim o vosso cortiço.

VINDO ESTA DAMA HUMA VEZ A CASA DO  
POETA LHE PEDIO CEM MIL REIS PARA HUM  
DESEMPENHO

Betica: a bom mato vens  
com teu dá cá, com teu toma,  
o diabo te enganou,  
não pode ser outra cousa.  
Visse-me acaso com jeito,  
de comissário da frota,  
que faz roupa de francês  
dos borcados de Lisboa?  
Sou eu acaso o Mazulo,  
que, do que tem de outras contas,  
dá sem conta cada um ano  
cem mil cruzados à Rola?  
Sou Mataxim por ventura,<sup>521</sup>  
que vim ontem ontem d'Angola,  
e dos escravos alheios  
faço mercancia própria?  
Menina, eu bato moeda?  
eu sou um pobre idiota,  
que para um tostão ganhar  
estudo uma noite toda.  
Cem mil-réis me vens pedir?  
a mim, cem mil-réis, demônia?  
se eu algum dia os vi juntos,  
Deus mos dê, e mos comei.  
Se eu nascera Genovês,  
ou fora visrei de Goa,<sup>522</sup>

---

<sup>521</sup> *mataxim*: por *machatim*, 'farsante', 'pantomimeiro'.

vinte quatro de Servilha,  
ou quarenta e oito de Roma:  
Dera-te, minha Betica,  
pela graça, com que tomas,  
mais ouro, que vinte minas,  
mais sedas, que trinta frotas.  
Mas um pobre estudantão,  
que vive à pura tramóia,  
e sendo leigo, se finge  
cleriguíssimo corona:  
Que pode, Betica, dar-te,  
se não qués versos, nem prosa?  
eu não dou senão conselhos,  
se mos paga, quem mos toma.  
Se me há de custar tão caro  
erguer-te uma vez as roupas,  
com outra antes de barrete,  
do que castigo de gorra.  
Para que sendo tão rica  
pedes como pobretona,  
se esses teus dentes de prata  
estorvem o dar-te esmolas!  
Que mais cabedal desejas,  
se és tão rica de parolas,  
que com vários chistes pedes  
todo um dia a mesma cousa?  
Tu pedindo, e eu negando,  
que cousa mais preciosa,  
que val mais, do que desejas,  
e a ti nada te consola.  
Cem mil-réis de uma só vez?

---

<sup>522</sup> *visrei*: ver nota 6.



pois, pobreta, à outra porta;  
Deus te favoreça Irmã,  
não há trocado; perdoa.  
Não há real em palácio,  
ando baldo, perdi a bolsa;  
que são os modos, com que  
se despede uma pidona.

AS DIFFERENÇAS QUE TINHÃO SEOS QUATRO  
AMANTES, SOBRE QUEM À HAVIA DE LEVAR.

- 1    Betica: a vossa charola  
      levam-na quatro galantes  
      discretos, ricos, brilhantes  
      peanhas da vossa sola:  
      qualquer deles acrisola  
      o vosso trono eminente;  
      mas tem preparado a gente,  
      que é muito para sentir,  
      que um para o Norte quer ir,  
      e que outro para o Poente.
  
- 2    Um por não perder o abrigo,  
      vos quer levar para fora,  
      outro por vos ver cad' hora,  
      vos quer ter aqui consigo:  
      este diz, “há de ir comigo”:  
      aquele: “aqui se há de estar”:  
      e é muito para chorar,  
      que um andor tão buliçoso  
      sempre o tenham duvidoso  
      entre partir, e ficar.
  
- 3    A mim me tem parecido,  
      por fugir pesares artos,<sup>523</sup>  
      que um algoz vos faça em quartos,  
      que os tendes bem merecido:  
      e que cada qual Cupido,

---

<sup>523</sup> *artos*: ver nota 193

o que leva, e o que atraca,  
da vossa carne velhaca  
leve um quarto por partilha,  
e dos quartos a quadrilha  
como irmãmente da vaca.

- 4 Para repartir-vos bem  
entre os quatro quadrilheiros,  
tirem-se os quartos inteiros  
soã, coxão, alcatra, acém:  
e se entre eles houver quem  
vos dê mais prazer, e gosto,  
esse leve o entrecosto,  
a alcatra, quem bem vos quer,  
o acém, o que mais vos der,  
e o coxão a todo o posto.

A MESMA APPARECENDO NO DIA DAS VIRGENS  
VESTIDA DE LUTO

Betica: que dó é esse,  
de que por Virgens te vestes?  
acaso é, que dó tivestes,  
de que tal bem se perdesse?  
compre-te, quem te conhece,  
que eu vendo-te assim vestida  
com dó, te vejo saída,  
e creio, que já és tal,  
que cores te fazem mal,  
e honesto só te dá vida.

IGNACIA IRRITADA DESTA SATYRA  
DESCOMPOZ DE PALAVRAS AO POETA E ELLE  
SE DESPICA COM ESTAS DÉCIMAS.

- 1 Branca em mulata retinta,  
quem vos meteu no caqueiro,  
que uma pinga de tinteiro  
não suja a mais branca tinta!  
mas se sois branca distinta,  
se sois sem mistura branca,  
que importa, se a porta franca  
tendes a todo o pismão,<sup>871</sup>  
aos Brancos pelo tostão,  
aos Mulatos pela franca.
  
- 2 Vós sois mulata tão mula,  
que amais fanada mulata  
é negra engastada em prata,  
e vós sois mulata fula:  
se quem lá vai, vos adula,  
e de sangue vos melhora,  
porque lho deis cada hora,  
dai-lo cada vez, que vá,  
que na catinga verá  
que sois branca como amora.
  
- 3 As putas do toque-emboque  
são putas esfarrapadas,  
são paredes arruinadas  
com seu branco por reboque:  
eu não meto o meu estoque

---

<sup>871</sup> *pismão*: ver nota 619.

em burquéis esfurcados  
porque vasos tão usados  
de estoques, ou membros vivos  
não são vasos, são uns crivos,  
de que os membros saem relados.

- 4 Viveis no jogo da bola,  
só por teres sempre à vista  
o Monge, que vos conquista,  
o Frade, que vos consola;  
e quando vos falta a esmola  
aos soldados vos tornais,  
e como ali não achais  
a cura, que pertendeis,  
cos Frades vos corrompeis,  
e assim nunca vos soldais.

SENTIO-SE BRAZIA GRAVEMENTE DESTA  
SATYRA, E O POETA AGORA CAVILLOSAMENTE  
À SATISFAZ COM ESTAS DÉCIMAS.

- 1 Brásia: aqui para entre nós  
muitos vossos males sinto,  
porque me dizem, que minto,  
no que falei contra vós:  
se a informação foi atroz,  
os versos como seriam?  
mas os que vos conheciam,  
não me desmentiram não,  
senão os da informação,  
que esses são, os que mentiam.
  
- 2 Estou mui arrependido,  
e muito desenganado,  
de que este povo é malvado,  
falso, fito, e fementido:  
vós sois como o sol luzido,  
que inda que eclipses padece,  
como em um instante tece  
mais gala a seu luzimento,  
vencido o assombramento,  
muito mais claro aparece.
  
- 3 Assim vós sombras vencendo  
de inveja, e de detrações  
ides com mais perfeições  
a verdade amanhecendo:  
eu a vossas luzes rendo

minha dor e contrição  
de haver-vos dado ocasião  
a tão de sentidos pesares,  
e pois o sol busca os mares,  
não fujais meu pranto não.

4 Estou mui desenganado,  
que os mesmos murmuradores  
vão ao campo a buscar flores,  
que não vêm no povoado:  
por isso no ameno prado,  
onde tendes as raízes,  
há quatro flores de Lises  
Escolástica, Apolônia,  
a flor de Brásia, e Antônia  
tão belas, como felizes.

5 Vivei por entre os verdores  
de anos poucos, que contaís,  
com que cada qual sejais,  
a Matusalém das flores:  
vivei tanto, que os amores  
ao mesmo Amor ensineis,  
e porque temo, falteis  
de flores à condição,  
na beleza, e duração  
flores perpétuas sereis.

6 Tanto quero, que vivais,  
que essoutras papoulas pardas  
vendo flores tão galhardas  
creiam, que as avengejais:



tanto assim permaneçais  
tão mestra da formosura,  
que té a flor mais futura,  
que está ainda por nascer,  
nasça só para aprender  
beleza, e mais compostura.

- 7 E pois minha contrição  
de todo me tem trocado,  
eu me dou por perdoado,  
sem ter conta de perdão:  
mas faço conta, que não  
hei de tornar a ofender-vos,  
e se basta a merecer-vos,  
meu sentimento, e meu pranto,  
perdoai-me, Brásia, enquanto  
busco algum modo de ver-vos.

A HUMA DAMA QUE SE DESVIAVA DE LHE  
FALAR.

MOTE

*Busco, a quem achar não posso.*

Amo sem poder falar,  
morro, porque quero bem,  
o calar morto me tem,  
quero, mas quero calar:  
porque enfim hei de penar  
sendo toda vida vosso,  
pois por mais que me alvoroço  
largando as velas à fé,  
morro, meu amor, porque  
Busco, a quem achar não posso.

PONDERA QUE OS DESDENS SEGUEM SEMPRE  
COMO SOMBRAS O SOL DA FORMOSURA.

Cada dia vos cresce a formosura,  
Babu, e tanto cresce, que me embaça,  
Se cresce contra mim, alta desgraça,  
Se cresce para mim, alta ventura.

Se cresce por chegar-me à mor loucura,  
Para seres mais dura, e mais escassa,  
Tal rosto se não mude, antes se faça  
Mais firme do que a minha desventura.

De que pode servir, seres mais bela,  
Ver-vos mais soberana, e desdenhosa?  
Dai ao demo a beleza, que atropela,

Bendita seja a feia, e a ranhosa,  
Que roga, que suspira, e se desvela  
Por dar-se toda a troco de uma prosa.

RESOLVE-SE BRITES TOTALMENTE A DEYXAR  
OS GALANTEYOS DO POETA POR LOGRAR SEUS  
PROPRIOS INTERESSSES: E COMPADECIDA  
DESTAS QUEBRAS THEREZA IRMÃA DE BRITES  
REPETIO AO POETA PASSANDOLHE PELA RUA O  
SEGUINTE

MOTE

*Campos bem-aventurados,  
tornai-vos agora tristes,  
que os dias, em que vos vistes  
alegres, já são passados.*

- 1 Estes campos, que a firmeza  
com tais afetos cultiva,  
se choram ser Lise esquiva,  
não os muda uma aspereza:  
que renascendo a beleza  
dessa Deusa em seus cuidados,  
mostram, quando derrotados  
da tirana sem razão,  
que por amar Lise, são  
Campos bem-aventurados.
- 2 Neles sempre Amor perfeito  
sustentou tantos poderes,  
que não pode Malmequeres  
tirá-lo nunca do peito:  
as mais flores com efeito  
(segundo vós advertistes)

ficaram tais, quais as vistes,  
e em suma melancolia  
o mesmo sol lhe dizia,  
Tornai-vos agora tristes.

3 Não é maravilha não  
durar nos campos tal flor,  
que como a cultiva Amor,  
sempre guarda a duração:  
e assim não pode a paixão  
deixá-la, como inferistes,  
que posto os meus olhos tristes  
não logrem sua beleza,  
mais firme estou na fineza,  
Que os dias, em que vos vistes.

4 E por fim não há rigor,  
que abalar possa esta fé,  
pois nela, e em mim se vê,  
que a Lise só tenho amor:  
não merecer seu favor  
não basta para os cuidados,  
pois da pena acrisolados,  
requintando idolatrias,  
vendo de amor as porfias  
Alegres já são passados.

ERA DESTA MULATA BASTANTEMENTE  
DESAFORADA E O POETA, QUE À NÃO PODIA  
SOFRER LHE CANTA A MOLIANA.

- 1 Caquenda, o vosso Jacó  
me deu com risa não pouca<sup>751</sup>  
notícias da vossa boca,  
e tão bem do vosso có:  
diz, que está tornando um Jó  
pobre, pobre, e lazarento:  
porque quando o barlavento  
navegava o vosso charco,  
sempre enjoou nesse barco  
por ser muito fedorento.
  
- 2 Afirma, que a vossa quilha  
em chegando a dar a bomba,  
se muito vos fede a tromba,  
muito vos fede a cavilha:  
a mim não me maravilha,  
que exaleis esses vapores,  
porque se os cheiros melhores  
caçoula formam conjuntos,  
de muitos fedores juntos  
nasce o fedor dos fedores.
  
- 3 Triste da boca enganada,  
que sendo vossa cativa,  
quando convosco mais priva  
então beija uma privada:

---

<sup>751</sup> *risa*: ver nota 346.

vós não sois não desdentada,  
com que o fedor vos não toca:  
porém isso me provoca  
a ver, se o fedor acaso,  
vai da boca para o vaso,  
se do vaso para a boca.

- 4 Isto suporte, é o caso,  
a querer, e namorar,  
que a natureza vos troca  
o bacalhau para a boca  
o mau bafo para o vaso:  
eu me consumo, e me abraso,  
por saber, minha Brásica,  
com isto se comunica,  
ou como vos não faz minguá  
fornicar-vos pela língua  
e beijar-vos pela crica.<sup>752</sup>
- 5 Fedendo em baixo, e em cima,  
que sois má casa, receio,  
e quem viver nesse meio,  
inda assim cresce em mau clima:  
de cima o fedor lastima,  
de baixo sobem maus fumos,  
e entre tão ruins perfumos  
dirá o triste gazul,  
pois fedeis de Norte a Sul,  
que fedeis de ambos os rumos.
- 6 Como o sêmen, que entornais,

---

<sup>752</sup> *crica*: ver nota 321.

dá fedores tão ruins,  
é de crer, que lá nos rins  
algum bacio guardais:  
e pois tanto tresandais,  
quando remolhando as botas  
as dais ao som das cachotas,  
tenho por remédio são,  
que tomeis, as que vos dão,  
mas vós a ninguém deis gotas.

- 7 Se a boca vos fede a caca,  
e tanto, puta, fedeis,  
eu creio, que descendeis  
de alguma Jaratacaca:  
sobre seres tão velhaca,  
que não há pobre despido,  
que vos tenha dormido,  
Jaratacaca bufais,  
e quando vós fornicais,  
deixais o membro aturdido.
- 8 Fedeis mais que um bacalhau,  
e prezai-vos de atrevida,  
como que se a vossa vida  
não fora sujeita a um pau:  
olhai, não vos dê o quinau  
um Mina de cachaporra,  
que um cão morde uma cachorra,  
e se em ser puta vos fiais,  
sois puta, que tresandais,  
e enfastiais toda a porra.



A MARGARIDA, MULATA PERNAMBUCANA QUE  
CHORAVA AS ESQUIVANÇAS DE SEU AMANTE  
COM PRETEXTO DE LHE HAVER FURTADO HUNS  
CORÁES.

- 1 Carira: por que chorais?  
que é perdição não vereis,  
as pérolas, que perdeis  
pela perda dos corais?  
pérolas não valem mais  
dos vossos olhos chorados,  
que de coral mil ramadas?  
pois como os olhos sentidos  
vertem por corais perdidos  
pérolas desperdiçadas?
- 2 Basta já, mais não choreis,  
que os corais, todos sabemos,  
que não tinham os extremos,  
que vós por eles fazeis:  
que os quereis cobrar, dizeis:  
mas como em cobrança tal  
meteis tanto cabedal?  
como empregais nesta empresa  
o aljôfar, que val, e pesa  
muito mais do que coral?
- 3 Vós sois fraca mercadora,  
pois em câmbio de uns corais  
tais pérolas derramais,  
quais as não derramais,  
quais as não derrama Aurora:

sempre o negócio melhora  
a Damas do vosso trato,  
mas sem risco, e mais barato:  
e em vós é fácil de crer,  
que os corais heis de perder,  
sobre quebrar no contrato.

- 4 Se vós adita o sentido,  
que o mar cria coral tanto,  
e no mar do vosso pranto  
se achará o coral perdido:  
levais o rumo torcido,  
e ides, Carira, enganada,  
porque a água destilada,  
que te os beiços vos corria,  
muito coral vos daria  
de cria, mas não de achada.
- 5 Se tratais ao camarada  
de ladrão, de ladronaço,  
porque vos tirou do braço  
coral, que val pouco, ou nada:  
é, que estais apaixonada,  
bem que com pouca razão:  
mas ponde-lo de ladrão,  
quando os corais bota fora,  
e não os ponde na hora,  
que vos rouba o coração.

DESENGANADO O POETA AO EFPEYTOAREMSE  
AQUELLAS VODAS COM HUM MOÇO  
LICENCIADO SAHIO RAYVOSAMENTE COM  
ESTA SATYRA.

1 Casai-vos, Brites, embora,  
mas advertir, que em solteira  
se até aqui fostes rendeira,  
sereis costureira agora:  
heis de coser cada hora,  
para enganar o esposado,  
esse berbigão rasgado:  
saiba o Moço de corrida,  
que andais por ele cozida,  
quando ele por vós assado.

2 Se por douto se vos vende,  
bem sabe a filosofia,  
mas tão pouca astrologia,  
que, o que é virgo, não entende:  
e se na esfera pertende  
lançar linhas sem medida,  
ignorância é conhecida,

pois a saber as da esfera,  
logo as linhas conhecera,  
com que vos estais cosida.

3 Pontos em cousa surrada  
fazem o feitio caro:  
melhor é falar-lhe claro,  
e dizer, que estais usada:  
não entenda o Noivo nada  
dos usos, que há em direito,  
que eu, que lhe tenho algum jeito,  
sei, que a vossa honrinha falsa,  
posto que um ponto só calça,  
grande entrada tem no peito.

4 O que me tem mais confuso,  
é, que casar-vos temais,  
porque tão usada estais,  
sendo a gala andar ao uso:  
se o Noivo está já obtuso  
na regra de musa musa,  
como há de tomar a escusa,  
de casar com Noiva honrada,

por se dizer ser usada,  
se o que se usa, não se escusa.

5 Anima-vos, Brites, pois,  
tomai de casada o estado,  
servireis de guardar gado,  
pois sabeis o nome aos bois:  
e se o Noivo lá depois  
vos der no rasto da linha,  
dixeis chorosa, e mesquinha  
(culpando o poder do Amor)  
não é culpa do pastor  
meterem-lhe os bois na vinha.

6 Quem fez ao Noivo capaz  
de vos tocar na desonra,  
quando vós em pontos d'honra  
excedeis ao Noivo assaz?  
não é ele tão audaz,  
que fale no vosso vício,  
pois lhe fazeis benefício  
casando, que sois na empresa  
honrada por natureza

não só, mas por artifício.

7 Quereis (fora vá de pulha)  
por dar à vida descarga,  
que numa barra tão larga  
entre o Noivo pela agulha?  
vós mesma fazeis a bulha,  
pois dais com essa cautela  
sinais da vossa mazela;  
agulha se há de escusar,  
que para essa foz entrar,  
o que importa, é pôr a vela.

8 Muito ao Noivo lhe convinha,  
que vós por me dar o jeito  
entupísseis bem o estreito,  
para que ele passe a linha:  
e se a hora for mesquinha,  
que antes da linha passada  
ache calma, ou trovoadas,  
com que se esgote o fresco,  
vós fareis, com ele o fresco,  
para seguir a jornada.

9 Casai-vos, bebei o trago,  
que estou já frito, e assado  
por ver o Licenciado  
alagado nesse lago  
sempre me destes mau pago  
ao bem, que sempre vos quis,  
e agora estou por um triz  
de bem vingado me ver,  
se vos quer, ou não vos quer  
o Sô Licenciado Ortis.

10 Ele virá no partido,  
porque verá como honrado,  
que qualquer virgo ensopado  
não tem mais do que cozido:  
ele é da terra o Cupido,  
o Narciso, e o Nanaço,  
e não sirva de embaraço  
não ir para a nova casa,  
cabaço, que se ele casa,  
eu jurarei, que é cabaço.

A QUATRO NEGRAS QUE FORAM BAYLAR  
GRACIOSAMENTE A CASA DO POETA MORANDO  
JUNTO AO DIQUE.

Catona, Ginga, e Babu,  
com outra pretinha mais  
entraram nestes palhais  
não mais que a bolir co cu:  
eu vendo-as, disse, Jesu,  
que bem jogam as cambetas!  
mas se tão lindas violetas  
costuma Angola brotar,  
eu hoje hei de arrebentar,  
se não durmo as quatro Pretas.



LAMENTA O POETA OS DESVIOS, E RIGORES,  
QUE MOSTROU FLORALVA DAHI POR DIANTE.

Chorai, tristes olhos meus,  
que o chorar não é fraqueza,  
quando Amor vos tiraniza,  
os sentidos, e as potências.  
Senti, pois tendes razão,  
uma ausência tão violenta,  
que a luz, meus olhos vos tira,  
sem alma o corpo vos deixa.  
Senti, coração, senti,  
pois por vossa culpa mesma  
emprendi um impossível  
tão fácil em me dar penas.  
Chorai, que chorais mui pouco,  
se a causa se considera,  
porque uma ausência chorais,  
e heis de sentir uma quebra.  
A ausência é um mal curável,  
que com dois dias de pena  
dá gosto ao terceiro dia,  
vendo-se, o que se deseja.  
A quebra é mal sem remédio,  
pois se desata, e desfecha  
aquela união das almas,  
de que a vida se alimenta.  
Eu hei de perder Floralva,  
não porque ingrata me seja,  
mas como vivo amanhã,  
sou mofino, hei de perdê-la.

PERTENDE AGORA PERSUADIR A HUM  
RIBEYRINHO A QUE NÃO CORRA, TEMENDO,  
QUE SE PERCA: QUE HE MUY PROPRIO DE HUM  
LOUCO ENAMORADO QUERER QUE TODOS  
SIGAM O SEU CAPRICHU, E RESOLVE A  
COBIÇARLHE A LIBERDADE.

Como corres, arroio fugitivo?  
Adverte, pára, pois precipitado<sup>324</sup>  
Corres soberbo, como o meu cuidado,  
Que sempre a despenhar-se corre altivo.

Torna atrás, considera discursivo,<sup>325</sup>  
Que esse curso, que levas apressado,  
No caminho, que emprendes despenhado  
Te deixa morte, e me retrata ao vivo.

Porém corre, não pares, pois o intento,  
Que teu desejo conseguir procura,  
Logra o ditoso fim do pensamento.

Triste de um pensamento sem ventura!  
Que tendo venturoso o nascimento,  
Não acha assim ditosa a sepultura.

---

<sup>324</sup> *Adverte*: em sentido figurado, *reflete*.

<sup>325</sup> *Torna atrás*: desiste, não continue.  
*considera discursivo*: pondera, pensa bem.

A HUMA DAMA MANDANDO-SE COSSAR EM  
HUM BRAÇO PELO SEU MOLEQUE, E SENTINDO,  
QUE DAQUELLE CONTACTO SE LHE ENTEZAVA  
O MEMBRO, O CASTIGOU.

- 1 Corre por aqui uma voz,  
e vem a ser o motivo,  
Sílvia, que o vosso cativo  
se levantou para vós:  
o caso é torpe, e atroz,  
e quis, que a fama corresse  
só para que se estendesse  
pelo vosso braço, e mão,  
que junto ao fogo o carvão  
era força, se ascendesse.
  
- 2 Vós mandastes, que o moleque  
vos fosse o braço coçar,  
e ele quis vos esfregar  
mais que o braço, o sarambeque:  
procedeu bem o alfaqueque,<sup>748</sup>  
se bem nisso se repra,  
e eu o mesmo intentara,  
se me vira nesses passos,  
que isto de chegar a braços,  
bem sabeis vós, no que pára.
  
- 3 Vós estendestes a mão,  
e chegando-lha a barguilha  
entre virilha, e virilha  
topastes um camarão:

---

<sup>748</sup> *alfaqueque*: ver nota 399.

ia entrando no tesão  
o coitado do negrete,  
e porque vós em falsete  
tal grito lhe levantastes,  
como o fogo lhe afastastes,  
apagou-se-lhe o pivete.

- 4 Se outra vez vos der a tosse  
de coçar a comichão,  
não chameis o negro não,  
coçai-vos, com que vos coce:  
e se estais já sobre posse,  
ou vos não podeis mexer,  
deixai a sarna a comer,  
pois bem sabeis, que há de andar  
atrás do comer coçar,  
e atrás do coçar foder.

AO MESMO ASSUMPTO E NA MESMA OCCASIÃO.

Corrente, que do peito desatada  
Sois por dois belos olhos despedida,  
E por carmim correndo desmedida  
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Não sei, quando caís precipitada  
As flores, que regais, tão parecida,  
Se sois neve por rosa derretida,  
Ou se a rosa por neve desfolhada.

Essa enchente gentil de prata fina,  
Que de rubi por conchas se dilata,  
Faz troca tão diversa, e peregrina,

Que no objeto, que mostra, e que retrata,  
Mesclando a cor purpúrea, e cristalina,  
Não sei, quando é rubi, ou quando é prata.

## SEGUNDA IMPACIÊNCIA DO POETA

Cresce o desejo, falta o sofrimento,  
Sofrendo morro, morro desejando,  
Por uma, e outra parte estou penando  
Sem poder dar alívio a meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,  
Está-me um gesto grave acorbadando,  
E tenho por melhor morrer calando,  
Que fiar-me de néscio atrevimento.

Quem pertende alcançar,espera, e cala,  
Porque quem temerário se abalança,  
Muitas vezes o amor desiguala.

Pois se aquele, que espera sempre alcança,  
Quero ter por melhor morrer sem fala,  
Que falando, perder toda esperança.

TORNA ESTA DAMA A INVESTIR SEGUNDA VEZ  
AO POETA PEDINDOLHE HUMA GALA, E ELLE  
FAMOSAMENTE SE DESEMPULHA DESTE MODO.

Culpa fora, Brites bela,  
não vos dar aquela gala,  
em que o vosso amor me fala  
tantas vezes com cautela:  
mas que gala será? Tela?  
Tela não, minha menina,  
porque como sois tão fina,  
e tão lindo Serafim,  
para luzirdes assim  
vossa gala é serafina.

TERCEIRA IMPACIÊNCIA DOS DESFAVORES DE  
SUA SENHORA.

Dama cruel, quem quer que vós sejais,  
Que não quero, nem posso descobrir-vos,  
Dai-me agora licença de argüir-vos,  
Pois para amar-vos tanto me negais.

Por que razão de ingrata vos prezais,  
Não pagando-me o zelo de servir-vos?  
Sem dúvida deveis de persuadir-vos  
Que a ingratidão a formosenta mais.

Não há cousa mais feia na verdade;  
Se a ingratidão aos nobres envilece,  
Que beleza fará uma fealdade?

Depois que sois ingrata, me parece  
Torpeza hoje, o que ontem foi beldade  
E flor a ingratidão, que em flor fenece.



## VEM, QUE ESTOU PARA TAS DAR.

### MOTE

*Dá-mas, Mana, que tas dou,  
que tas estou esperando,  
mete-me a língua na boca,  
enquanto tas estou dando.*

- 1 Vem, que estou para tas dar,  
chega-te, vida, que morro,  
necessito de socorro,  
não me queiras acabar:  
estou já para estalar,  
não me ajudas, por quem sou?  
que para tas dar estou:  
pois que é isto? tanto tardas?  
acaba, vida, que aguardas?  
Dá-mas, Mana, que tas dou.
  
- 2 Meu coração, que me abraso,  
morro com tão lindo gosto,  
que em perigo me tem posto  
gosto de tão lindo vaso:  
vê, que se vem passo a passo  
estas lágrimas chegando:  
dize, meu bem, para quando,  
hão de ser? olha, que vem:  
acaba, dá-mas, meu bem,  
Que tas estou esperando.

- 3 Acrescenta o excessivo,  
para o gosto acrescentar,  
não queiras, vida, matar,  
a quem morre, estando vivo:  
e se em modo tão esquivo  
o gosto sempre se apouca,  
por que seja igual a troca,  
que fazemos neste caso,  
pois tens o membro no vaso,  
Mete-me a língua na boca.
- 4 Hás, pois, vida, de advertir,  
que em modo tão sublimado  
se acha menos desmaiado,  
quem mais se deixa dormir:  
para mais tempo sentir,  
o que estamos trabalhando,  
quisera, vida, que quando  
me canso para tas dar,  
nunca quisera acabar,  
Enquanto tas estou dando.

PERTENDE O POETA INTRODUIZIR-SE, COM A  
PRIMEYRA, OU SEGUNDA.

- 1   Dá-me Amor a escolher  
de duas uma demônia,  
ou Inácia, ou Apolônia,  
e eu me não sei resolver:  
a ambas hei de querer,  
porque depois de as lograr  
mais fácil será acertar,  
que nos riscos da eleição  
o seguro é lançar mão  
de tudo por não errar.
  
- 2   Assim será: mas que monta  
isto que fazer pertendo,  
se dirão, que estou fazendo  
sem a hóspeda esta conta:  
qual delas será tão tonta,  
que se acomode aos desares  
de partir com seus pesares  
amor, assistência, e tratos,  
se as Damas não são sapatos,  
que se hajam de ter aos pares.
  
- 3   Mas se debaixo da Luz  
não val mais esta, que estoutra  
eu não deixo, uma por outra,  
nem escolho outra por uma,  
não há dúvida nenhuma,  
que ambas são moças de porte,  
e se não mo estorva a morte,

ambas me hão de vir à mão,  
Inácia por eleição,  
e Apolônia pela sorte.

- 4 Isto que remédio tem,  
sejam entre si tão manas,  
que repartindo as semanas,  
vá uma, quando outra vem;  
que eu repartirei também  
jimbo, carinho, e favor,  
porque advirta algum Doutor,  
que sendo à lógica oposto,  
na aritmética do gosto  
pode repartir-se o amor.

CERTO COMISSARIO DA PRAYA SEU AMAZIO,  
SABENDO, QUE ANTES DE ELLA IR À SUA CASA,  
COSTUMAVA PRIMEYRO TRATAR CO MANUEL  
RAMOS PARENTE, LHE PREPAROU UMA  
LAVAGEM DE PIMENTAS, DE QUE FICOU EM  
MISERAVEL ESTADO.

- 1   Dá-me, Betica, cuidado,  
o desastre, que tivestes,  
quando gulosa comestes  
o paio salpimentado:  
não era inda divulgado  
vosso mal, vosso desmaio,  
quando eu soube como um raio  
de u' as agulhas ferrugentas,  
mas não gostastes do paio.
  
- 2   Em vinganças tão cruentas  
tenho por justas seqüelas,  
que, a quem dais dor de canelas,  
vos dê dores de pimentas:  
mais vezes do que duzentas  
vos mandou pôr atalaia  
o vosso amigo da praia,  
e vendo, que o outro malho  
vos punha de vinha-d' alho  
quis pôr-vos de jiquitaia.
  
- 3   Fez bem vosso barregão,  
pois que vi com seu olho,  
que vínheis com tanto molho,

de botar-lhe o pimentão:  
vós vínheis de outra ocasião  
que ele viu, e coligiu,  
e como tanto o sentiu  
(sendo vós sua manceba)  
que muito, que vos receba  
com puta que te pariu.

4 Ele vos pôs justamente  
Betica, em tanto perigo,  
porque se tendes amigo,  
não tendeis outro parente:  
nem se sofre à boa mente  
(inda que sejam subornos  
a beleza, e os adornos)  
que uma Moça de reclamos  
se deite à sombra dos Ramos,  
se os Ramos produzem cornos.

5 E pois vos vejo estalar  
tomara agora saber,  
em que vaso heis de cozer,  
o que haveis de manducar?  
eu não hei de lá chegar,  
bem que a estrela violenta  
me inclina, arrasta, e atenta,  
pois tendes vaso tão mau,  
que sobre ser bacalhau  
tem muchíssima pimenta.

6 Mas deixada esta matéria,  
a saber de vós me alhano,

que é feito daquele abano,  
com que à noite da miséria  
a vossa negra Quitéria  
(sendo na gema do inverno)  
vos abanava o interno  
do vaso, que em viva chama  
vos ardia mais na cama,  
que o Avarento no Inferno.

ROGA O POETA À SUA ESPOSA, QUE SUSPENDA  
O REMEDIO DAS SANGRIAS

De uma dor de garganta adocestes,  
E foram, Tisbe, quando vos sangrastes,  
Piques aquela dor, de que enfermastes,  
Rosas aquele sangue, que vertestes.

Oh que discretamente discorrestes  
No remédio, que à dor logo aplicastes,  
Pois por força nas rosas, que lançastes,  
Haviam de ir os piques, que tivestes.

Mas ai! que por meu mal desejo agora  
Um novo mal em vós, ó Tisbe minha;  
E se o pode alcançar, quem vos adora,

Peço, que suspendais essa meizinha,  
Que se ainda mais rosas lançais fora,  
Receio, que fiqueis posta na espinha.



FINGE O POETA QUE SE ARREPENDE DE A TER  
AMADO, E TUDO PIQUES PARA SER QUERIDO.

De uma Moça tão ingrata  
que pode contar agora  
a Musa, que me arrebatou,  
senão que é falsa traidora,  
e traidoramente mata.

Para a ingratidão não sei,  
que se ponha certa a pena,  
porque se a condena a Lei,  
nunca certa pena achei  
na mesma Lei, que a condena.

Isto agraveza casou  
da culpa, que se condena,  
que como torpe a julgou,  
não pode chegar a pena,  
onde a ingratidão chegou.

A maior condenação,  
a mais terrível, e forte,  
é, quando de morte a dão;  
porém uma ingratidão  
não se paga nem co'a morte.

Mas eu vejo, que esta ingrata  
sobre não pagar co'a morte  
as vidas, que desbarata,  
vive ufana em sua sorte,  
e sobre viver me mata.

Não me mata a ingratidão,  
com que trata o meu amor,  
mata-me a satisfação,  
e glória, com que o rigor  
me dá como galardão.

Se chegara a conhecer  
que falta ao gratificar,  
me obrigara a mais querer,  
sem pressupor, que o dever  
é gênero de pagar.

Mas cuidar de presumida,  
que com deixar-se querer  
me paga os riscos da vida,  
e as ânsias do pertender  
com dar-se por pertendida:

É crueldade, é rigor,  
que nenhum peito suporta:  
mas recate o seu furor,  
que eu sei, que nem sempre amor  
há de estar atrás da porta.

Eu perdoara, o que deve  
a meu ardor, e fineza,  
e afirmo para firmeza  
esta quitação tão breve,  
que, do que lhe quis, me pesa.



## AO MESMO ASSUMPTO

Debuxo singular, pela pintura,  
Adonde a Arte hoje imita a Natureza,  
A quem emprestou cores a Beleza,  
A quem infundiu alma a Formosura.

Esfera breve: aonde por ventura  
O amor, com assombro, e com fineza  
Reduz incompreensível gentileza,  
E em pouca sombra, muita luz apura.

Que encanto é este tal, que equivocada  
Deixa toda a atenção mais advertida  
Nessa cópia à Beleza consagrada?

Pois ou bem sem engano, ou bem fingida  
No rigor da verdade está pintada,  
No rigor da aparência está com a vida.

RESPONDE O POETA A HUM MAL CONSIDERADO  
AMIGO, QUE O MATRAQUEAVA DE COBARDE  
NESTA MATERIA.

Deixei a Dama, a outrem, mas que fiz?

Deixar o começado é ser falaz,  
Porém Amor por louco, e por rapaz  
Ao mesmo tempo afirma, e se desdiz.

Consenti de outro amante ações gentis,  
Largando o bem, fiquei dele incapaz,  
Se eu não souber fazer, o que outrem faz,  
Que muito, que outrem queria, o que eu não quis.

O sítio, em que a vontade a mim me pôs,  
Do qual fora a razão já me conduz,  
Seja a outrem prisão, seja cadoz.

Seja ele o infeliz, que eu ser propus  
Alexandre, que em laços cortou nós,  
Teseu, que em labirintos achou luz.

DESCREVE O POETA O MELINDRE, COM QUE  
ESTA GALHARDA DAMA SAHIO A SER VISTA DO  
MESMO POETA DEPOIS DE MUYTOS ROGOS SEM  
EFFEYTO DE VARIAS PESSOAS, E SOMENTE A  
PEDITORIO DE GENEBRA.

Depois de mil petições  
deste, daquele, e daquela  
saiu Brites para fora  
a rogo só de Genebra.  
Atravessou toda a sala,  
chegou, e tomou cadeira,  
ela diz, que com vergonha,  
mas eu não dou fé de vê-la.  
Porque a coisa mais oculta,  
mais escondida, e secreta,  
é de Brites a vergonha,  
porque não há, quem lha veja.  
Vi eu aquele prodígio  
de graça, e de gentileza,  
e absorto estive admirando  
sobre uma pedra outra pedra.  
Até que tornei em mim,  
e por cortês recompensa  
(uma razão mais, ou menos)  
lhe fui dizendo esta arenga.  
Permitiu minha ventura,  
não sei se a minha desgraça,  
que não cegasse com ver-te,  
para padecer mais ânsias.  
Que sempre em ódio de um triste  
faz natureza mudanças

pois cheguei a ver um sol,  
sem ter as potências d'águia.  
Movido da mão de Amor,  
das liberdades pirata,  
por fim dei a meus suspiros  
tumba ardente, amante frágua.  
E por ser curta a vitória  
para beleza tamanha,  
achei que era pouco excesso  
entregar-te toda um'alma.  
De novo não me rendi,  
que era fineza encontrada,  
ter ainda, que render-se  
d'alma, que vendida estava.  
Mas por obrar as finezas  
em respondência das causas  
fiz contando as tuas prendas  
mil holocaustos desta alma.  
Enfandei de mui rendido,  
que amor sem ventura enfada,  
mas não me emendei de amar-te,  
de mofino me emendara.  
Vimos p'ra casa, e cantei  
ao som da minha guitarra  
“ay, verdades, que en amor  
siempre fuistes desdichadas.”  
E Brites me respondeu  
tão doce, como tirana:  
en vano llama la puerta,  
quien no ha llamado en el alma.

NECESSIDADES FORÇOSAS DA NATUREZA  
HUMANA.

Descarto-me da tronga, que me chupa,  
Corro por um conchego todo o mapa,  
O ar da feia me arrebatava a capa,  
O gadanho da limpa até a garupa.

Busco uma Freira, que me desentupa  
A via, que o desuso às vezes tapa,  
Topo-a, topando-a todo o bolo rapa,  
Que as cartas lhe dão sempre com chalupa.

Que hei de fazer, se sou de boa cepa,  
E na hora de ver repleta a tripa,  
Darei, por quem ma vase toda Europa?

Amigo, quem se alimpa da carepa,<sup>655</sup>  
Ou sofre uma muchacha, que o dissipa,  
Ou faz da sua mão sua cachopa.

---

<sup>655</sup> *alimpa da carepa*: melhora de preposição, sai da miséria.



ALCANÇOU O POETA OCCASIÃO DE LOGRAR OS  
FAVORES DE THEREZA, E A HUM DESMAYO,  
COM QUE O RECEBEO, FEZ ESTE SONETO.

Desmaiastes, meu bem, quando uma vida  
Recuperais no logro da ventura,  
Mostrando, que é delito à formosura  
Deixar de amor a posse tão valida.

Parece-vos, amores, que corrida  
Vos mostrasse a fineza, se a doçura  
Não deixara o carinho da brandura  
Na confusão do gosto suspendida.

Ora não, minha vida, não consiste  
O melindre da Dama nos desmaios,  
Com que agora a vergonha vos assiste.

Que Amor só vive, quando em seus ensaios  
Ao incêndio do gosto se resiste,  
E aos fulgores do sol fomenta os raios.

AMOROSA HYPOCREZIA DE CONFORMIDADE  
EM PENAS.

Deus vos dê vida, Babu,  
para tirar-me, a que tenho,  
que segundo usais comigo,  
eu vos não sinto outro jeito.  
Todo o bairro sente o dano,  
que ides ao bairro fazendo,  
só eu não sinto o meu mal,  
mas antes vo-lo agradeço.  
Porque se a vossa beleza  
é causa do meu tormento,  
como hei de sentir meu mal,  
se é tão forçoso, e tão belo.  
Matai-me, embora, contanto  
que saibam, que estou morrendo,  
Babu, de vossa beleza,  
porque entendam, que o mereço.  
Quem perder por vós a vida,  
e com tal merecimento,  
que chegue a morrer por vós,  
que mais quer, que merecê-lo?  
É verdade, que lastimo,  
aos que assim me vêm morrendo,  
que a glória do padecer  
não pode entendê-la um néscio.  
Lástima os néscios me têm,  
e poderão ter-me os néscios  
de ver-me morrer inveja,  
mais de que ver-me vivendo.  
Viver, não pode, quem ama,

e eu olvidar-vos não quero,  
se hei de morrer, quando amo,  
e viver, quando aborreço.  
Morra embora de adorar-vos,  
que este é formoso tormento,  
esta a suave agonia,  
este o pesar lisonjeiro.  
Dai-me licença, que escolha,  
nestes dois contrários meios  
antes morrer por amar-vos,  
que viver de aborrecer-vos.

AO MESMO ASSUMPTO.

Devem de ter-me aqui por um Orate<sup>326</sup>  
Nascido lá na gema do Lubeque,  
Ou por filho de algum triste Alfaqueque<sup>327</sup>  
Daqueles, que trabucam lá em Ternate.

Porque um me dá o glosar um desparate,  
E quer, que se lhe imprima com crasbeque;  
Outro vem entonando como um Xeque,  
E fala pela língua de um mascate.

Anda aqui a poesia a todo o trote,  
E de mim correr já como um lambique,  
Não sendo eu destilador brichote.<sup>328</sup>

Outro vem, que casou em Moçambique,  
E vive co'a razão de vinho, e brote,  
Que o Sogro deu, e o Clérigo Cacique.

---

<sup>326</sup> *orate*: insensato, louco.

<sup>327</sup> *alfaqueque*: resgatador de escravos ou de prisioneiros; emissário.

<sup>328</sup> *brichote*: termo pejorativo para *estrangeiro*.

LIZONGEA OUTRA VEZ IMPACIENTE A  
RETENÇÃO DE SUA MESMA DESGRAÇA.  
ACONSELHANDO A ESPOSA NESTE REGALLADO  
SONETO.

Discreta, e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora  
Em tuas faces a rosada Aurora,  
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia  
O ar, que fresco Adônis te namora,  
Te espalha a rica trança voadora,  
Quando vem passear-te pela fria:<sup>329</sup>

Goza, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo trota a toda ligeireza,  
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade  
Te converta em flor, essa beleza  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

---

<sup>329</sup> *Pela fria:* pela madrugada.

A HUMA MULHER QUE SE BORROU, ESTANDO  
NA IGREJA EM QUINTA FEIRA DE ENDOENÇAS.

1 Diz, que a mulher da buzeira<sup>731</sup>  
na Cachoeira nasceu,  
e assim quando a dor lhe deu,  
vazou como cachoeira:  
mas a gente, a quem mal cheira  
a cebolinha cecém,  
disse, que era de Siquém,  
e outra ali se confrangia  
ou judia ou não judia  
não me cheira a mulher bem.

2 Como havia de cheirar  
a fêmea em pressa tão alta,  
se a cachoeira lhe falta,  
para haver de se lavar;  
mas logo mandou levar;  
por uma negra Xarifa<sup>732</sup>  
a alcatifa tão patifa,  
que eu ouvi pelos carrilhos,  
que a mulher cagou cadilhos,  
que lá iam na alcatifa.

3 Estavam ao redor dela  
umas Mocinhas garridas  
de nós todos conhecidas  
por vista, e por parentela:

---

<sup>731</sup> *buzeira*: por *buzeira*, ‘paça’, ‘barriga’.

<sup>732</sup> *xarifa*: de *xarifé*, título dos muçulmanos que visitaram Meca três vezes, podendo por isso usar turbante verde.

deram-lhe tão grande trela  
à pobrete da coitada,  
que disse uma camarada,  
era bem mais evidente  
ser limpa, e viver doente,  
que suja, e ficar purgada.

- 4 Ergueu-se a triste Senhora,  
e outra amiga lhe gritou,  
inda agora se purgou,  
já sai pela porta fora?  
sim Senhora: morra embora,  
e seja do vento grimpa  
u'a mulher, que se alimpa,  
e entre gente tão honrada  
não lhe basta estar purgada,  
para se crer, que está limpa.
- 5 Que fora, se hoje jantara!  
ontem ceei parcamente;  
não vi coisa mais corrente,  
que feijões da Pericoara:  
se meu amigo cheirara  
esse desar da buzeira,<sup>734</sup>  
corre risco, não me queira,  
como é todo um arminho,  
há de fazer-me focinho,  
como à coisa, que mal cheira.
- 6 Pô diabo, há de dizer,  
sem ser diabo, nem pó:

---

<sup>734</sup> *buzeira*: ver nota 731.

bebi o caldinho só,  
e o feijão não quis comer:  
que lhe havia eu de fazer,  
se o caldo era solutivo,  
e no corpo semivivo  
sem ter puxo, nem repuxo,  
artes de eu tomar o puxo,  
se saiu de seu motivo.

- 7 Eu nunca o caldo sentira  
sair-me pelo franjido,<sup>735</sup>  
a não ter outro sentido  
no nariz, que mo advertira:  
então vi, que se saíra,  
e temendo outra jornada  
(semelhante cavalgada  
não houve daqui ao Cairu)  
não pude enfrear o cu,  
e a fralda ficou selada.
- 8 Algum meu apaixonado  
a gritos de aqui-d’El-Rei<sup>736</sup>  
afirma que eu não caguei,  
e cuida, que o tem provado:  
meu amigo está empenhado  
em fazer esta pesquisa,  
e como é coisa precisa  
por sua honra defendê-lo,  
porá na matéria o selo,  
e eu lhe darei na camisa.

---

<sup>735</sup> *franjido*: por *franzido*, ‘pênis’.

<sup>736</sup> *aqui-del-rei*: ver nota 183.



- 9 A ocasião foi temerária,  
e na Igreja, onde assistia,  
não fazia valentia,  
mas fiz coisa necessária:  
a dor foi extraordinária,  
é, que neste desconcerto,  
é, que neste desacerto,  
e em tão grande desalinho  
um humor tão delgadinho  
me pudesse em tal aperto.
- 10 Era água simples de cubos  
a caca dos meus calções,  
com que entendam, que os feijões  
não tinham dez réis de adubos:  
não fedem pubas, nem pubos,  
o que fedia o meu rabo:  
foi caçoula do diabo,  
quanto me cheirava a caca,  
depois fui Jaratacaca,  
tresandava pelo rabo.
- 11 Fui-me logo para o mangue  
co'a fralda disciplinante<sup>737</sup>  
molhada atrás, e adiante,  
muita caca, e pouco sangue:  
com medo, que se remangue  
meu amigo contra mim,  
borrada fiquei assim,  
porque quando ele se segue,

---

<sup>737</sup> *fralda*: ver nota 329.

e algum bofetão me pregue,  
eu lhe apregue o fraldelim.

- 12 Se do dia de Endoenças  
a própria Etimologia  
são andanças do tal dia,  
para mim foram correnças:  
por evitar desavenças  
não irei mais aos sermões,  
onde há tantos empuxões,  
onde me agoniam Evas,  
Onde os Frades dão as trevas,  
e me fazem dar trovões.

POR UM ESCRAVO MANDOU O POETA À BETICA  
HUM FORMOSO CARÁ COM ESTE

MOTE

*Dize a Betica que quando  
buscava, que lhe mandar,  
um só cará pude achar,  
que por ser cará lho mando.*

- 1 Bernardo, há quase dous anos,  
que andais a ir, e a vir  
sem podermos conseguir  
de Betica, mais que enganos:  
se hás de dar fim a meus danos  
em vencê-la porfiando  
vai trazendo, e vai levando,  
e pois já chega a dizer  
que hei de lograr, e vencer,  
dize a Betica que quando?
  
- 2 Pede-lhe o dia, e a hora,  
em que a hei de ver louçã  
porque é mui longe amanhã  
para uma alma, que a adora:  
e porquanto essa Senhora  
dá agora m desconfiar,  
dos que a não sabem comprar,  
dize-lhe, que isso entibia,  
a quem já por cortesia

buscava, que lhe mandar.

- 3 Que há de ter em grande apreço  
os desejos da vontade,  
que valem na realidade,  
mais que a dita do sucesso:  
e que se o dar não tem preço,  
também se deve estimar,  
quem tem desejos de dar,  
como eu, que com tanto afinco  
desejando achar um brinco,  
só um cará pude achar.
  
- 4 Pois se a sorte mais não quis  
conceder-me, e deparar-me,  
inda assim posso gabar-me,  
que lhe dei bem de raiz:  
que o que pude, agora fiz,  
ao depois de quando em quando  
lhe irei aos poucos mandando,  
sendo, que tão fora está  
de ser pouco esse cará,  
que por ser cará lho mando.

CONTINUA O POETA EM LIZONGEAR AS  
SANGRIAS DE SUA ESPOSA

1       Dizei, queridos amores,  
          dizei-me, sangrada estais?  
          Jesus! Porque derramais  
          rubis de tantos valores?  
          valha-me Deus! Ai que dores  
          sinto no meu coração;  
          vós sangradinha, e eu são!  
          Se tenho a vida ferida,  
          não sei, como tenho vida,  
          tendo vós tanta aflição.

2       Dizei-me, quem vos sangrou,  
          Mana do meu coração?  
          qual foi a atrevida mão,  
          que assim vos martirizou?  
          não sei, se vos magoou.  
          Porém romper um cristal  
          ninguém pode fazer tal.  
          Sem penoso detrimento,  
          que inda que vá muito atento,  
          sempre lhe há de fazer mal.

INCLINAVA-SE BRITES A HUM SUGEYTO DE  
MAIS ESPERANÇAS, QUE MERITOS, E EM SUA  
COMPETENCIA CONTINUA O POETA ESTE  
GALANTEYO

Dizem, por esta comarca,  
Brites, que, a quem vos conquista,  
matais da primeira vista  
por ter olhos mais da marca.

Eu o quis ir a dizer  
à justiça, mas de inveja  
me há de mandar, que vos veja  
para acabar de morrer.

Eu me vejo, e me desejo  
com penas, que me causais,  
se me vedes, me matais,  
e morro, se vos não vejo.

Dai remédio à minha flama,  
mais que seja com matar-me:  
por se eu quis namorar-me,  
só a morte cura, a quem ama.

Procuro o vosso favor,  
mas não lhe acerto o caminho,  
porque me dana o carinho,  
e não me aproveita amor.

Tudo consiste em ventura,  
que eu conheço algum talento

com menos merecimento,  
porém com dita segura.

Mas espero todavia  
merecer o vosso agrado,  
que é suspeito cuidado,  
o que de si desconfia.

Da vossa benevolência  
tudo os meus desejos fiam,  
que sempre amor entibiam  
faltas de correspondência.

Faço por ver meu emprego  
cada dia, e toda a vida  
estais adrede escondida,  
não vejo, a quem me faz cego.

Vejo a casa tão-somente,  
porque achais, que é justo, que  
quem a pérola não vê,  
vendo a concha se contente.

Não val convosco a fineza,  
não val convosco a verdade,  
não sei, como vos agrade,  
não sei, como vos mereça.

Amor, que tem compaixão,  
de quem aflige um cuidado,  
ou vos arranque o agrado,  
ou vos mude a condição.

A HUMA DAMA QUE SE ENCARECIA DE  
FORMOSA POR VENDER-SE CARO.

Dizem, que é mui formosa Dona Urraca.<sup>577</sup>  
Quem o sabe, ou quem viu esta minhoca?  
Poderá ter focinho de Taoca,  
E parecer-me a mim uma macaca.

Hei de querê-la, sem ver-lhe a malaca  
Em risco de estar podre a Sereroca?<sup>578</sup>  
E se ela acaso for galinha choca,  
como hei de dar por ela uma pataca?

A mim me tenham todos por velhaco  
Se amar a tal fragona por capricho,  
Sem primeiro revê-la até o buraco.

Que pode facilmente o muito lixo,  
Por não limpar às vezes o mataco,  
Terem-lhe os caxandés tapado o esguicho.

---

<sup>577</sup> *urraca*: mulher feia e vestida sem gosto.

<sup>578</sup> *sereroca*: vagina.



## É MEU DAMO TANTO MEU.

### MOTE

*Do meu Damo<sup>676</sup> estou contente,  
que diz, que por mim derrama  
muitas lágrimas na cama,  
não sei, se é assim ou se mente.*

### GLOSA

- 1 É meu Damo tanto meu,  
e tão namorado está,  
que facilmente me dá,  
tudo quanto Deus lhe deu:  
também o que tenho, é seu,  
e assim reciprocamente  
convém, que este amor se aumente,  
e nesta igualdade enfim  
se está contente de mim,  
Do meu Damo estou contente.
  
- 2 Chora amante, e com verdade  
vendo, e deixando de ver:  
vendo chora com prazer;  
não vendo com saúde:  
nesta pois conformidade  
cada qual de nós se inflama,  
e eu com quem tão bem me ama,  
quisera no mesmo estilo,  
que em mim derramara aquilo,

---

<sup>676</sup> *damo*: amante, amásio; namorado, galanteador.

Que diz, que por mim derrama.

- 3 É tenro, amoroso, e brando,  
sendo no trabalho duro,  
e se com queixas o apuro,  
dá satisfações chorando:  
de sorte que vive amando,  
e diz, que tanto se inflama,  
que ele só sente, e derrama,  
e que ele só pena, e adora,  
que chora na grade, e chora  
Muitas lágrimas na cama.
  
- 4 Chora de noite, e de dia  
sempre a agradar-me disposto  
lágrimas, que me dão gosto,  
porque nascem de alegria:  
de sorte que eu chore, ou ria,  
sempre me faz só contente,  
e quando estas ânsias sente,  
diz, que estas lágrimas são  
sangue do seu coração,  
Não sei, se é assim ou se mente.

POR VER HUMA OBRA EM QUE O POETA  
EXAGERA OS DONAYRES DE ANNICA DE SOUZA  
MULATA EM PERNAMBUCO SE PICOU DE ZELOS  
FLORALVA, E DANDO LHO A ENTENDER, ELLE  
LHE RESPONDE

- 1 Dos vossos zelos presumo,  
Floralva, que são mentira,  
porque donde Amor não tira  
flama, não levanta fumo:  
anos há, que me consumo  
por vós, por vossos bons feitos,  
e vós por certos respeitos  
desviastes-me os perfumes,  
e agora nestes ciúmes  
sem ver causa, vejo efeitos.
  
- 2 Se me não tendes amor,  
como zelos me fingis?  
não mos dais, e mos pedis,  
dai ao demo tal favor:  
que importa, que chame eu flor  
a uma papoula silvestre,  
se neste globo terrestre  
o que importa, é lisonjeira,  
e eu nas artes de enganar  
penteio barbas de mestre.
  
- 3 Vós sois verdadeira flor  
no trato, e no parecer,  
e eu só o sei conhecer,  
porque sou taful de amor:

se jogásseis com primor,  
como outras tafuis fizeram,  
nunca elas vos excederam,  
que a mim na tafularia  
da conjugal dameria<sup>913</sup>  
sempre os dados me perderam.

- 4 E ainda que em todo o mapa  
me vejais tratar com flores,  
Floralva, isso são amores,  
que arranco da minha capa:  
só vós sois dama de chapa<sup>914</sup>  
só vos sois flor às direitas,  
e para deixar desfeitas  
essas vossas presunções,  
sabei, que isso são sezões,  
que passam como maleitas.

---

<sup>913</sup> *dameria*: por *damaría*, ‘garridice’.

<sup>914</sup> *de chapa*: ver nota 176.

FRETEI-ME CO' A TINTUREIRA.

MOTE

*Duas horas o caralho.*

Fretei-me co'a tintureira,<sup>693</sup>  
mas dizem os camaradas,  
que peca pelas estradas,  
porque é puta caminheira:  
fui contudo à capoeira,  
porque faminto do alho  
quis dar de comer ao malho:  
mas vi-lhe o cono tão mau,<sup>694</sup>  
que tive como mingau  
Duas horas o caralho.

---

<sup>693</sup> *fretei-me*: ver nota 216.

<sup>694</sup> *cono*: ver nota 274.

ENFERMOU ZELOZA A SUA ESPOSA DE HUA  
DOR DE GARGANTA, E SANGRADA, LHE  
GALANTEA O POETA A ENFERMIDADE.

Enfermou Clóri, Pastores,  
picadinha de um desdém,  
que até pagam as Deidades  
tributos ao bem querer.  
Mandou chamar o Barbeiro,  
para picar-se outra vez,  
que uma picada com outra  
se vem a satisfazer.  
Não quer Clóri, que lhe aplique  
no braço, senão no pé,  
que quem é tão soberana,  
não dá seu braço a torcer,  
Tomou-lhe o pé o Barbeiro,  
para n'água lho meter,  
e sendo a água tão pouca  
lhe custou a tomar pé.  
Água fria pediu logo,  
aparecendo-lhe talvez,  
que com a quente pudesse  
tanta neve derreter.  
Desmaiou Clóri sentida  
por o golpe lhe doer,  
e à fé que custa o seu golpe  
gotas de sangue verter.  
Com sal na boca diverte  
o desmaio desta vez:

mas boca de tanta graça  
nenhum sal há de mister.  
Que foi remédio supérfluo,  
se deixa bem conhecer,  
porque, quem é luz do mundo,  
sal da terra deve ser.  
Logrou aqui o Barbeiro  
semelhanças de Moisés,  
não da pedra tirar água  
da neve em sangue escorrer.  
Vingou Clóri no seu sangue  
o agravo, que lhe fez,  
que assim faz, que tão bom sangue,  
se é de ilustre proceder.

ADOCENDO MARIANNA GALANTEA O POETA  
SUA ENFERMIDADE

Enfermou Clóri, Pastores,<sup>330</sup>  
por ter de humana um só es.  
que também padece males,  
quem lograem si tantos bens.  
Clóri, digo, aquele extremo  
de formosura cruel,  
que a quantos vê, tira a vida,  
hoje prostrada se vê.  
Triunfa agora o achaque,  
o que nunca fez ninguém,  
porque levar Clóri à cama,  
o mal só agora fez.  
Dizem que adoeceu Clóri,  
por lhe faltar não sei quê,  
eu não sei que faltar possa,  
a quem tão perfeita é.  
Mover dúvidas podia  
esta doença fazer,  
porque haver em Clóri faltas  
grande causa é de as morrer.  
Nunca quis Clóri sangrar-se  
nos braços, senão nos pés,  
que de puro soberana,  
não dá seu braço a torcer.  
Mostrou seu pé ao Barbeiro,  
que com suspensão cortês,  
inda que água era mui pouca,  
não podia tomar pé.

---

<sup>330</sup> *clóri*: ver nota 450.



Água fria pediu logo  
com brevidade, porque  
com a quente se podia  
tanta neve derreter.  
Então vadio o Barbeiro  
com Clóri quis entender  
que como a colheu descalça,  
dizem, que a picara bem.  
Desmaiou Clóri sentida,  
dando bem a perceber,  
que a tal sangria lhe custa  
gotas de sangue esta vez.  
Com sal na boca diverte  
o desmaio, mas eu sei,  
que boca tão engraçada  
nenhum sal há de mister  
Que foi supérfluo o remédio  
do sal, não duvide alguém,  
porque quem é luz do mundo,  
sal da terra deve ser.  
Logrou bem o sangrador  
privilégios de Moisés,  
da pedra não, mas de um jaspe  
fez também sangue correr.  
Agora chegai, formosas,  
nestas cores aprender  
o melhor branco da neve,  
do coral o mais fiel.  
Chegai a ver estes mares,  
onde em crescida maré  
dentre a neve matizada  
belos rubis colhereis.

Todas, as que amor lhe tinham,  
parece, que ódio lhe têm  
pelo muito, que desejam  
chegar seu sangue a beber.  
Mas todos ficam em branco,  
quando vêm convalescer  
a Clóri do seu desmaio,  
e da doença também.

IMAGEM SINGULAR DE SUA DESESPERADA  
PAYXÃO, VENDO QUE SUA SENHORA SEM  
EMBARGO DE RECEBERLHES SEUS AMOROS  
DIVERTIMENTOS, ACEYTAVA EM CASAMENTO  
HUM SUGEYTO MUYTO DA VONTADE DE SEUS  
PAYS: MAS NEM ESTAS, NEM OUTRAS OBRAS  
OUSAVA ELLE A CONFIAR MAIS QUE DO SEU  
BAUL

Enfim, pois vossa mercê  
não ignora, que é forçoso  
acomodar co'as desgraças,  
e desbaratar ao gosto:  
Ouça os últimos suspiros,  
de quem no extremo amoroso  
fala com língua de mágoas,  
sendo com vozes de fogo.  
Que nestas minhas ofensas,  
e nestes termos suponho,  
que fez dita o meu afeto,  
do que você fez estorvo.  
Pois adorando excessivo,  
o que não logrou ditoso,  
só da esperança fez caso,  
sem dar ousadia ao logro.  
Parecia-me, que nunca  
chegasse a ser perigoso  
venerar no pensamento  
falsas idéias de um gosto.  
Mas conhecendo mentiras,  
quanto me disse o alvoroço,  
repito agora, o que quis

fazendo negaça ao gosto:  
Que como em você conheço,  
que lhe será mui custoso  
sem fazer da pena opróbrio:  
Vendo, que minha esperança  
acha o bem dificultoso,  
e se encontra coas desgraças;  
na observação do decoro.  
Advirto a minha razão  
nos extremos de queixoso  
com a raiva da fineza  
como refúgio do choro.  
Porque limitando a pena  
àquele afeto amoroso,  
cuja firmeza eterniza,  
por alívio o desafojo!  
Quero, se é, que pode ser  
querer, quem por tanto modos  
nem para querer lhe deixa  
ação tão tirano afogo!  
Que veja você sepultada  
a presunção do alvoroço,  
que na esperança da posse  
era o caminho de logro.  
Para que em mudos suspiros  
melhor segurem meus olhos,  
que a influência de estrela  
só neste estado me há posto.  
E assim só dela me queixo,  
porque fora lance impróprio  
clamar contra as divindades  
nesta queixa, que a Amor formo.

Com que advertir-lhe é preciso,  
que de tudo, o que me dão,  
na execução do agravo  
as glórias julgo por sonho.  
Pois se cheguei a adorar,  
foi preciso tão notório  
do destino, a que rendido  
para este fim nasci logo,  
E o pertender suspirando  
com um desvelo, e com outro  
foram protestos do incêndio,  
foi do excessivo acordo.  
Idolstrar um prodígio,  
não foi prodígio, nem noto,  
que o rendimento, e desvelo  
ficassem acaso opostos:  
Porque advertindo, que o céu,  
e o Planeta Luminoso  
juraram pleito homenagem  
na beleza desse rosto:  
O conhecer Liberdade  
á vista de tanto assombro  
fora, perdendo os sentidos  
ser indiscreto e ser louco.

COM ESTE ROMANCE MANDOU O POETA POR  
INTERPRETE ENCARECEDOR DO QUE NELLE SE  
EXPRESSA O SEGUINTE SONETO

Entre, ó Floralva, assombros repetidos  
É tal a pena, com que vivo ausente,  
Que palavras a vós me não consente,  
E só para sentir me dá sentidos.

Nos prantos, e nos ais eternecidos  
Dizer não pode o peito o mal, que sente,  
Pois vai confusa a queixa na corrente,  
E mal articula nos gemidos.

Se para o meu tormento conheceres  
Não basta o sutil discurso vosso,  
A dor me não permite outros poderes.

Vede nos prantos, e ais o meu destroço,  
E entendei o mal, como quiseres,  
Que só sei explicá-lo, como posso.

A VISTA DO EXCESSO DE VASCO DE SOUZA  
PONDERA O POETA, QUE O VERDADEIRO  
AMOR, AINDA TIRADA A CAUSA NÃO CESSA  
NOS EFECTOS, CONTRA A REGRA DE  
ARISTOTELES.

Errada a conclusão hoje começa  
O Mestre, que mais douto na ciência  
Nos deixou em prólogo sem falência,  
Que em a causa cessando, o efeito cessa.

Porque a dor de um Magoado nos confessa,  
Que arrastou a Beleza com violência,  
Que o que efeito causara uma assistência,  
Apartado da causa então começa:

Apartada a Beleza inda lhe causa  
Um efeito tão forte, que suspeito,  
Que não tem inda a causa feito pausa.

Porque já em domínios de seu peito,  
Se na vida a rendia como causa,  
Hoje o vence na morte pelo efeito.

ENCARECE O POETA A GRAÇA E A BIZARRIA  
COM QUE SUA SENHORA DESEMBARCOU A  
SEUS OLHOS E FOY LEVADA POR QUATRO  
ESCRAVOS

- 1 Esperando uma bonança  
casado já de esperar  
um pescador, que no mar  
tinha toda a confiança:  
receoso da tardança  
de um dia, e mais outro dia  
pela praia discorria,  
quando aos olhos de repente  
uma onda lhe pôs patente,  
quanto uma ausência encobria.
- 2 Entre as ondas flutuando  
um vulto se divisava,  
sendo, que mais flutuava,  
quem por ela está aguardando:  
e como maior julgando  
o tormento da demora  
como se Leandro fora,<sup>331</sup>  
lançar-se ao mar pertendia,  
quando entre seus olhos via  
quem dentro em seu peito mora.

---

<sup>331</sup> *Leandro*: atravessava o Helesponto a nado, todas as noites, para juntar-se à sua amada, uma sacerdotisa de Afrodite. Ela guiava com uma lâmpada no alto da torre, mas durante uma tempestade aquela se apagou e Leandro sucumbiu.



- 3      Mora em seu peito uma ingrata  
tão bela ingrata, que adrede  
pescando as demais com rede,  
ela só com a vista mata:  
as redes, de que não trata  
vinha agora recolhendo;  
porque como estava vendo  
todo o mar feito uma serra,  
vem pescar almas à terra,  
de amor pescadora sendo.
- 4      Logo que à praia chegou,  
tratou de desembarcar,  
mas sair o sol do mar  
só esta vez se admirou:  
tão galharda enfim saltou,  
que quem tão galharda a via,  
justamente presumia,  
para mais abono seu,  
que era Vênus, que nasceu  
do mar, pois do mar saía.
- 5      Pôs os pés na branca areia,  
que comparada cos pés  
ficou pez, em que lhe pes,<sup>332</sup>  
porque em vê-la a areia areia:  
pisando a margem, que alheia  
de um arroio os dois extremos,  
todos julgamos, e cremos  
Galatéia a Ninfa bela,<sup>333</sup>

---

<sup>332</sup> *Pez*: breu, alcatrão, piche. Entenda-se: a areia ficou negra.

pois bem que vimos a Estrela,  
fomos cegos Polifemos.<sup>334</sup>

6 Toda a concha, e toda a ostrinha,  
que na praia achou, a brio,  
mas nenhuma aljôfar viu,  
que todos na boca tinha:  
porém se em qualquer conchinha  
pérolas o sol produz,  
daqui certo se deduz,  
que onde quer, que punha os olhos,  
produz pérolas a molhos  
pois de dois sóis logra a luz.

7 Em um portátil silha  
ocaso a seu sol entrou,  
e pois tal peso levou,  
não sentiu peso a quadrilha:  
vendo tanta maravilha  
tanta luz de monte a monte,  
abrasar-se o Horizonte,  
temi com tanto arrebol,  
pois sobre as Pias do sol  
ia o carro de Faetonte.<sup>335</sup>

---

<sup>333</sup> *Galatéia*: ninfa amada por Polifemo, o qual, encontrando-a com Ácias, filho de deus Pã, arrojou sobre ele grande rocha que o esmagou.

<sup>334</sup> *Polifemo*: ver nota 158.

<sup>335</sup> *Faetonte*: ver nota 32.

PERTENCE AGORA (POSTO QUE EM VÃO)  
DESENGANAR AOS SEBASTIANISTAS, QUE  
APLICAVÃO O DITO COMETTA À VIDA DO  
ENCUBERTO.<sup>641</sup>

Estamos em noventa era esperada,  
De todo o Portugal, e mais conquistas,  
Bom ano para tantos Bestianistas,  
Melhor para iludir tanta burrada.

Vê-se uma estrela pálida, e barbada,  
E deduzem agora astrologistas  
A vinda de um Rei morto pelas listas,  
Que não sendo dos Magos é estrelada.

Oh quem a um Bestianista pergunta,  
Com que razão, ou fundamento, espera  
Um Rei, que em guerra d'África acabara?

E se com Deus me dá; eu lhe dissera,  
Se o quis restituir, não o matara,  
E se o não quis matar, não o escondera.

---

<sup>641</sup> *Encoberto*: nome dado ao rei dom Sebastião, cuja morte na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, ensejou as profecias dos sebastianistas, os quais, durante a dominação espanhola, acreditavam que ele retornaria, em manhã de nevoeiro, para reconquistar o Trono.

A HUMA DAMA QUE ESTAVA SANGRADA.<sup>741</sup>

- 1 Estava Clóris sangrada,  
e Fábio, que a visitava  
com ver, que sangrada estava  
lhe deu logo outra picada:  
ela tão aliviada  
ficou, que se ergueu da cama,  
dizendo, bem haja a Dama  
de Adônis cuja virtude,  
quando me pica em saúde,  
eu me sangro, ele derrama.
  
- 2 Como na vida acertou,  
onde habita a saudade,  
extinta a má qualidade,  
a enfermidade acabou:  
nunca Galeno alcançou<sup>742</sup>  
nas sangrias, que me aplica,  
quanto o ferro prejudica,  
e eu curada com dieta  
já sei, que pica a lanceta,  
e somente sangra a pica.
  
- 3 Fábio me curou do mal,  
que na cama lhe informei,  
não com xarope de rei,  
mas com régio cordial:  
se se curar cada qual

---

<sup>741</sup> *sangrada*: cf. nota 366.

<sup>742</sup> *Galeno*: médico grego (129?-199 A.D.); por extensão, popularmente, qualquer médico.

somente com seu galante,  
há de sarar num instante,  
pois quando eu caio doentinha,  
não hei mister mais meizinha,  
que a meu Mano se levante.

## A HUMA DAMA QUE LHE PEDIO OS CABELLOS.

Este cabelo, que aora  
quieres, que el amor te dé,  
teme, Nise, que tu fé  
com el me seya traydora:  
mas como el alma te adora,  
obedecer-te es rason,  
que aun que seya otro Sanson  
mirando a tus ojos bellos  
perder no puedo en cabellos  
las fuerças del coraçon.

FOY PREZA MARIANNA PELOS REPETIDOS  
ESCANDALOS COM THOMAZ PATRICIO POR  
ORDEM DE SUA ILLUSTRISSIMA, E RAYVOSO O  
POETA DO PASSADO LHE FEZ ESTE SONETO.

Esté presa uma Dama no Xadrez,  
um novo serafim de Satanás,  
Aquela, que em querer muito a Tomás,  
Esta já feita a roupa de Francês.

Mudou de herege a Idolatrino Inglês,  
E sacrifica tanto este Mangaz,<sup>544</sup>  
Que de tudo, o que tem vítima faz,  
E dá cos burros n'água desta vez.

Presa uma Dama? nome de Jesus!  
Mas eu digo, que foi reto o Juiz,  
Que a condena à prisão por esta cruz;

Porque o caso é tremendo, e o mundo diz,  
Que se mata uma Rola, uma Avestruz  
Por um herege de tão grão nariz.

---

<sup>544</sup> *mangaz*: ver nota 474.

FOI VISTA ESTA DAMA PELO POETA EM CASA  
DE HÛA AMIGA INDO DIVERTIR-SE AO CAMPO  
COM CERTO SUGEYTO.

Eu vi, Senhores Poetas,  
quarta-feira pelas três  
do presente mês, que corre,  
o prodígio, que direi.  
Ia eu por certo bairro,  
que agora calar convém,  
porque o lanço me não furtem,  
ao campo a espaiçer.  
Acompanhava-me entonces  
um amigo, que à mi fé  
é douto disto de fêmeas,  
porque as conhece el por el.  
Eis que em frente de uma porta,  
que sua urupema tem,  
ouvimos um ruge-ruge  
da seda de um guarda-pé.<sup>535</sup>  
Chegou logo o tal amigo,  
que no que toca a saber  
segredos, de quem será,  
é grandíssimo corcês.  
Chegou, como tenho dito,  
e mesurado de pés  
abriu urupema, e disse,  
sois vós, Dona Bersabé!  
Ao que ela respondeu logo,  
esta sou: entre você;

---

<sup>535</sup> *guarda-pé*: saia que as mulheres usavam por baixo de roupas abertas.



ia ele já quase entrando,  
quando eu da rua gritei:  
“Tá, que não é cortesia  
entrar só vossa mercê,  
deixando-me a mim na rua,  
que de inveja morrerei.”  
“Também você tem licença  
(me disse a Moça) porque  
onde há lei de cortesia  
não val comigo outra lei.”  
Palavras não eram ditas,  
quando eu logo a quatro pés  
me emboquei pela urupema,  
tomei vênia, e me assentei.  
Fitei os olhos na Moça  
e embasbacado de a ver  
estive co’ a alma no papo  
morrerei, não morrerei.  
Mas subindo-me a memória,  
que era obrigado por fé  
servir ao menos sete anos  
Jacó à bela Raquel;  
Acordei do paracismo,<sup>536</sup>  
e fiz tanto por viver,  
que estou capaz de pintar-vos  
quão jeitosa a Moça é.  
Era, se creio a meus olhos,  
e é crível o meu pincel,  
Anjo disfarçada em Dama,  
ou flor mentida em mulher.  
Era um sol: mal a comparo:

---

<sup>536</sup> *paracismo*: por *paroxismo*

porque o sol que tem que ver,  
tendo a caraça redonda  
mascarada de ouropel?  
Era uma estrela: pior,  
a estrela que tem que ver?  
é pisca em anoitecendo,  
e vesga ao amanhecer.  
Era uma jóia; mal disse;  
porque com quatro vinténs  
se compra uma boa jóia,  
e esta Moça nem com dez.  
Era um diamante; tampouco,  
que o diamante vem a ser  
um parto bruto da terra,  
e ela imagem de Deus é.  
Eu digo desta vez: era  
*Maria*: mas não sei, em que  
se me pega a voz, que enfim  
não acabo de o dizer.  
Digo, que era Mariana  
“disse-o?” que remédio tem?  
já dei co segredo em terra;  
mal fiz: mas aliviei.  
É linda; e que manso o digo:  
tem garbo: e como que o tem,  
é bonita, não sei como,  
e tem graça como quê.  
Mais que o favor, e o carinho  
da mais formosa mulher  
val de Mariana um riso:  
que digo um riso? um desdém.  
Neste estado ia o debuxo

deste meu tosco pincel,  
quando pela porta entrou  
todo o firmamento a pé.  
Entrou uma linda Moça,  
que mora logo através,  
pela porta do quintal,  
traidoramente fiel.  
Fizemos-lhes a reverência,  
e ela com gentil prazer  
nos disse “as de vossarcedes,  
e nos as de vossarcê.”  
Foi-se a ela o meu amigo  
quel Pirata Dunquerque,  
e a rendeu a bom partido,  
porque pediu bom quartel.  
Estimei a ocasião,  
porque co’ a outra fiquei  
tão só, que os meus segredinhos  
lhe pude entonces dizer.  
Fretam-nos finalmente  
para a semana, que vem,  
que por estar achacada,  
de achaque se quis valer.  
A outra Moça do amigo  
ficou fretada também  
para qualquer outro dia,  
porque bem sabe em qualquer.  
Isto, Senhores Poetas,  
é, o que à quarta passei,  
e o que suceder à quinta,  
direi a vossas mercês.

PEDE O POETA NESTA OBRA CONTA DO SEU  
PROCEDER À SUAS IRMÃAS EUGENIA E  
MACOTTA.

Eugênia, convosco falo,  
e com Macota também,  
dai-me novas de Babu,  
se acaso dela sabeis.  
Que me dizem, que esta noite  
a bruxa se foi meter  
e ninguém a viu em casa  
até que amanheceu.  
Dizei-me, se está arranhada,  
porque se está, sinal é,  
que andou por barro de folha  
Carmo aquém, e Carmo além.  
Eu não sinto estas mudanças,  
e só me queixo, de que  
correndo a cidade toda  
não chegasse a esse vergel.  
Porque pudera eu sair,  
e acompanhá-la também  
por todo esse Iararipe  
e embuxar toda a mulher.  
A minha fora a primeira,  
e morrendo de uma vez  
casar-me-ia com Babu,  
para ter cunhadas três.  
Qualquer delas me fizera  
mil regalos, mil mercês,  
e engordando como um Conde

levará vida de rei.  
Mas ela me tem tal ódio,  
que fugirá te de ser  
madrasta do Gonçalinho,  
que é lindo enteado à fé.  
Vós Eugênia, e vós Macota,  
vigiai-me essa Mulher,  
que é bruxa, e tem-se embruxado  
desde a cabeça até os pés.  
Porque ou há de resolver-se  
a querer, que a queira eu,  
ou lhe hei de tirar o sangue,  
e o fadário há de perder.  
Não quero, que seja a bruxa,  
ou hei de sê-lo também  
para acompanhar de noite,  
e de dia a recolher.  
Aliás hei de acusá-la  
a seu Pai, quando vier,  
porque se em prisões me mata,  
em prisões morra também.

A HUMA DAMA, QUE SE RECATAVA DE PAGAR  
FINEZAS.

- 1 Filena: eu que mal vos fiz,  
que sempre a matar-me andais,  
uma vez, quando me fugis:  
outra quandome fugis:  
vi-vos, e logo vos quis  
tão inesparavelmente,  
que nem a vista ao presente  
ao menos sabe dizer-me,  
entre ver-vos, e render-me  
qual foi primeiro acidente.
  
- 2 Vós sois tão esquiva, e tal,  
que outras cousas não sabendo,  
da vossa esquivança entendo,  
que o meu amor me fez mal:  
não cabe em meu natural  
fugir, de quem me maltrata,  
e se me sai tão barata  
a vingança de querer-vos,  
quero amar-vos, e sofrer-vos,  
porque fiqueis mais ingrata.
  
- 3 Não sinto esta pena atroz,  
que me fazeis padecer,  
antes folgo de morrer,  
vendo, que morro por vós:  
e se com passo veloz  
vejo a morte já chegar,  
não sinto ver-me acabar,

sinto a glória, que vos cresce,  
que uma ingrata não merece  
a glória de me matar.

- 4 Vivam vossas esquivações,  
e vossa crueldade viva,  
que a sem-razão de uma esquiva  
acredita as esperanças:  
tudo tem certas mudanças,  
também se muda o rigor,  
e se Amor me dá valor  
para sofrer-vos, e amar-vos,  
claro está, que hão de mudar-vos  
firmezas do meu amor.

LIZONGEA O SENTIMENTO DE FRANCISCO  
MONIZ DE SOUZA SEU IRMÃO FAZENDO EM SEU  
NOME ESTE SONETO

Flor em botão nascida, e já cortada,  
Tiranamente murcha em flor nascida,  
Que nos primeiros átomos da vida,  
Quando apenas sois nada, não sois nada.

Quem vos despiu a púrpura corada?  
Como assim da beleza estais despida?  
Mas ah Parca cruel! Morte atrevida!<sup>336</sup>  
Por que cortaste a flor mais engraçada?

Porém que importa, bem que me desvela  
Na flor o golpe, se maior ventura  
Vos prometo no Céu, bela Teresa.

De flor ao Céu passais a ser estrela,  
E não perde de flor a formosura,  
Que no Céu melhor flor logra a beleza.

---

<sup>336</sup> *Parca*: ver nota 61.



ATONITO E ABRAZADO O POETA NOS  
ESTRONDOS DAQUELLA FORMOSURA SEM  
ALCANÇAR OUTRA COUSA MAIS QUE DESVIOS,  
E DESDENS: TORNA A COMBATER QUARTA VEZ  
AQUELLE DURO PEYTO.

- 1    Floralva: que desventura  
      vos foi causar o meu fado,  
      que sendo vosso criado,  
      vos mostrais cruel, e dura?  
      Olhai, que tal formosura,  
      tal donaire, e tão bons olhos  
      tudo se vira em abrolhos,  
      e eu perderei, quanto tenho,  
      sendo o meu maior empenho  
      ofertar-vo-lo de geolhos.<sup>906</sup>
  
- 2    Quando vos vejo diente,  
      tenho grão contentamento,  
      porque vejo em um momento  
      a melhor luz do Oriente:  
      tendo-vos ali presente,  
      todo me estou gloriando  
      de ver, que mil mates dando  
      estais aos lírios, e rosas,  
      e que as flores de invejosas  
      de vos ver se vão murchando.
  
- 3    Amor, que assim se declara,  
      bem mostra, que está rendido,  
      e que empregou seu sentido

---

<sup>906</sup> *de geolhos: por de joelhos.*

na vossa beleza rara:  
e se certo não ficara  
de ser bem remunerado,  
morrera desesperado,  
nunca jamais amara,  
antes de vós me queixara  
como amante desgraçado.

PASSANDO O POETA EM CERTA OCCASIÃO PELA  
PORTA DESTA GALHARDA DAMA REPAROU,  
QUE A SUA VISTA EXPUSERA NO PEYTO HUM  
RAMILHETE DE FLORES, QUE TINHA NA MÃO.

Flores, na mão de uma flor,  
Floralva, nunca tal vi,  
quem viu flores pela neve?  
quem viu neve por Abril?  
Flor, que fala, flor, que zomba,  
e de toda a flor se ri,  
deve ser nevado nácar,  
ou nacarado jesmim.  
Na esfera do vosso peito  
souberam ontem luzir  
as fragrâncias raio a raio,  
os raios rubi, a rubi.  
No peito as flores pusestes,  
e eu não posso conseguir  
a dita de vossas flores,  
que sou convosco infeliz,  
Não vai tal tropel de luzes  
em concurso de jesmins  
vibravam fragrância os raios,  
chispavam fogo os Abris.  
Porém, lembra-te Floralva,  
que eu não passo por aí,  
porque a vossa flor me cheira,  
a que não me heis de admitir.  
Importa estares de acordo,  
que se entro em vosso jardim,  
por mais que me defendais,

hei de colher, quanto vir.  
Já não colherei a flor,  
porque não sou tão infeliz,  
mas co cheiro me contento,  
que é dádiva do Brasil.

DUAS MULATAS QUE INDO A FESTA DE SAM  
CAETANO SE LHE QUEBRÀRAM AS CORDAS DA  
REDE COM PUBLICO DESAYRE.<sup>723</sup>

- 1 Foi com fausto soberano  
Macotinha, e a Pelica  
assistir à festa rica  
dia de São Caetano:  
o povo bárbaro, e insano  
vendo aqueles dous putões,  
calçado de admirações  
disse, que o caso era adrede,  
pois nunca em malhas de rede  
vira tomar dous cações.<sup>724</sup>
- 2 Um cação duro, e grosseiro,  
má pele, e péssimo dente  
ou à força de um tridente  
se toma, ou de um bicheiro:  
este é o dia primeiro,  
que em rede os vimos tomar;  
as redes a caminhar,  
e a murmurar os meus Chitas,  
palavras não eram ditas,  
quando as cordas vi quebrar.
- 3 Caiu Pelica no entanto,  
e ficando o cu no cisco

---

<sup>723</sup> *quebrarm as cordas da rede*: cordas atadas nas extremidades de uma vara para segurar a rede que servia de transporte, conduzida por dois escravos.

<sup>724</sup> *cação*: ver nota 603.

buscou logo o basilisco,<sup>725</sup>  
que lhe dera o tal quebranto:  
pareceu-se-lhe o barbicacho,  
e assim disse em tono baixo:  
o basilisco anda em cima,  
mas eu tenho noutro clima  
um basilisco por baixo.

4 De um e outro basilisco  
veremos, qual obra mais,  
vós as cordas me cortais,  
e eu os ossos vos confisco:  
eu sempre vos ponho em risco,  
se me tomais, eu vos tomo,  
pois vos tomo, e vos corcomo;<sup>726</sup>  
e do basilisco a ingrata  
vista não come, só mata,  
mas eu vos mato, e vos como.

5 A rede se consertou,  
e ela metendo-se dentro,  
como se viu no seu centro,  
como peixe n'água andou:  
dizem, que as cordas pagou,  
com que a rede se lhe atara,  
e bom fora, que pagara  
em vez de cordas então  
de um dos negros o bordão,  
se nas costas lho quebrara.

---

<sup>725</sup> *basilisco*: ver nota 516.

<sup>726</sup> *corcomo*: por *carcomo*, de *carcomer*.

- 6 A gente ficou mui leda  
vendo a Pelica no chão,  
e dizia o Povo então  
quem mais sobe, dá mor queda:  
porém ela não se arreda  
de andar sem rede, porque  
quer antes, como se vê,  
haver da rede caído  
para ter um pé torcido,  
que ser sã, e andar a pé.

COSTUMAVA CANTAR O POETA ESTA LETRA A  
SEU INSTRUMENTO EM QUANTO LHE DUROU O  
PEZAR DAS TYRANNIAS DESTA DAMA

Forasteiro descuidado,  
se acaso chegar vos move  
ou negócio, ou pertensão,  
curiosidade, ou amores.  
Guardai-vos, digo mil vezes,  
de pôr os olhos nas torres  
dessa traidora cidade,  
que tal basilisco encobre.<sup>516</sup>  
De um serafim o mais belo,  
que o Céu corta, os ares rompe,  
tão cruel, e tão tirano,  
qual jamais admira o orbe:  
Com estes sinais vos dou  
exemplo nas minhas dores,  
forasteiro, caminhai,  
queira, Amor, que vos não olhe.  
Caminhai, digo outra vez,  
prevenido de temores,  
que eu já me vou a enterrar,  
porque me condena a morte.

---

<sup>516</sup> *basilisco*: canhão de grande potência.



MULATA LIVRE E TRAVESSA POR CUJA  
ESPERTEZA LHE CHAMAVAM MARIBONDA.  
MORAVA NA RUA DA POYEURA<sup>337</sup> NAQUELLE  
TEMPO QUASE DESERTA E SE ACHAVA DE  
PRESENTE EM CASA DE HUMA AMIGA NO  
CAMPO DA PALMA, ONDE O POETA HIA  
DIVERTIR-SE: E ALI EMBARAÇOU COM ELLA,  
COMO DIZ A METHAFORA.

- 1 Fui hoje ao campo da Palma,  
onde com súbito estrondo  
me investiu um maribondo,  
que me picou dentro n'alma  
era já passada a calma,  
e eu me sentia encalmado,  
sentido, e injuriado,  
porque sendo obrigação  
meter-lhe eu o meu ferrão,  
eu fui, o que vim picado.
  
- 2 Fiz por fechá-lo na mão,  
mas o Maribondo azedo  
me picava em qualquer dedo,  
e escapava por então:  
desesperada função  
foi esta, pois me foi pondo  
tão abolido em redondo  
por cara, peitos, vazios,  
que estou em febres, e frios  
morrendo do Maribondo.

---

<sup>337</sup> *rua de Poyeira*: rua da Poeira.

- 3 Dizem, que a vingança está  
em lhe saber eu da casa,  
porque deixando-lhe em brasa,  
o fogo mitigará:  
temo que não arderá  
por mais que toda uma mata  
lhe aplique com mão ingrata,  
porque eu, o que lhe hei de pôr  
há de ser fogo de amor,  
que inda que abrasa não mata.
- 4 Nesta aflição tão penosa  
donde me virá socorro?  
morrerei, que o por que morro,  
faz uma morte formosa:  
esta dor tão temerosa  
me livrará de maneira,  
que ou ela queira, ou não queira,  
em chegando à sua rua,  
se acaso se mostrar crua,  
tudo irá numa poeira.

QUEYXA-SE DE QUE LHE NÃO VALESSEM  
FINEZAS PARA QUE ANTONIA O ADMITISSE.

MOTE

*Fui por amante ferido,  
por firme fui maltratado,  
por constante desprezado,  
e por leal ofendido.*

- 1 Quando esperava gozar  
favores de uma tirana,  
o tempo me desengana,  
para dela me queixar:  
portanto não quero amar  
porque já tenho entendido,  
que amar é tempo perdido:  
bem o tenho experimentado,  
pois em vez de ser amado,  
Fui por amante ferido.
  
- 2 Mostrei-lhe minha firmeza,  
de mostrá-la resultou,  
que logo também mostrou  
de seu amor a dureza:  
se bem disto me não pesa,  
nem me sinto magoado,  
mas fico bem emendado,  
para mostrar-lhe com fé  
minha firmeza, porque  
Por firme fui maltratado.

3 Além de mostrar-me amante,  
em constâncias lhe mostrei,  
mas bem conheço, que errei,  
em mostrar-me tão constante:  
não serei mais ignorante,  
que o Amor me tem mostrado  
os males, que me há causado:  
nem constância quero ter,  
para que não venha a ser  
Por constante desprezado.

4 Lealdade sem respeito  
nunca teve bom lugar  
porque não soube guardar  
a lealdade defeito:  
eu me dou por satisfeito,  
e aceito por bom partido  
ser por amante ferido,  
por firme ser maltratado,  
por amante desprezado,  
E por leal ofendido.

CASUAL ENCONTRO QUE TEVE O POETA COM  
BRITES NO SEU RETIRO DE HŪA ROÇA.

Fui ver a fonte da roça,  
e quando a mais gente vai  
a refrescar-se na fonte,  
eu me fui nela abrasar.  
Dentro na fonte achei Brites,  
que ali se foi a banhar,  
por dar que entender aos olhos  
um cristal noutro cristal.  
Noutras horas corre a fonte:  
com Brites corrida vai,  
vendo que a sua brancura  
a excede nos cabedais.  
Sentiu-me Brites ao longe,  
e o fraldelim posto já  
era narciso no campo,  
quem foi incêndio do mar.  
Cheguei, e vendo tão claro  
da fonte o rico raudal,<sup>509</sup>  
estive um pouco perplexo  
entre o crer, e o duvidar.  
Enfim vim a persuadir-me  
que Brites em caso tal  
não foi lavar-se na fonte,  
mas foi à fonte lavar.  
Tão líquida, e transparente  
corria, que por sinal  
de Brites lhe pôr as mãos  
desatada em prata vai.

---

<sup>509</sup> *raudal*: torrente de água.

Por entre pedras a fonte  
percipita o seu cristal,  
que lhas tira como louco,  
quem o vê precipitar.  
Convidou-me, a que bebesse  
a neve do manancial,  
e se neve assim me abrasa,  
o incêndio que fará.  
Bebi, e não matei sede,  
porque no inferno de amar  
fui Tântalo, cuja pena <sup>510</sup>  
o beber acende mais.  
Queira Amor, Brites ingrata,  
que essa fonte, esse cristal  
não seja o vosso perigo,  
em que Narciso morrais.  
Que, quem me matou na fonte  
por seu gosto a meu pesar,  
será despique de um cego,  
e vingança de um rapaz.

---

<sup>510</sup> *Tântalo*: filho de Zeus, revelou segredos divinos aos homens, pelo que foi condenado ao suplício nos Infernos de passar fome e sede eternas.

DE HUMA QUEDA QUE DEO O POETA EM CASA  
DESTA BARBORA, ERGUE NOVOS CONCEYTOS À  
SUA ROGATIVA.

Fui, Babu, à vossa casa  
e inda com sentido em mim,  
do sentido combatido  
vim finalmente a cair.  
Com cair a vossos pés  
nenhum resguardo senti,  
porque eram vossos sapatos  
poucos para me cobrir.  
Fui reverente a beijá-los,  
e querendo-o conseguir  
sobrou boca, e faltou pé,  
e assim os beijos perdi.  
Que com pé tão pequenino  
tão abreviado, e sutil  
uma boca desmedida  
faz maridagem ruim.  
Ergui-me por melhorar,  
e então menos consegui,  
que se os pés por si me fogem,  
vós cos braços me fugis.  
Fiquei muito envergonhado,  
e em caso tão infeliz  
envergonhei-me de ver-vos,  
porém não me arrependi.  
Mas se o meu sangue, e meus rogos,  
vos não podem persuadir,  
verte-se o sangue em dilúvios,

e os rogos em frenesi.  
Não se quis o meu rogado,  
pois no instante, em que vos vi,  
se inclinou meu sangue ao vosso,  
e rebentou por se unir.  
Para queimardes-me o sangue,  
me matar, e me afligir  
rogos não são necessários,  
para admitir-me isso sim.  
E tão bom dia, que bastem  
para um amor se admitir,  
pois rogar, a quem não ama,  
é tão mau, como pedir.  
Por isso nunca vos peço,  
que não sois vós a Beatriz,  
que me hei de fazer ditoso  
com vossa graça a ceitis.  
Pois por dar-vos desenganos  
vós, como os dou a mim,  
sabei, que hei de sempre amar-vos  
uma vez, que bem vos vi.  
Pois esse rosto de neve,  
esses dedos de jesmim,  
esse Maio florescente  
de boca, que bota Abris,  
Me estão sempre aconselhando,  
que vos queira, pois vos quis,  
que vos sofra, pois vos amo,  
vos busque, pois vos perdi.



INDO O POETA, E GONÇALLO RAVASCO A CASA  
DE BETICA E QUERENDO TRATAR COM ELLA  
LHE PEDIO HUA GALA DE ANTEMÃO.<sup>519</sup>

Fui, Betica, à vossa casa  
uma noite de luar  
entrei com Senhor Gonçalo,  
e saí com Barrabás.  
Propus-vos minha doença,  
comuniquei-vos meu mal,  
receitastes-me um veneno  
com matar-vos ofertar.  
Logo entendi o remoque,  
e que fiz, vos lembrará,  
cara, como de quem prova  
cousa, que lhe sabe mal.  
Contudo tive paciência,  
que, a quem saúde não há,  
morre às vezes do remédio,  
mais que do seu próprio mal.  
Assentei de obedecer-vos,  
e pus-me a considerar,  
onde uma gala acharia  
em tempo, que ovos não há.  
Fiei-me no mercador,  
que por fiar fiará  
as sedas, que heis de vestir,  
no roca de Portugal.  
Mas tornando ao vosso conto

---

<sup>519</sup> *Gonçalo Ravasco*: ver nota 167.

creio, que se há de notar,  
que por pedires diante  
vós quereis dar por detrás.  
Que diante a luz caminhe,  
diz o antigo rifão: mas  
como a posso levar eu,  
se o que quero, é tropeçar.  
O que eu quisera, Betica,  
é, convosco me encontrar,  
que assim no escuro caíra,  
quem com luz não caíra.  
Eu quero convosco amores,  
rinhas não, e claro está,  
que dar, e tomar são rinhas,  
de que Deus me há de livrar.  
Dizem, que sois trigueirinha,  
juro, o que posso jurar,  
que mente, quem tal afirma,  
porque vós bem clara estais.  
Contudo torno a dizer-vos  
que tenho de vos mandar  
tão grande luz adiante,  
que cegueis, e me caiais.  
Entretanto sós vos peço,  
não queirais acrescentar  
barrete de quatro cornos  
com trezentos cornos mais.  
Porque vos quero já tanto,  
que a vida me há de custar,  
ver chupar outras abelhas  
flor, que sempre em flor está.

A HUMA DAMA QUE SE MOSTRAVA PARA O  
POETA TODA DESDENHOSA, E CRUEL.

MOTE

*Gileta siempre cruel,  
mira-me piedosa un dia,  
pues saben todos, que matas,  
sepan, que puedes dar vida.*

- 1 Que diré de tu crueldad,  
de tu rigor que diré,  
Gileta, si no que fué  
mi estrella, y fatalidad:  
que eres mi estrella, es verdad,  
pero tan mala, y infiel  
no lo dirá mi pincel,  
solo diré de sentido,  
que para mi ruego has sido,  
Gileta, siempre cruel.
  
- 2 Ni un solo dia pudiste  
perder tu fero rigor,  
que para perder mi amor  
tu condicion no perdiste:  
si ni aun esto conseguiste  
de la fé, y firmeza mia,  
ociosa e la tyrannia,  
y pues no sierva a tu affecto  
ser tyranna sin effecto,  
Mira-me piedosa um dia.

- 3 Si por matar-me inhumana  
te precias de rigurosa,  
quien puede matar de hermosa,  
no me mate de tyranna:  
y se a que más soberana  
te sepan, los que maltratas,  
tantas vidas desbaratas,  
conocida tu inclemencia,  
ya excusas la diligencia,  
Pues saben todos, que matas.
- 4 Quando a dar muertes te inclina  
tu ser, humana te muestra,  
que si a dar vidas te adiestra,  
te acreditas por divina:  
tu fama haze peregrina,  
si eres, Gileta entendida,  
y a todos, bella homicida,  
muestra tu poder, de suerte  
que aquellos, a quien dás muerte,  
Sepan, que puedes dar vida.

DESCULPA-SE ESTA DAMA EM CERTA  
OCCASIÃO QUE TEVE DE CONVERSAR COM O  
POETA, DEPOIS DE VARIAS PETIÇÕES, COM A  
OBJEÇÃO FRIVOLA DE QUE NÃO SATISFAZIA  
SEU DESEJO POR SER CASADO: AO QUE ELLE  
RESPONDE GRACIOSAMENTE.

- 1 Graças a Deus que logrei,  
Teresa, uma ocasião  
da vossa conversação,  
por que tanto suspirei:  
e posto que me ausentei  
de vós tão desenganado,  
pois me enjeitas por casado,  
confio em vosso primor,  
que há de alcançar-vos Amor  
ou casado, ou descasado.
  
- 2 Coração tão inimigo  
mostrais ao casado ser,  
que às claras venho a entender  
que quereis casar comigo:  
não se perca um bom amigo  
por tão leve impedimento:  
casemos, se vos contento,  
e segunda vez casado  
se me virdes açoutado,  
isso mesmo é casamento.

- 3 Se a Justiça me açoutar  
por casar segunda vez,  
açoutado, em que me pes,<sup>338</sup>  
vos hei de alegre gozar:  
quero as ruas passear  
arrastando mil baraços  
entre os alcaides madraços,  
e o algoz após de mim  
antes, que de um serafim  
perder os doces abraços.
- 4 E se por disciplinante  
for tido de toda a gente,  
que mau é ser penitente,  
para ser santo bribante.<sup>339</sup>  
e se o algoz falseante  
me puser por mais rigor  
alguma marca ao traidor  
por duas vezes casado,  
dirão, que é vosso estreado  
homem de marca maior.
- 5 Enfim que de qualquer sorte,  
que vós me queirais a mim,  
vos hei de dar sempre o sim,  
e um sim que dure até a morte:  
no maior mal, e mais forte,  
ao mais infame desdouro  
hei de desprezar o agouro,  
porque sendo vós tão grata

---

<sup>338</sup> *pes*: ver nota 54.

<sup>339</sup> *bribante*: ver nota 254.

sobre ser moça de prata  
sois Teresa um pino de ouro.

A HUMA MULATA APELIDADA MONTEYRA QUE  
DAVA CASA DE ALCOUCE.<sup>738</sup>

Hoje em dia averiguou-se  
(e aqui ninguém nos adula)  
que dais, por mostrar-vos mula,  
em lugar de couce alcouce:  
por verdade isto assentou-se,  
e eu também não vou contra ela,  
antes sem contradizê-la,  
quero sobre isto arguir,  
que caça hei de descobrir  
por Monteiro, e por cadela.

---

<sup>738</sup> *Monteira*: por *Monteiro* (ver nota 365).



OUTRA IMAGEM NÃO MENOS ELEGANTE DA  
MATÉRIA ANTECEDENTE

Horas contando, numerando instantes,  
Os sentidos à dor, e à glória atentos,  
Cuidados cobro, acuso pensamentos,  
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?  
Quem sustentou tão vários sentimentos?  
Pois para glória excedem de tormentos,  
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embarça;  
Porém quando um com outro mais porfia,  
O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando à fantasia,  
Mas sempre com ventagem na desgraça,  
Horas de inferno, instantes de alegria.

INSISTE O POETA A QUERER SER AMADO DE  
IGNACIA.

- 1 Inácia, vós que me vedes  
em tal desesperação  
remediai-o senão  
dareis por essas paredes:  
na malha das vossas redes  
quis eu minha alma enredar  
por vos servir, e adorar:  
mas vós, sem que Amor me valha,  
mesmo me rompeis a malha,  
a fim de me não pescar.
  
- 2 Não vos rende o meu carinho,  
porque em vossa estimação  
sou já peixe sabichão,  
e vós me quereis peixinho:  
se com todo o meu alinho  
vos não mereço o favor,  
que importa o vosso rigor,  
se se sabe, e vós o vedes,  
que quero nessas Paredes  
fundar um templo de Amor.
  
- 3 Quando as paredes juntemos  
a vossa, que é frontal,  
co'a minha de pedra e cal,  
uma grande obra faremos:  
a Amor a dedicaremos,  
porque guarde as vossas redes,  
que eu creio, e vós bem o vedes,

que tudo irá em rigor  
ver as paredes de Amor,  
só por amor das Paredes.

A OUTRA DAMA QUE GOSTAVA DE O VER  
MIJAR.

Inda que de eu mijar gosteis,  
que vos mijes com riso, e alegria,  
haveis de ver de siso inda algum dia,  
porque de puro gosto vos mijeis.

Então destes dois gostos sabereis,  
qual é melhor, e qual de mais valia:  
se mijares-vos vós na pedra fria,  
se mijando eu tapar, que não mijeis.

À fé, que aí fiqueis desenganada,  
e então conhecereis de entre ambos nós,  
qual é melhor, mijar, ou ser mijada.

Pois se nós nos mijamos sós por sós,  
haveis de festejar uma mijada,  
porque eu a mijar entro dentro em vós.

ARGUMENTA O POETA, (PHILOSOPHANDO  
ENGANOS) RAZÕES DE FINO COM PERSEVERAR  
A TODO O RIGOR DE SEU DESPRÊZO.

Já desprezei, sou hoje desprezado,  
Despojo sou, de quem triunfo hei sido,  
E agora nos desdêns de aborrecido  
Desconto as ufancias de adorado.

O amor me incita a um perpétuo agrado,  
O decoro me obriga a um justo olvido,  
E não sei, no que emprendo, e no que lido,  
Se triunfe o respeito, se o cuidado.

Porém vença o mais forte sentimento,  
Perca o brio maior autoridade,  
Que é menos o ludíbrico, que o tormento.

Quem quer, só do querer faça vaidade,  
Que quem logra em amor entendimento,  
Não tem outro capricho, que a vontade.

DESPEDIDA EM CANTIGAS AMOROSAS QUE FAZ  
A HUMA DAMA QUE SE AUSENTAVA.

Já vos ides, ai meu bem!  
já de mim vos ausentais?  
morrerei de saüdades,  
se partis, e me deixais.

É forçoso este argumento,  
tem conclusão infalível,  
ires vós, e ficar eu,  
meu amor, como é possível?

Meu amor, sem vós não sei,  
como poderei ficar,  
se vós partis, morrerei  
ao rigor do meu pesar.

Esperai detende o passo,  
que cada arranco, que dais,  
sendo a vida da minha alma,  
alma, e vida me levais.

Ó que rigoroso transe,  
e saudosa despedida!  
já sinto efeitos da morte  
com os efeitos da vida.

Lágrimas aljofaradas,  
como assim vos despenhais,  
sem atender tiranias,  
nem atender a meus ais.

Adeus de mim muito amada  
Prenda, que me dais mil dores,  
como mais não hei de ver-vos,  
adeus, adeus, meus amores.

RESSENTIDA TAMBEM COMO AS OUTRAS O  
POETA LHE DÀ ESTA SATISFAÇÃO POR ESTILLO  
PROPORCIONADO AO SEU GENIO.

Jelu, vós sois rainha das Mulatas,  
E sobretudo sois Deusa das putas,  
Tendes o mando sobre as dissolutas,  
Que moram na quitanda dessas Gatas.

Tendes muito distantes as Sapatas,  
Por poupar de razões, e de disputas,  
Porque são umas putas absolutas,  
Presumidas, faceiras, pararatas.

Mas sendo vós Mulata tão airosa  
Tão linda, tão galharda, e folgazona,  
Tendes um mal, que sois mui cagarrosa.

Pois perante a mais ínclita persona  
Desenrolando a tripa revoltosa,  
O que branca ganhais, perdeis cagona.



ETERNIZA O POETA AQUELLAS LAGRYMAS  
COM OS PRIMORES EXCELLENTE DO SEU  
MILAGROSO ENGENHO

- 1 Lágrimas afetuosas  
brandamente derretidas,  
o que tendes de afligidas,  
tendes de mais poderosas:  
sendo vós tão carinhosas,  
quão tristes me pareceis,  
que muito, que me abrandeis,  
quando ausentar-me sentis,  
se por me cobrar saís,  
e em busca de mim correis?
  
- 2 Se correis tão descontentes,  
onde ides tão apressada?  
e se andais tão recatadas,  
como assim sois tão correntes?  
Sendo essas vossas enchentes  
formosíssimo embarço,  
que muito, que ao descompasso  
de um ciúme enfurecido  
nessa corrente detido  
logo então perdesse o passo?
  
- 3 De ver, que vos afligistes,  
que ufano fiquei então,  
que alegre o meu coração,  
meus olhos, de ver-vos tristes:  
com razão vos persuadistes  
de formar-me um novo encanto

no vosso chorar, porquanto  
a fé, com que vos adoro,  
se alegre no vosso choro,  
se banha no vosso pranto.

4 Vendo, que eram desafogo  
lágrimas da vossa mágoa,  
o que era nos olhos água,  
no peito vi, que era fogo:  
logo vi, e entendi logo,  
que como a um tronco acontece,  
que ali arde, e cá umedece,  
assim vós num choro brando  
saís aos olhos, já quando  
incêndios a alma parece.

5 Lágrimas, grande seria  
uma dor, que vos condena,  
que à custa da vossa pena  
comprais a minha alegria:  
e pois da melancolia,  
que tive em tão tristes horas  
haveis sido as redentoras,  
do gosto, que me heis comprado  
tanto à custa do chorado,  
com razão sereis senhoras.

6 Sereis, pelo que agradastes,  
lágrimas aljofaradas,  
eternamente lembradas  
destes olhos, que alegrastes:

se por mim vos derramastes,  
e à custa de vossos brios  
por entre tantos desvios  
me buscais, fora desar,  
não ser meus olhos um mar,  
para recolher dois rios.

7 Lágrimas, que em vossas dores  
dizíeis emudecidas  
finezas jamais ouvidas  
de nunca vistos amores:  
pois que de vossos primores  
tão subido é o arrebol,  
basta, que do seu crisol  
saia esta fineza enfim,  
que eu vi triste um serafim,  
e choroso o mesmo sol.

8 Eternamente aplaudidas,  
sereis, lágrimas formosas,  
pois deixais de ser ditosas  
só por ser por mim vertidas:  
se o valor de agradecidas  
bastar a vossos matizes,  
contra a nota de infelizes  
podeis rir-vos de choradas,  
porque de gratificadas  
sois no mundo as mais felizes.

ADMIRAVEL EXPRESSÃO QUE FAZ O POETA DE  
SEU ATENCIOSO SILENCIO

Largo em sentir, em respirar sucinto  
Peno, e calo tão fino, e tão atento,  
Que fazendo disfarce do tormento  
Mostro, que o não padeço, e sei, que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,  
Dentro no coração é, que o sustento,  
Com que para penar é sentimento,  
Para não se entender é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;  
Da tempestade é o estrondo efeito:  
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!  
Pois não me chegam a vir à boca os tiros  
Dos combates, que vão dentro no peito.

## MANAS, DEPOIS QUE SOU FREIRA.

### MOTE

*É do tamanho de um palmo  
com dous redondos no cabo.*

- 1 Manas, depois que sou Freira  
apoleguei mil caralhos,  
e acho ter os barbicalhos  
qualquer de sua maneira:  
o do Casado é lazeira,  
com que me canso, e me encalmo,  
o do Frade é como um salmo  
o maior do Breviário:  
mas o caralho ordinário  
É do tamanho de um palmo.
  
- 2 Além desta diferença,  
que de palmo a palmo achei,  
outra cousa, que encontrei,  
me tem absorta, e suspensa:  
é, que dizcorrendo a imensa  
grandeza daquele nabo,  
quando o fim vi do diabo,  
achei, que a qualquer jumento  
se lhe acaba o comprimento  
Com dous redondos no cabo.

## DEFINIÇÃO DO AMOR.

Mandai-me, Senhores hoje  
que em breves rasgos descreva  
do Amor a ilustre prosápia,  
e de Cupido as proezas.  
Dizem, que da clara escuma,  
dizem, que do mar nascera,  
que pegam debaixo d'água,  
as armas, que Amor carrega.  
Outros, que fora ferreiro  
seu Pai, onde Vênus bela  
serviu de bigorna, em que  
malhava com grã destreza.<sup>657</sup>  
Que a dous assopros lhe fez  
o fole inchar de maneira,  
que nele o fogo acendia,  
nela aguava a ferramenta.  
Nada disto é, nem se ignora,  
que o Amor é fogo, e bem era  
tivesse por berço as chamas  
se é raio nas aparências.  
Este se chama Monarca,  
ou Semideus se nomeia,  
cujo céu são esperanças,  
cujo inferno são ausências.  
Um Rei, que mares domina,

---

<sup>657</sup> Refere-se GM e Hefesto (Vulcano dos romanos), o deus coxo da ilha de Lemnos casado com Afrodite (Vênus dos romanos). Eros (Cupido dos romanos) é tido como filho de Afrodite, mas não se conhece o pai, visto que a deusa traía o marido com muitos deuses.

um Rei, o mundo sopeia,  
sem mais tesouro, que um arco,  
sem mais arma, que uma seta.  
O arco talvez de pipa,  
a seta talvez de esteira,  
despido como um maroto,  
cego como uma Topeira.  
Um maltrapilho, um ninguém,  
que anda hoje nestas eras  
com o cu à mostra, jogando  
com todos a cabra-cega.  
Tapando os olhos da cara,  
por deixar o outro alerta  
por detrás à italiana,  
por diante à portuguesa.  
Diz, que é cego, porque canta,  
ou porque vende gazetas  
das vitórias, que alcançou  
na conquista das finezas.  
Que vende também folhinhas  
cremos por causa mui certa,  
pois nos dá os dias santos,  
sem dar ao cuidado tréguas;  
E porque despido o pintam,  
é tudo mentira certa,  
mas eu tomara ter junto  
o que Amor a mim me leva.  
Que tem asas com que voa  
e num pensamento chega  
assistir hoje em Cascais  
logo em Coima, e Salvaterra.  
Isto faz um arrieiro

com duas porradas tesas:  
e é bem, que no Amor se gabe,  
o que o vinho só fizera!  
E isto é Amor? é um corno.  
Isto é Cupido? má peça.  
Aconselho, que o não comprem  
ainda que lhe achem venda.  
Isto, que o Amor se chama,  
este, que vidas enterra,  
este, que alvedrios prostra,  
este, que em palácios entra:  
Este, que o juízo tira,  
Este, que roubou a Helena,  
este, que queimou a Tróia,<sup>658</sup>  
e a Grã-Bretanha perdera:  
Este, que a Sansão fez fraco,  
este, que o ouro despreza,  
faz liberal o avarento  
é assunto dos Poetas:  
faz o sisudo andar louco,  
faz pazes, ateia a guerra,  
o Frade andar desterrado,  
endoudece a triste Freira.  
Largar a almofada a Moça,  
ir mil vezes à janela,  
abrir portas de cem chaves,  
e mais que gata janeira.<sup>659</sup>  
Subir muros, e telhados,  
trepar cheminés, e gretas,  
chorar lágrimas de punhos<sup>660</sup>

---

<sup>658</sup> Ver nota 547.

<sup>659</sup> *janeira*: no cio.



gastar em escritos resmas.  
Gastar cordas em descantes  
perder a vida em pendências,  
este, que não faz parar  
oficial algum na tenda.  
O Moço com sua Moça,  
o Negro com sua Negra,  
este, de quem finalmente  
dizem, que é glória, e que é pena.  
É glória, que martiriza,  
uma pena, que receia,  
é uma fel com mil doçuras,  
favo com mil asperezas.  
Um antídoto, que mata,  
doce veneno, que enleia,  
uma discrição sem siso,  
uma loucura discreta.  
Um prisão toda livre,  
uma liberdade presa,  
desvelo com mil descansos,  
descanso com mil desvelos.  
Uma esperança, sem posse,  
uma posse, que não chega,  
desejo, que não se acaba,  
ânsia, que sempre começa.  
Uma hidropisia d'alma,  
da razão uma cegueira,  
um febre da vontade  
uma gostosa doença.  
Uma ferida sem cura,  
uma chaga, que deleita,

---

<sup>660</sup> *lágrimas de punhos*: lágrimas abundantes, grande pranto.

um frenesi dos sentidos,  
desacordo das potências.  
Um fogo incendiado em mina,  
faísca emboscada em pedra,  
um mal, que não tem remédio,  
um bem, que se não enxerga.  
Um gosto, que se não conta,  
um perigo, que não deixa,  
um estrago, que se busca,  
ruína, que lisonjeia.  
Uma dor, que se não cala,  
pena, que sempre atormenta,  
manjar, que sempre atormenta,  
manjar, que não enfastia,  
um brinco, que sempre enleva.  
Um arrojo, que enfeitiça,  
um engano, que contenta,  
um raio, que rompe a nuvem,  
que reconcentra a esfera.  
Víbora, que a vida tira  
àquelas entranhas mesmas,  
que segurou o veneno,  
e que o mesmo ser lhe dera.  
Um áspide entre boninas,  
entre chamas Salamandra,  
pois das chamas se alimenta.  
Um basilisco, que mata,<sup>661</sup>  
lince, que tudo penetra,  
feiticeiro, que adivinha,  
marau, que tudo suspeita  
Enfim o Amor é um momo,

---

<sup>661</sup> *basilisco*: ver nota 516.

uma invenção, uma teima,  
um melindre, uma carranca,  
uma raiva, uma fineza.  
Uma meiguice, um afago  
um arrufo, e uma guerra,  
hoje volta, amanhã torna,  
hoje solda, amanhã quebra.  
Uma vara de esquivaças,  
de ciúmes vara e meia,  
um sim, que quer dizer não,  
não, que por sim se interpreta.  
Um queixar de mentirinha,  
um folgar muito deveras,  
um embasbacar na vista,  
um ai, quando a mão se aperta.  
Um falar por entre dentes,  
dormir a olhos alerta,  
que estes dizem mais dormindo,  
do que a língua diz discreta.  
Uns temores de mal pago,  
uns receios de uma ofensa  
um dizer choro contigo,  
choromingar nas ausências,  
Mandar brinco de sangrias,<sup>662</sup>  
passar cabelos por prenda,  
dar palmitos pelos Ramos,  
e dar foliar pela festa.  
Anel pelo São João,  
alcachofras na fogueira,  
ele pedir-lhe ciúmes,

---

<sup>662</sup> *brinco de sangria*: peças vistoda dada ao paciente para distraí-lo durante a sangria; cf. nota 366.

ela sapatos, e meias.  
Leques, fitas e manguitos,  
rendas da moda francesa,  
sapatos de marroquim,  
guarda-pé de primavera.  
Livre Deus, a quem encontra,  
ou lhe suceder ter Freita;  
pede-vos por um recado  
sermão, certa, e caramelas.  
Arre lá com tal amor!  
isto é amor? é quimera,  
que faz de um homem prudente  
converter-se logo em besta.  
Uma bofia, uma mentira  
chamar-lhe-ei mais depressa,  
fogo salvaje nas bolsas,  
e uma sarna das moedas.  
Uma traça do descanso,  
do coração bertoeja,<sup>340</sup>  
sarampo da liberdade,  
carruncho, rabuge, e lepra.<sup>664</sup>  
É este, o que chupa, e tira  
vida, saúde, e fazenda,  
e se hemos falar verdade  
é hoje o Amor desta era  
Tudo uma bebedice,  
ou tudo uma borracheira,  
que se acaba co dormir,  
e co dormir se começa.

---

<sup>340</sup> *bertoeja*: ver nota 173.

<sup>664</sup> *carruncho*: por *caruncho*, inseto que perfura madeira e cereais.  
*rabuge*: por *rabugem*, doença de cães, semelhante à sarna.

O Amor é finalmente  
um embaraço de pernas,  
uma união de barrigas,  
um breve temor de artérias.  
Uma confusão de bocas  
uma batalha de veias,  
um rebuliço de ancas,  
quem diz outra coisa, é besta.

TARDAVA ANTONICA COM A RESOLUÇÃO, E O  
POETA EXORTA SUA NEUTRALIDADE.

Mando buscar a resposta  
Antonica à vossa casa,  
e queira Deus não se torne  
a resposta em respostada.  
Com temor a solicito,  
bem que a desejo com ânsia,  
que uma cousa é meu amor,  
e outra a minha pouca graça.  
Vós sois esquiva e cruel,  
tão dura e desapegada,  
que tirais de ser querida  
as razões de ser ingrata.  
Que vos rende a ingratição,  
que assim vos tem inclinada?  
acaso vos faz mais linda,  
mais Senhora, ou mais bizarra?  
A ingratição é delito  
tal, que se se castigara,  
não se pagara co' a vida,  
por isso nunca se paga.  
Ser benévola que custa?  
que gasto é de uma palavra?  
dai-me um sim, que custa pouco,  
e muitas finezas ganha.  
Sede mercador de amor,  
onde um favor, que se gasta,  
rende quinhentos por cento

em finezas de ouro, e prata.  
Fazei comigo negócio:  
e se heis medo, à minha barca,  
quem não sei arrisca não perde  
mas no risco está a ganância.  
E mais vós, que sabeis, que  
comigo ninguém naufraga,  
porque sou nesta cidade  
um dos berrantes de fama.  
Quem pode matar de linda,  
de esquiva para quem mata?  
morra da vossa beleza,  
mas não da vossa esquivância.  
Deixar as armas de bela,  
e usar de tirana as armas,  
é suspender a beleza  
o ofício, que tem na cara.  
Entre o pico, e o feitiço  
vai muita grande distância,  
o esquivo pica as vontades,  
o belo enfeitiça as almas.  
Dai-me licença, Antonica,  
para eu ir à vossa casa,  
para beijar-vos as mãos,  
e para: não digo nada.

A HUM SUGEYTO, QUE MANDOU HUM PIRÚ  
CEGO, E DOENTE.

Mandou-me o filho da pu-  
um peru cego, e doente,  
cuidando, que no presente,  
mandava todo o Peru:  
alimpei com ele o cu,  
e o botei na onda grata,  
mas é tal o patarata,  
e o seu louco desvario,  
que vendo o peru no rio,  
diz que é o Rio da Prata.



TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ SEM  
SE AFASTAR DO SEU ENCARECIMENTO.

Maricas, quando te vi,  
tanto a minha alma roubastes,  
que não sei, se me acabastes,  
ou se eu fui, que me perdi:  
porém sempre presumi,  
que este amor, que há entre nós,  
causa pena tão atroz,  
que a mim no fim me tem posto,  
porque nada me dá gosto  
quando me vejo sem vós.

OUTRA MULATA, DE QUEM O POETA FALLA  
ENTRE AS BORRACHAS DO JUIZADO DE NOSSA  
SENHORA DO EMPARO TAMBEM SE RESENTIO  
DA AFRONTA, E ELLE À SATISFAZ AGORA NA  
MESMA FORMA.

- 1 Marta: mandai-me um perdão  
em qualquer continha benta  
tocada na vossa venta  
passada por vossa mão:  
porque ainda que a contrição  
que tenho, de que entre nós  
haja ofensa tão atroz,  
é obra, que tanto monta,  
que me hei de tocar a conta,  
ou me hei de ir tocar em vós.
  
- 2 Quero, que me perdoeis,  
e para me perdoar,  
sendo ara do meu altar,<sup>598</sup>  
nela é força, me toqueis:  
assim me indulgenciareis  
por esta obra meritória,  
que ofreço à vossa memória,  
pela qual no foro externo  
podeis livrar-me do inferno,  
e levar-me à vossa glória.
  
- 3 Maldita seja a caraça,  
que me meteu na cabeça;  
que éreis, vós, Marta, má peça,

---

<sup>598</sup> *ara*: ver nota 445.

para ir perder vossa graça:  
e agora que a vista embaça  
em tão alta galhardia,  
praguejarei noite, e dia  
a patifa, que me ordena,  
que pegando então na pena  
vos metesse na folia.

- 4 Vós sois a gala das Pardas,  
e como sol das Mulatas  
sombra fazeis às Sapatas,  
que presumem de galhardas:  
formosuras são bastardas  
todas as mais formosuras,  
mas eu tomara às escuras  
topar vosso fraldelim,  
porque novo para mim  
assentara-lhe as costuras.

REFORÇA O POETA SEUS ENGANOS  
PROTESTANDO, QUE QUER SOMENTE AMAR  
POR AMAR, SEM OUTRO GENERO DE  
GALARDÃO, OU INTERESSE.

- 1 Menina: estou já em crer,  
que não é vosso rigor  
crueldade: mas temor,  
que tendes de vos render  
hei de dar-vos a entender  
por mais vos desenganar,  
que só pertendo adorar  
isento, e independente,  
que o querer do pertendente  
é mui distinto do amar.
  
- 2 Bem posso sem ser amado,  
amar-vos, minha Senhora,  
porque amor sempre melhora  
o fino em o desgraçado:  
no impossível adorado  
está o afeto maior,  
que quem aspira ao favor  
em sua dor importuna,  
faz lisonjas à fortuna,  
e não serviços a Amor.
  
- 3 Se do meu conhecimento  
nasceu a minha vontade,  
não pague uma divindade  
ter eu este entendimento:  
que mais agradecimento

quer uma amante paixão,  
que amar, e amar com razão?  
e se é preciso querer  
ao belo, porque há de ser  
mérito a obrigação?

- 4 O amar correspondido  
não é o mais perfeito amar,  
que não se hão de equivocar  
amante, e agradecido:  
sempre contingência há sido  
o rigor, ou a clemência  
e se da correspondência  
nascera sempre a vontade,  
não fora Amor divindade,  
porque o fosse a contingência.
- 5 Todo amante, que procura  
ser em seu amor ditoso,  
tem ambição ao formoso,  
não amor à formosura:  
quem idolatra a luz pura  
da beleza rigorosa,  
com fineza generosa  
ame sempre desprezado,  
porque o ser eu desgraçado,  
não vos tira o ser formosa.
- 6 Não ser de vós admitido  
acredita o meu cuidado,  
logo a ser tão desprezado  
devo estar agradecido:

rigores peço sofrido,  
não clemência, nem piedade,  
porque inútil é a vontade,  
que deixa em sua fineza  
pelos logros da beleza  
respeitos da divindade.

## A MESMA COM IRAS DE NAMORADO.

### MOTE

*Mi rezelo me dizia,  
quando te empecé a querer,  
que em effecto eras muger,  
y es nescio, quien dellas fia.*

- 1    Quize-te, Beliza amar,  
      y por mas que iba querido,  
      iba conmigo diciendo,  
      que me havias de engañar:  
      yo nó quise acreditar  
      el daño, que presumia,  
      mas viendo tu aleyvozia,  
      luego al instante alcancé,  
      que era cierto aquilo, que  
      Mi rezelo me dizia.
  
- 2    Iba queriendo, y dudando  
      traz de mi misma sospecha  
      que el aviso no aprovecha,  
      al que se vá despenhando:  
      hasta que cahi pagando  
      mi imprudente proceder,  
      y es justo, que llegue a ver  
      afflicto mi coraçon,  
      pues no segui la rason,  
      Quando te empecé a querer.
  
- 3    Saliste al fin con tu engaño,

pues en tu naturaleza,  
como ya mas ay firmeza,  
siempre tuvo asiento el daño:  
toco aora el desengaño  
del mal, que hize en te querer,  
pues para no pertender  
firmeza en tu pecho hallar,  
luego deviera pensar,  
Que en effecto eras muger.

- 4 Muger eras, falsa fuiste,  
falsa devias de ser,  
pues si naciste muger,  
obras, como qual naciste:  
muy pouco a mim me offendiste,  
porque yo te conocia,  
y nunca, Beliza mia,  
aguardé de tus verdades,  
ni fié de tus lealtades,  
Y es necio, quien dellas fia.



RECATAVA-SE PRUDENTEMENTE ESTA  
BELLEZA DAS DEMAZIAS DE SEU FUTURO  
ESPOSO, MAS ELLE AVALIANDO ESTE DESDEM  
POR TYRANNIA RECORRE SEGUNDA VEZ AOS  
MONTES, COMO ESCARMENTADO DE AMOR NO  
PRIMEIRO OBJECTO.

Montes, eu venho outra vez  
aliviar-me convosco,  
perdoai, se com meus ais,  
vosso silêncio interrompo.  
Já sabeis, montes amigos,  
que amo, estimo, quero, adoro;  
mas de que serve cansar-vos,  
já sabeis, montes, que morro.  
À conta do que me lembram  
aqueles olhos irosos,  
que no meu sentir são raios,  
e nunca a meu ver são olhos.  
Lembra-me o rico cabelo,  
que na oficina dos ombros  
me reforma estas meninas  
de seus anéis preciosos.  
Lembra-me o rosto gentil,  
e ver eu no gentil rosto  
escondido um não sei quê,  
que me matou, não sei como.  
Lembra-me logo a muita alma,  
com que move o airoso corpo,  
e nem de balde em o vendo  
de ver tanta alma me assombro.

Oh quem pudera dizer-vos  
outras mil partes, que escondo  
de recatado, podendo  
dizê-las de vanglorioso.  
Lembra-me Marfida enfim:<sup>341</sup>  
mas que digo eu? que vos conto?  
porque se dela jamais  
me esqueço, como me acordo!  
Isto pois venho a dizer-vos,  
e a contar, montes, de novo,  
que de mil ânsias, que planto,  
um só favor não recolho.  
Limitar certos favores  
com fingidos pressupostos,  
se não vai de estorvo alheio,  
vai de desapego próprio.  
Retorceder as vontades,  
e esbulhar da posse os logros  
toca em arrependimento,  
se acaso não peca em ódio.  
Desigualar as ações,  
e alterar cad' hora os modos,  
se é por exame, não louvo.  
Desdenhar-se a meus carinhos,  
quem é afável com todos,  
isso é dizer-me na cara,  
que é aborrecido seu dono.  
Faltar nos prometimentos,  
ser pontual nos desgostos,  
curta nas satisfações,

---

<sup>341</sup> *Marfida*: por *Marfada*? (de *marfar*, 'causar desgosto a'); no poema, de qualquer modo, tem valor de nome próprio.

larguíssima nos opróbrios:  
Executar tiranias,  
endurecer-se com rogos,  
prezar-se de isenções,  
enfim matar-me por gosto:  
Que há de ser montes amigos,  
senão haver feito eu próprio  
ingratíssima a Marfida  
a puro afeto amoroso.  
Que há de ser, se o ser constante  
em um fino é desabono,  
e assim eu mais me malquisto,  
quanto mais fino me mostro?  
Que há de ser, se quando as setas  
de Amor em Marfida aponto,  
ela as solta contra mim,  
e em meu próprio amor que corto?  
Faz-me mal, o que lhe quero,  
dá-me em saber, que a adoro,  
e é tarde para escondê-lo  
a seu juízo, e seus olhos.  
Quisera ingrata chamar-lhe,  
porém nem devo, nem ousou,  
que em dizer mal do que quero,  
desacredito meu gosto.  
Tende-me, montes, segredo,  
não saibam nestes contornos,  
quem é a ingrata Marfida,  
e o triste Pastor Ausônio.<sup>342</sup>

---

<sup>342</sup> *Ausônio*: da Ausônia, isto é, da Itália primitiva; o termo, aqui difere do emprego dado em outro contexto: ver nota 102.

LIZONGEA O POETA A VASCO DE SOUZA  
FAZENDO EM SEU NOME ESTA LACRIMIMOSA  
NENIA.

Morreste, Ninfa bela,  
na florescente idade:  
nascente para flor,  
como flor acabaste.

Viu-se a Alva no berço,  
a Véspera no jaspe,  
mimo foste da Aurora,  
a lástima da tarde.

O nácar, e os alvares  
da tua mocidade  
foram, se não mantilhas,  
mortalha a teus donaires.

Oh nunca flor nasceras,  
Se imitando-as tão frágil,  
no âmbar de tuas folhas  
te ungiste, e te enterraste.

Morreste, e logo Amor  
quebrou arco, e carcasses;  
que muito se lhe faltas,  
que logo se desarme?

Ninguém há neste monte,  
ninguém naquele vale,

o cortesão discreto,  
o pastor ignorante:

Que teu fim não lamente,  
dando aos quietos ares  
já fúnebres endechas,  
já trágicos romances.

O eco, que responde  
a qualquer voz do vale,  
já agora só repete  
meus suspiros constantes.

A árvore mais forte,  
que gemia aos combates  
do vento, que a meneia  
ou do raio, que a parte,

Hoje geme, hoje chora  
com lamento mais grave  
forças da tua estrela  
mais que a força dos ares.

Os Ciprestes já negam  
às aves hospedagem,  
porque gemendo tristes,  
andam voando graves.

Tudo enfim se trocou,  
montes, penhas, e vales,  
o penedo insensível,  
o tronco vegetável.

Só eu constante, e firme  
choro o teu duro transe,  
o mesmo triste sempre  
por toda a eternidade.

Ó alma generosa,  
a quem o Céu triunfante  
usurpou a meus olhos  
para ser lá deidade.

Aqui onde o Caípe  
já te erigiu altares  
por Deusa destes montes,  
e por flor destes vales:  
Agrário o teu Pastor  
não te forma de jaspes  
sepulcro a tuas cinzas  
túmulo a teu cadáver.

Mas em lágrimas tristes,  
e suspiros constantes  
de um mar tira dois rios,  
de um rio faz dois mares.

ROMPE O POETA DESCONFIADO ARDENDO EM  
LAVARETAS DE AMOR COM ESTA VENERANDA  
ANATOMIA D'ALMA.

Morro de desconfianças,  
e inda assim, Marfida, morro,<sup>343</sup>  
se duvidoso constante,  
e se incrédulo devoto.  
Indiscretamente acabo,  
porque nesciamente troco  
a vida, que tu me dás,  
pela morte, que eu me tomo.  
Morrendo de meus temores  
sinto não morrer, meus olhos,  
contente de tua mão,  
se não triste de mim próprio.  
Se foras minha homicida,  
morrera eu, meu bem, gostoso,  
mas que alegre hei de morrer  
sendo o matador, e o morto?  
Tu não me matas, Marfida,  
que isso é só para ditosos,  
dúvidas da fé me matam,  
que eu mesmo levanto, e movo.  
Mata-me o meu pensamento,  
que a meu pesar se tem ódio  
os sentidos, e as potências  
dentro em meu peito composto.  
Se me vejo, me acobardo,  
e se te escuto, me cobro,

---

<sup>343</sup> *Marfida*: ver nota 387.

esforçam-me os meus sentidos,  
quando me afrouxam meus olhos.  
Quando te escuto, me firmo  
em teu cuidado amoroso:  
Vejo-me e tanto descaio,  
que de te crer me envergonho.  
Ser confiado me alenta,  
mata-me o estar duvidoso,  
podendo viver, não quero,  
querendo viver, não posso.  
Se quero viver, te creio,  
se te quero crer, não ousa,  
e do meu bem me desvio,  
quando a meu mal me acomodo.  
Que dissabores padeço,  
e que desgostos suporto  
por uma idéia, que finjo  
num pensamento, que formo!  
Morro de cousa nenhuma  
mas que monta, se enfim morro?<sup>344</sup>  
e se enfim me mata mais  
ver, que morro de tão pouco.  
Quem me pusera tão longe  
a mim mesmo de mim próprio,  
que apartado, do que cuido,  
só vivera, do que adoro.  
Porém inda que me mato,  
e em meu discurso me afogo,  
de ti, Marfida cruel,  
deveras estou queixoso.  
Homicídio é dar a morte,

---

<sup>344</sup> *Monta*: de *montar*, no sentido de ‘importar’, ‘interessar’.



mas eu a ter me acomodo  
por mais cruel homicídio  
negar à vida um socorro.  
E tu, se bem me não tiras  
a vida, quando me morro,  
podendo a morte estouvar-me,  
jamais queres ser estorvo.  
Vês-me com a morte lutando,  
e em teu duro peito noto,  
que à minguá de um teu carinho  
fico da morte despojo.  
Se tu me deixas morrer  
das idéias, que componho,  
de mim sem razão me queixo,  
e a ti, com razão, me torno.  
Que não receia, não ama,  
ser confiado, é ser frouxo,  
sempre são loucos os zelos,  
mas discretíssimos loucos.  
E se os meus zelos te enfadam,  
dá-me licença, meus olhos,  
para me ter por mofino,  
pois perco por amoroso.  
Se das potências desta alma  
te dei o domínio todo,  
porque em minha alma consentes  
estas idéias, que formo?  
Responderás, que te indignam,  
porque servem um falso antojo  
ou a teu amor de injúria,  
ou a tua fé de opróbrio.  
Mas se és Senhora absoluta

de mim mesmo, e de mim todo,  
em consentir no meu erro  
dás a entender, que é teu gosto.  
Marfida, eu morro, e acabo:  
e em tal hora me acomodo,  
só por ser, Marfida, teu,  
co'a glória de ser teu morto.

DESTA VEZ SE DEIXOU O POETA ESQUECER  
NAQUELLA CASA, ESPERANDO OCCASIÃO DE  
DECLARAR SE, E SEMPRE SE ACOBARDOU A  
VISTA DA CAUSA, SEM EM LUTAS COM O AMOR,  
E RESPEYTO.

*MOTE*

*por dizir mi mal,  
vida en callar.*

*Muero*

*Va-me la*

- 1 Dos veces muerto me halho  
de los arpones de Amor,  
una al dizir mi dolor,  
y otra vez quando lo callo.  
No sé como remediarllo,  
pues su implicacion es tal,  
que hazes mi dolor mortal,  
y con peligro tan fiero,  
que quando por callar muero,  
Muero por dizir mi mal.
  
- 2 Aqui el contrario no es medio  
de curar a su contrario,  
porque el remedio ordinario  
no es para mi mal remedio:  
yo tengo un azar, um tedio  
a todo, lo que es sanar,

porque todo es peligrar;  
si callo, pierdo la vida,  
y si digo, mi homicida,  
Va-me la vida en callar.

A DAMAZIA QUE DAVA PRESSA À HUMA SAYA  
QUE SE ESTAVA FAZENDO, PARA BOTAR NUMA  
FESTA, DIZENDO SER SUA SENDO ELLA DE SUA  
SENHORA.

Muito mentes, Mulatinha:  
valha-te deus por Damásia!  
não sei, quem sendo tu escura,  
te ensina a mentir às claras.  
Tal vestido, com tal pressa?  
não vi mais ligeira saia;  
mas como a seda é ligeira,  
foi a mentira apressada.  
Tal vestido não é teu,  
nem tu tens, Damásia, cara,  
para ganhar um vestido,  
que custa tantas patacas.  
Tu ganhas dous, três tostões  
por duas ou três topadas;  
não chegam as galaduras  
para deitar uma gala.  
Nem para os efeitos chegam  
os troquinhos, que tu ganhas,  
pois não vale o teu feito  
mis que até meia-pataca.  
De Soldado até Sargento,  
ou até Cabo de esquadra  
não passa o teu roçagante,  
nem te chega a triste alçada.  
Estes, que te podem dar,  
mais que uma vara de caça<sup>739</sup>

---

<sup>739</sup> *caça*: por *cassa*, tecido fino de linho ou algodão.

uma cinta de baeta  
e saia de persiana.  
Colete de chamalote,  
e de vara e meia a fralda,<sup>740</sup>  
que fazem oito mil-réis,  
que é valor da pobre farda.  
Todos sabem, que o vestido,  
que em verdes campos se esmalta,  
é verdura de algum besta,  
que em tua Senhora pasta.  
Mas o que é dela, teu é,  
que é outra que tal jangada,  
e talvez por to emprestar,  
que ficaria ela em fraldas.  
Apostemos, que não vestes  
outra vez a verde saia,  
e nem de a vestires mais,  
te ficam as esperanças?  
Ora toma o meu conselho,  
e vive desenganada,  
que enquanto fores faceira,  
não hás de ganhar pataca.

---

<sup>740</sup> *fralda*: ver nota 329.

AO PÉ DAQUELLE PENHASCO LACRIMOSO QUE  
JÁ DICEMOS PERTENDE MODERAR SEU  
SENTIMENTO, E RESOLVE, QUE A SOLEDADE Ó  
NÃO ALIVIA.

Na parte da espessura mais sombria,  
Onde uma fonte de um rochedo nasce,  
Com os olhos na fonte, a mão na face,  
Sentado o Pastor Sílvio assim dizia.

Ai como me mentiu a fantasia!  
Cuidando nesta estância repousasse!  
Que muito a sede nunca mitigasse,  
Se cresce da saudade a hidropisia.

Solte o Zéfiro brando os seus alentos,  
E excite no meu peito amantes fráguas,  
Que subam da corrente os movimentos.

Que é tirana oficina para a mágoas  
Ouvir nas folhas combater os ventos,  
Por entre as pedras murmurar as águas.

REALÇA O POETA AS PERFEYÇÕES DE THEREZA  
NA MÓRTE COR DE HUMA ENFERMIDADE, QUE  
PADECEO, DA QUAL AGORA CONVALECIA.

Na roça os dias passados  
vi a Senhora Tetê  
tão linda, como achacosa,  
tão fraca, como cruel.  
Não sei, que força escondida  
sobre os meus sentidos tem,  
que estando fraca a beleza,  
não resisto a seu poder.  
Se a doença é tão formosa,  
como em Teresa se vê,  
quem não trocara a saúde  
pelos seus males? e quem,  
seja púrpura no campo,  
seja rubi no vergel,  
não trocará o encarnado  
por tão linda palidez?  
As flores da laranjeira  
vendo assentar-se-lhe ao pé,  
todas ao chão se arrojaram  
desesperadas de a ver.  
Uma colheu ela as mãos;  
outras pisou com seu pés,  
e qual era a mão, a flor,  
não soube enxergar ninguém.  
Fez-se de flores um monte  
a par da linda Tetê,



que por deixá-las luzir,  
a tratavam de esconder.  
De todo o monte de flores,  
um ramilhete se fez  
elas ao pé eram flores  
e em cima era flor Tetê.  
Os pássaros lhe cantaram  
o seu lá sol fá mi ré,  
crendo, que segunda aurora  
lhes tornava a amanhecer.  
A fonte parou seu curso,  
porque a fonte, nem ninguém  
pode ser corrente à vista  
de uma Dama tão cortês;  
Eu quis descobrir-lhe o amor  
que a seus olhos consagrei,  
como em aras de beleza,<sup>345</sup>  
onde se holocausta a fé.  
Fui curto, não me atrevi,  
temi, emudeci, calei;  
sempre amor difere mal,  
a quem não se explica bem.  
De mim me queixo somente,  
e do adágio português,  
que diz, que o calar não dana;  
e eu perdi, porque calei.  
Se os Malmequeres do campo  
por rainha aquela vez  
a aclamaram, e elegeram  
pela cor, e o mal me quer:  
Eu dessa eleição apelo,

---

<sup>345</sup> *ara*: altar ou pedra de sacrifício.

e fiado em minha fé,  
dará volta o mal me queres,  
e parará em querer bem.

A HUMA DAMA QUE MACHEAVA OUTRAS  
MULHERES.

MOTE

*Namorei-me sem saber  
esse vício, a que te vás,  
que a homem nenhum te dás,  
e tomas toda a mulher.*

- 1 Foste tão presta em matar-me  
Nise, que não sei dizer-te,  
se em mim foi primeiro o ver-te,  
do que em ti o contentar-me  
sendo força o namorar-me  
com tal pressa houve de ser,  
que importando-me aprender  
a querer, e namorar,  
por mais me não dilatar  
Namorei-me sem saber.
  
- 2 A saber como te amara,  
menos mal me acontecera,  
pois se mais te compreendera,  
tanto menos te adorara:  
a vista nunca repara,  
no que dentro d'alma jaz,  
e pois tão louca te traz  
que só por Damas suspiras,  
não te amara, que tu viras,  
Esse vício, a que te vás.

- 3 Se por Damas me aborreces  
absorta em suas belezas,  
a tua como a desprezas,  
se é maior que as que apetecees?  
se a ti mesma te quisesses,  
querendo, o que a mim me praz,  
seria eu contente assaz,  
mas como serei contente,  
se por mulheres se sente,  
Que a homem nenhum te dás?
- 4 Que rendidos homens queres,  
que por amores te tomem?  
se és mulher, não para homem,  
e és homem para mulheres?  
Qual homem, ó Nise, inferes,  
que possa, senão eu ter  
valor para te querer?  
se por amor nem por arte  
de nenhum deixas tomar-te  
E tomas toda a mulher!

COM ESTA RESPOSTA SE AVIVARAM NA DAMA  
OS INCENDIOS DE AMOR, E NO POETA SE A  
AVIVARAM OS QUILATES DESTA HONRA.

Não me culpes, Filena, não de ingrato,  
Se notado hás de mim tanta esquivança;  
Por que a força do fado em tal mudança  
Ou inclina o desdém, ou move o trato.

Mas que importa, se quando olvidar trato  
Teus amores por lei, que não se alcança,  
Dura impressa no amor tua lembrança;  
Vive n'alma estampado teu retrato.

Os efeitos combatem da vontade  
Amoroso desdém zelosa pena,  
Produzindo tão grande variedade.

Teu amor, que me obriga, te condena,  
Que como não tens livre a liberdade,  
Não me podes prender o amor, Filena.

## TERCEYRO PIQUE À MESMA DAMA.

- 1 Não me farto de falar,  
Floralva, em vossa flor bela,  
e tanto hei de falar nela,  
té que a hei de desfolhar:  
que a fim de despinicar,  
como fazem as mulheres  
nos dourados malmequeres,  
à roda a hei de despir,  
até que venha a cair  
a sorte no bem me queres.
  
- 2 Que coisas chega a dizer  
em dois versos um Poeta.  
e vós sendo tão discreta  
não me acabais de entender:  
porque possais perceber  
outra vez direi o caso:  
é pois, minha Flor, o prazo,  
que torno a pedir aqui  
não a flor, que já perdi,  
senão a flor com seu vaso.
  
- 3 Forra-me os largos espaços,  
que dais ao vosso Matias,  
pois sabeis, que há tantos dias,  
morro por vossos pedaços:  
os desejos já relassos  
nos prova da vossa olha  
se querem ver na bambolha,  
e se achais, que a flor em preço

é coisa, que não mereço,  
dai-me ao menos uma folha.

- 4 Dai-me, o que quiseres,  
dai-me o cheiro dessa flor,  
que é o mais leve favor,  
que no Brasil dão mulheres:  
e se me não concederes,  
que possa essa flor cheirar,  
assim só de me matar,  
 façamos este partido,  
pois me tirais um sentido,  
dai-me já o de apalpar.

A HUMA DAMA, QUE LHE MANDOU HUM  
REGISTRO DE SANTA JULIANA QUE HAVIA  
TIRADO POR SORTE EM SANTA ANNA.

Não me maravilha não,  
tirares hoje em Santa Ana  
uma Santa Juliana,  
e o touro por um grilhão:  
porque a vossa devoção  
é certo, que a meus adornos  
decretou estes subornos,  
para que veja a minha alma,  
que por dar à Santa a palma,  
me prende hoje pelos cornos.



CONTINUA O POETA NA MESMA EMPREZA DE  
SER ADMITTIDO FAZENDO GALA DO SEU  
MESMO DESPREZO.

MOTE

*Não me queixo de ninguém,  
se bem, que por vida minha  
que bastante causa tinha  
para queixar-me de alguém.*

- 1 Queixar-me a mais não poder  
é despedir o pesar:  
amar, queres, e queixar  
é queixar-se do querer:  
eu, que isto sei entender,  
e alcanço, que me está bem  
não queixar-me de um desdém  
por mostrar, que estimo a causa,  
dando a meus alívios pausa,  
Não me queixo de ninguém.
  
- 2 Se me queixo de uma dor,  
abro a porta a meu tormento,  
e não perco um sentimento  
porquanto gastos dá Amor:  
vencer a pena é melhor,  
que render-se a uma dorzinha:  
e quando a Parca mesquinha  
da vida os fios me corte,  
passarei por minha morte,

Se bem, que por vida minha.

3 Se Clóri de mui querida  
é alma do meu viver,  
porque a morte hei de temer  
dada pelas mãos da vida?  
que vida mais bem perdida,  
que dar eu, não sendo minha,  
a vida, a quem ma sustinha?  
e quando não baste isto,  
sei eu, por havê-la visto,  
Que bastante causa tinha.

4 Bastante causa tivera,  
já que não para queixar-me,  
para morrer, e matar-me  
por calar pena tão fera:  
e ainda que a fineza era  
calar o rigor, de quem  
me mata a puro desdém,  
calar por mais perfeição  
não tira o ter eu razão,  
Para queixar-me de alguém.

REMETTE À SUA ESPOSA A SEGUINTE OBRA,  
CHOVENDO PRÊMIOS À AQUELLA  
DEMONSTRAÇÃO DE AMOR

Não sei, em qual se vê mais rigorosa  
A força desta nossa despedida,  
Se em mim, que sinto já perder a vida,  
Se em vós, aquém contemplo tão chorosa.

Vós com incêndios d'alma piedosa  
Mostrais a dor em água convertida,  
Eu com ver-me tão longe da partida,  
Nem água me deixou dor tão forçosa.

Vós, pelo que entendeis do meu sentido,  
Obrais, a causa tendo inda presente;  
Pagando-me antemão, quanto mereço.

Eu logo, que me vir de vós partido,  
Nalma satisfarei estando ausente  
Esse amor, que nos olhos vos conheço.

## FALLA O POETA COM SUA ESPERANÇA

Não te vás, esperança presumida,  
A remontar a tão sublime esfera,  
Que são as dilações dessa quimera  
Remora para o passo desta vida.

Num desengano acaba reduzida  
A larga propensão, do que se espera.,  
E se na vida o adquirir te altera,  
Para penar na morte te convida.

Mas voa, inda que breve te discorres,  
Pois se adoro um desdém, que é teu motivo,  
Quando te precipitas, me discorres.

Que me obriga meu fado mais esquivo,  
Que se eu vivo da causa, de que morres,  
Que morras tu da causa, de que vivo.

PONDERA AGORA COM MAIS ATENÇÃO A  
FORMOSURA DE D. ANGELA

Não vi em minha vida a formosura,  
Ouvida falar nela cada dia,  
E ouvida me incitava, e me movia  
A querer ver tão bela arquitetura.

Onde a vi por minha desventura  
Na cara, no bom ar, na galhardia  
De uma Mulher, que em Anjo se mentia,  
De um Sol, que se trajava em criatura.

Me matem (disse então vendo abraçar-me)  
Se esta a cousa não é, que encarecer-me.  
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me.

Olhos meus (disse então por defender-me)  
Se a beleza hei de ver para matar-me,  
Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

ACOMPANHOU ESTAS TÃO SAUDOSAS QUATRO  
DÉCIMAS ESTE SONETO.

Nos últimos instantes da partida,  
Em que o rigor o golpe executava,  
Vi, quando alentos no sentir achava  
A morte dilatada, ou repetida.

Obrou a execução na despedida,  
Que ali de vossos olhos me ausentava,  
E como a vida neles me ficava,  
Não pude então viver deixando a vida.

Foi de ausentar-me a morte consequência,  
Pois estando sem vós, sem vida estive;  
Mas direis, que o morrer de alentos priva.

Porém como nas mãos de uma violência,  
Quem ausente padece, morre, e vive,  
Foi a vida defunta, a morte viva.

VIO HUMA MANHÃA DE NATAL AS TRÊS  
IRMÃAS, A CUJAS VISTAS FEZ AS SEGUINTES  
DÉCIMAS.

1      Nenhuma manhã tão serena  
         como entre tanto arrebol  
         pode caber tanto sol  
         em esfera tão pequena?  
         quem aos pasmos me condena  
         da dúvida há de tirar-me,  
         e há de mais declarar-me,  
         como pode ser ao certo  
         estar eu hoje tão perto  
         de três sóis, e não queimar-me.

2      Onde eu vi duas Auroras  
         com tão claros arrebóis,  
         que muito visse dois sóis  
         nos raios de três Senhoras:  
         mas se as matutinas horas,  
         que Deus para aurora fez,  
         tinham passado esta vez,  
         como pode ser, que ali  
         duas auroras eu vi,  
         e os sóis eram mais de três?

3      Se lhes chamo estrelas belas,  
         mais cresce a dificuldade,  
         pois perante a majestade  
         do sol não luzem estrelas:  
         seguem-se-me outras seqüelas,

que dão mais força à questão,  
com que eu nesta ocasião  
peço à Luz, que me conquista,  
que ou me desengane a vista,  
ou me tire a confusão.

- 4      Ou eu sou cego em verdade,  
         e a luz dos olhos perdi,  
         ou tem a luz, que ali vi,  
         mais questão, que a claridade:  
         cego de natividade  
         me pode o mundo chamar,  
         pois quando vim visitar  
         a Deus em seu nascimento,  
         me aconteceu num momento,  
         vendo a três luzes, cegar.



DESCREVE COM GALHARDA PROPRIEDADE O  
LABYRINTO CONFUSO DE SUAS  
DESCONFIANÇAS.

Ó caos confuso, labirinto horrendo,  
Onde não topo luz, nem fio amando,  
Lugar de glória, aonde estou penando,  
Casa da morte, aonde estou vivendo!

Ó voz sem distinção, Babel tremendo,  
Pesada fantasia, sono brando,  
Onde o mesmo, que toco, estou sonhando,  
Onde o próprio, que escuto, não entendo!

Sempre és certeza, nunca desengano,  
E a ambas propensões, com igualdade  
No bem te não penetro, nem no dano,

És ciúme martírio da vontade,  
Verdadeiro tormento para engano,  
E cega presunção para verdade.

## O MULEIRO, E O CRIADO.

### MOTE

*O Caralho do Muleiro  
é feito de papelão,  
arreita pelo inverno,  
para foder no verão.*

### GLOSA

- 1 O Muleiro, e o Criado  
tiveram grande porfia  
sobre qual deles teria  
mor membro, e mais estirando:  
pôs-se o negócio em julgado,  
e botando ao soalheiro  
um, e outro membro inteiro,  
às polegadas medido,  
se viu, que era mais comprido  
O caralho do Muleiro.
  
- 2 Disto Criado apelou,  
e foi a razão, que deu,  
que o membro então mais cresceu,  
porque então mais arreitou:  
logo alegrou, e provou  
não ser bastante razão  
a polegada da mão  
para vencer-lhe o partido.  
que suposto que é comprido,  
É feito de papelão

- 3 Irem sendo necessário;  
disse mais, que provaria,  
que se era papel, se havia  
abaixar como ordinário:  
que o membro era mui falsário  
feito de um pobre quaderno,<sup>573</sup>  
tão fora do uso moderno,  
que se uma Moça arreitada  
lhe dá no verão entrada,  
É para foder no inverno.
- 4 E que depois de se erguer,  
é tão tardo, e tão ronceiro,  
que há de mister o Muleiro  
seis meses para o meter:  
porque depois de já ter  
aceso como um tição,  
engana a putinha então,  
pois pedindo a fornicasse,  
lhe dizia, que esperasse  
Para foder no verão.

---

<sup>573</sup> *quaderno*: por *caderno*.

## O HOMEM MAIS A MULHER.

### MOTE

*O cono é fortaleza,<sup>717</sup>  
o caralho é capitão,  
os culhões são bombardeiros  
o pentelho é o murrão.<sup>718</sup>*

- 1 O homem mais a mulher  
guerra entre si publicaram,  
porque depois que pecaram,  
um a outro se malquer:  
e como é de fraco ser  
a mulher por natureza,  
por sair bem desta empresa,  
disse, que donde em rigor  
o caralho é batedor,  
O cono é fortaleza.
  
- 2 Neste Forte recolhidos  
há mil soldados armados  
à custa de amor soldados,  
e à força de amor rendidos:  
soldados tão escolhidos,  
que o General disse então,  
de membros de opinião,  
que assistem com tanto abono  
na fortaleza do cono,  
O caralho é capitão.

---

<sup>717</sup> *cono*: ver nota 274.

<sup>718</sup> *murrão*: ver nota 594.

- 3    Aquartelaram-se então  
      com seu capitão caralho  
      todos no quartel do alho,  
      guarita do cricalhão:<sup>719</sup>  
      e porque na ocasião  
      havam de ir por primeiros,  
      além dos arcabuzeiros  
      os bombardeiros, se disse,  
      do que serve esta parvoíce?  
      Os culhões são bombardeiros.
- 4    Marchando por um atalho  
      este exército das picas,  
      toda a campanha das cricas  
      se descobriu de um carvalho:  
      quando o capitão caralho  
      mandou disparar então  
      ao bombardeiro culhão,  
      que se achou sem bota-fogo,  
      porém gritou-se-lhe logo,  
      O Pentelho é o murrão.

---

<sup>719</sup> *cricalhão*: ver nota 321.

A HUMA DAMA QUE LHE PEDIO HUM  
CRAVEYRO.

O craveiro, que dizeis,  
não vo-lo mando, Senhora,  
só porque não tem agora  
o vaso, que mereceis:  
porém se vós o quereis,  
quando por vós eu me abraso,  
digo em semelhante caso,  
sem ser nisso interesseiro,  
que vos darei o craveiro,  
se vós me deres o vaso.

VENDO-SE FINALMENTE EM HUMA OCCASIÃO  
TAM PERSEGUIDA ESTA DAMA DO POETA,  
ASSENTIO NO PREMIO DE SUAS FINEZAS. COM  
CONDIÇÃO POREM, QUE SE QUERIA PRIMEYRO  
LAVAR; AO QUE ELLE RESPONDEO COM A SUA  
COSTUMADA JOCOSERIA.

- 1 O lavar depois importa,  
porque antes em água fria  
estarei eu noite, e dia  
batendo-vos sempre à porta:  
depois que um homem aporta,  
faz bem força por entrar,  
e se hei de o postigo achar  
fechado com frialdade,  
antes quero a sujidade,  
porque enfim me hei de atochar.
- 2 Não serve o falar de fora,  
Babu, vós bem o sabeis,  
dai-me em modo, que atochéis,  
e esteja ele sujo embora:  
e se achais, minha Senhora,  
que estes são os meus senãos,  
não fiquem meus gostos vãos,  
nem vós por isso amuada,  
que ou lavada, ou não lavada  
cousa é, de que levo as mãos.
- 3 Lavai-vos, minha Babu,  
cada vez que vós quiseres,

já que aqui são as mulheres  
lavadeiras do seu cu:  
juro-vos por Berzabu,<sup>346</sup>  
que me dava algum pesar  
vosso contínuo lavar,  
e agora estou nisso lhano,  
pois nunca se lava o pano,  
senão para se esfregar.

4 A que se esfrega amiúdo  
se há de amiúdo lavar,  
porque lavar, e esfregar  
quase a um tempo se faz tudo:  
se vós por modo sisudo  
o quereis sempre lavado,  
passe: e se tendes cuidado  
de lavar o vosso cujo  
por meu esfregão ser sujo,  
já me dou por agravado.

5 Lavar a carne é desgraça  
em toda a parte do Norte,  
porque diz, que dessa sorte  
perde a carne o sal, e graça:  
e se vós por esta traça  
lhe tirais ao passarete  
o sal, a graça, e o cheirete,  
em pouco a dúvida topa,  
se em quereis dar a sopa,  
dai-ma com todo o sainete.

---

<sup>346</sup> *Berzabu*: ver nota 234.



- 6 Se reparais na limpeza,  
ides enganada em suma,  
porque em tirando-se a escuma,  
fica a carne uma pureza:  
fiai da minha destreza,  
que nesse apertado caso  
vos hei de escumar o vaso  
com tal acerto, e escolha,  
que há de recender a olha  
desde o Nascente ao Ocaso.
- 7 As Damas, que mais lavadas  
costumam trazer as peças,  
e disso se prezam, essas  
são Damas mais deslavadas:  
porque vivendo aplicadas  
a lavar-se, e mais lavar-se  
deviam desenganar-se,  
de que se não lavam bem,  
porque mal se lava, quem  
se lava para sujar-se.
- 8 Lavar para me sujar  
isso é sujar-me em verdade,  
lavar para a sujidade  
fora melhor não lavar:  
do que serve pois andar  
lavando antes que mo deis?  
Lavai-vos, quando o sujeis,  
e porque vos fique o ensaio,  
depois de foder lavai-o  
mas antes não o laveis.

## CO CIRRO NOS ESTREFOLHOS

MOTE

*Ó meu pai, tu qué's, que eu morra?*

- 1 Co cirro no estrefolhos<sup>556</sup>  
se queixava um negro cono  
de ver, lhe fincava o mono  
o fodedor dos antolhos:  
e revirando-lhe os olhos  
dizia a puta cachorra,  
desencaixa um pouco a porra,  
eu venho a regalar-me,  
e tu fodes a matar-me?  
Ó meu Pai, tu qué's, que eu morra?
  
- 2 Fretei uma negra mina  
e fodendo-a todo o dia  
a coitada não podia  
porém era puta fina:  
a porra nela se inclina  
inclino com força a porra,  
e forcejando a cachorra  
ela me disse esperai,  
e eu lhe disse chegai,  
Ó meu Pai, tu qué's, que eu morra?

---

<sup>556</sup> *cirro*: penugem em torno da venta de certas aves.  
*estrefolhos*: termo inventado por GM para sugerir a idéia de ‘olhos revirados’, já que usa como elemento de composição o grego *strépho*, ‘voltar’, ‘enrolar’, ‘dar voltas a uma coisa’.



SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO A VISTA  
DA LUZ DO CONDIEYRO PORFIA O POETA  
PENSAMENTEAR EXEMPLOS DE SEU AMOR NA  
BORBOLETA

Ó tu do meu amor fiel traslado  
Mariposa entre as chamas consumida,  
Pois se à força do ardor perdes a vida,  
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim hás encontrado,  
Essa flama girando apetecida;  
Eu girando uma penha endurecida,  
No fogo, que exalou, morro abrasado.

Ambos de firmes anelando chamas,  
Tu a vida deixas, eu a morte imploro  
Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.

Mas ai! que a diferença entre nós choro,  
Pois acabando tu ao fogo, que amas,  
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.

SAUDOSO O POETA DAQUELLA AUSENCIA, QUE  
FEZ FLORALVA DA FESTIVIDADE, VAY  
MEDINDO ESTA OBRA PELAS IDEAS DE D.  
AUGOSTIN DE SALAZAR, Y TORRES, QUANDO  
DESCREVE A FORMOSURA DE SCYLLA, PORQUE  
TINHA ESTA DAMA TODAS AS SUAS  
PERFEYÇÕES ALI COMO PINTADAS AO  
VIVO.

Oh dos cerúleos abismos:  
ouvi-me Deuses salobres,  
que as deidades nunca faltam  
ao triste clamor dos homens.  
Ouve, divino Nereu,<sup>910</sup>  
escuta cândida Dores,<sup>911</sup>  
quanto contém de um amante  
de mérito os seus clamores.  
Que é isto, ingratas Deidades?  
como os Deuses não respondem?  
como em vós piedades faltam,  
que vos distinguem dos homens?  
Mas já em cândidas Coréias  
o pélagos as Ninfas rompem,  
e os largos campos colmados  
de tanto embrechado monte.  
Já me atendeis piedosas  
mil vezes, mil vezes, nobres  
Filhos do mar, quanto devem  
já a vosso pés minhas vozes.

---

<sup>910</sup> *Nereu*: divindade marinha.

<sup>911</sup> *dores*: por *Dóris*, mulher de Nereu.

Chegai, e a neve das plantas  
a neve dos mares corte,  
velozes andai, que tardam,  
a quem espera, os velozes.  
Sabei, Nereidas, e Ninfas;<sup>912</sup>  
oh quem para imensas dores,  
para imenso mal tivera  
imensas ativas vozes!  
Sabei já, sagradas Ninfas,  
que em vossos mares se esconde  
uma Deidade tão bela,  
que aos mesmos Deuses e encobre.  
Uma beleza tão fera,  
que aspira, a quem se equivoquem  
a formosura, a beleza,  
as perfeições, os rigores.  
Ontem foi vista entre as gentes,  
e há dúvida desde entoncos,  
se é Anjo em traje de fera,  
se é fera em forma de bronze.  
É tal Floral, não sei, se o diga,  
nem se de Humana tem nome;  
é Floralva, e tenho dito,  
ou perdoe, ou não perdoe.  
Pintar-vos quero as feições  
deste mármore, deste roble,  
constantes como o seu tronco,  
lindas como as suas flores.  
Quando humana, e quando ociosa  
as negras tranças descolhe  
em pélagos de azeviche,

---

<sup>912</sup> *nereidas*: ninfas das ondas do mar, filhas de Nereu e Dóris.

não há alma, que não saçobre.  
Nas sobancelhas Amor  
traidoras armas esconde,  
os olhos as julgam arcos,  
mas sente-as a alma fulgores.  
Ardor, e neve seu rosto  
mistura em tintas conformes,  
porque é tão divina, que  
faz unir, o que é discorde.  
Se as pérolas de seus dentes  
não foram do dia alvares,  
a Aurora faltara ao dia,  
eterna seria a noite.  
A boca é tão incendida,  
que em um cravo se recolhe,  
e parece ensangüentada,  
que em lugar de abrir, a rompe.  
Este assombro das Deidades,  
esta admiração das orbes  
por meu bem quis Deus, que a visse,  
e Amor por meu mal, que a adore.  
Mas saabei, que a meu afeto  
tão ingrata corresponde,  
que a seu natural ofendem  
até seus mesmos louvores.

RETRATA O POETA COM GRACIOSO MIMO AS  
MIMOSAS GRAÇAS DESTA DAMA.

Olá digo: ó vós Teresa,  
que vós sois bizarra em forma,  
formosa sem invenção,  
e bela sem cerimônia.  
Sois linda, como há de ser,  
e Brites, que é tão formosa,  
será vossa irmã em sangue,  
na beleza, são histórias.  
O mimo da vossa cara  
é tal, que crê, quem a olha,  
que as mais ao buril são feitas,  
e a vossa vazada em fôrma.  
O papinho, que se enxerga  
por baixo da barba airosa,  
me está dizendo – comei-me,  
só vós me dizeis, não coma.  
Logo me encolho de medo  
talvez, talvez de vergonha,  
que um grito na mesa alheia  
põe o apetite em cóspias.  
Não sei, que diga Teresa,  
acerca da vossa boca;  
mas que mais posso dizer  
depois de dizer, que é vossa?  
Sei dizer, que dentro nela  
tal riqueza se entesoura,  
que não sei, se são diamantes,  
se pérolas; se outra coisa.



Bem apoda uns brancos dentes,  
que a aljôfar os apoda,  
e eu fizera o mesmo aos vossos,  
mas quando o sonhou aljôfar?  
Não sei, que tem vossa cara  
de polida, e de mimosa,  
que as outras são como as mais,  
e a vossa não como as outras.  
Quando a vossa cara vejo,  
logo me vem à memória,  
o melindre do jesmin,  
e a natazinha da rosa.  
Cuido, que se vem a unha  
o carão, que a cara enforma,  
e a medo lhe emprego a vista,  
porque cuido, que a transtorna.  
Não sou basilisco olhando,  
mas essa fineza vossa,  
como a qualquer unha cai,  
a qualquer vista se volta.  
Por isso tomara ver-vos  
sempre de vidraças posta,  
porque vos não ofendera,  
quem vos fala, e quem vos olha.  
A minha alma então prostrada  
diante da imagem vossa,  
não só, quem vos ama, víreis,  
mas também quem vos adora.  
Tal novena vos fizera,  
que durara a vida toda,  
um penhor da vossa glória.  
por ver se vos merecia.

FOY ESTA DAMA VISTA DO POETA EM CERTA  
MANHÃ A SUA JANELLA, E ELLE LHE DÀ OS  
BONS DIAS COM ESTE GRACIOSSISSIMO  
ROMANCE.

Ontem ao romper da Aurora,  
começando o amanhecer,  
vi desta parte do acaso  
dois sóis, a quem quero bem.  
Que fazendo oposições  
com brilhantes rosicler,  
ao sol, que de envergonhado  
se começava a esconder.  
Eclipsados vi seus raios,  
mas quem suas luzes vê,  
nas admirações se pasma,  
nas invejas perde o pé.  
Que a beleza singular,  
que ostentam seus olhos, sei,  
que o sol não quer competi-la,  
porque a saiba engrandecer.  
Cegam os seus resplandores,  
e de tal sorte me tem,

que não como ao sol me escondo,

porém morro por te ver.

Como cega barboleta

ao fogo da minha fé

se queima a desconfiança

de nunca te merecer.

Valha-te Deus por Betica,

não sei dizer-te, meu bem,

como vivo enamorado,

como estou, não sei dizer.

Porque entre o doce de amar-te,

e o amargo de te não ver,

hei de viver da esperança

ou da saudade morrer.

Tua rara formosura,

eu a não sei compreender,

porque um não és tens de humana,

e um quase divina és.

E já que nesta cegueira

tua beleza me tem,

ou me corresponde amante,

ou me acaba de uma vez.

Porque tão confuso vivo,

tão triste me chego a ver,  
tão temeroso me atrevo,  
que é um abismo cruel.

Tal abismo o peito sente:  
ora permite, meu bem,  
diminuir os incêndios,  
acaba-se o padecer.

Toma o astuto Piloto  
o sol, só para saber,  
se se acha na boa altura,  
mas sem carta nada fez.

E pois no mar de meus olhos  
perigos receia a fé,  
manda-me, por não perder-te,  
uma carta desta vez.

Dá-me velas à esperança,  
com elas marearei,  
já que o fogo da vontade  
sempre está firme a teus pés.

ENFERMOU O POETA DA VISTA DE BARBORA,  
FEZ O SEU TESTAMENTO, E ACABOU OS DIAS:  
MAS APENAS FOY VISTO PELA MESMA DAMA  
LOGO RESURGIO PARA NOVAS FINEZAS: E ISTO  
HE SER LAZARO DE AMOR. DIZ, QUE SE HA DE  
CASAR COM BARBORA, E EM CONSCIENCIA O  
PODIA FAZER: PORQUE QUEM RESURGE, NÃO  
ESTÁ OBRIGADO AO PRIMEYRO MATRIMONIO.

- 1 Ontem para ressurgir  
vos tornei, Babu, a ver,  
e tornou-se-me a acender  
o gosto de vos servir:  
não vos quereis persuadir,  
a que eu com todo o primor  
mereça o vosso favor,  
porque em casando-me absorto  
cuida o Brasil, que sou morto  
para negócios de amor.
  
- 2 O Brasil é um velhaco,  
um falso, e um embusteiro,  
porque ou casado, ou solteiro  
quanto ensaco, desensaco:  
e a vez que me desataco,  
a pecúnia tanta, ou quanta  
deu por pagar mercê tanta;  
porque sei, que na Bahia  
a coisa por qualquer via  
val, conforme se levanta.

- 3 Se por casado não sigo  
a dita de vos servir,  
daqui venho a inferir,  
que quereis casar comigo:  
casemo-nos, que o perigo,  
que eu corro, é ser açoutado  
por duas vezes casado;  
e quando nisto me encoutem,<sup>347</sup>  
que me dá a mim, que me açoutem  
depois de vos ter logrado?
- 4 A Cota, que é toda treta,  
vendo, que o algoz madraço  
me vai limpando o espinhaço  
com toalha de vaqueta,  
rirá como uma doideta,  
e dando um, e outro amém,  
alegre dirá, inda bem,  
que me deu Deus um cunhado  
homem de bem no costado,  
e nas costas de rebém.
- 5 Ora sus, minha Senhora,  
já me canso de esperar,  
dai-vos pressa a me chamar,  
e não seja ali a desoras:  
que para quem se namora  
de vários aventureiros,  
se os quer trazer prazenteiros,

---

<sup>347</sup> *encoutem*: também *encoitem*, isto é, apliquem o *encoito*, multa contra o uso de certas armas ou a entrada em determinadas propriedades, aí fazendo, ademais, coisas proibidas.

há de ter sempre chamados  
ao meio-dia os casados,  
e à meia-noite os solteiros.

RECOLHIDO O POETA A SUA CASA  
ASSASMENTE NAMORADO DO QUE HAVIA  
VISTO: NÃO PÓDE SOCEGAR SEU AMANTE  
GENIO, QUE LHE NÃO MANDASSE NO OUTRO  
DIA ESTE ENCARECIMENTO DE SEU AMOR.

Ontem quanto te vi, meu doce emprego,  
Tão perdido fiquei por ti, meu bem,  
Que parece, este amor nasce, de quem  
Por amar-te já vive sem sossego,

Essa luz de teus olhos me tem cego,  
E tão cego, Senhora, eles me têm,  
Que é fineza o adorar-te, e assim convém,  
A ti, ó rica prenda, o desapego.

Eu buscar-te, meu bem, isso é fineza.  
Tu deixares de amar-me é desfavor,  
Eu amar-te com fé, isso é firmeza.

Tu ausente de mim, vê, que é rigor,  
Nota pois, que farei, rica beleza,  
Quando amar-te desejo com primor.



## À SUA MULHER ANTES DE CASAR.

1 Os dias se vão,  
os tempos se esgotam,  
para todos trotam,  
só para mim não:  
tanta dilação  
quem há de curtir?  
O tempo a não vir,  
e eu por meu pesar  
sempre a esperar,  
o que tanto foge;  
casemo-nos hoje,  
que amanhã vem longe.

2 O tempo sagrado  
vem com tal vagar,  
que deve de andar  
manco, ou aleijado:  
eu com meu cuidado  
morto por vos ver,  
e o tempo a deter  
a dita, que espero,  
da qual eu não quero,  
que ele me despoje;  
casemo-nos hoje,  
que amanhã vem longe.

3 Por uma hora mera,  
que Píramo andara,<sup>348</sup>

---

<sup>348</sup> *Píramo*: segundo a versão de Ovídio, a amada de Píramo, Tisbe, chegara antes dele a uma fonte onde se encontrariam; deparando-se

e à Fonte chegara,  
onde Tisbe o espera,  
nunca acontecera  
colar-se de emboque,  
deixando uma ponta,  
onde a Moça tonta  
a morrer se arroje;  
casemo-nos hoje,  
que amanhã vem longe.

4 Por uma hora avara,  
por um breve instante,  
que Leandro amante<sup>349</sup>  
no mar se arrojara,  
nunca se afogara,  
e Eros de tão alto  
não dera tal salto;  
porque quis o fado,  
que ela, e o afogado  
a praia os aloje:  
casemo-nos hoje,  
que amanhã vem longe.

5 Hoje poderei  
convosco casar,  
e hoje consumir,  
amanhã não sei:

---

áí com um leão, Tisbe foge mas deixa cair uma peça de seu vestuário, sobre a qual se arroja o leão. Ao chegar, Píramo julga que ela fora devorada e suicida-se com sua espada. Tisbe retorna, retira a espada do corpo e também se mata com ela.

<sup>349</sup> *Leandro*: ver nota 306.

porque perderei  
a minha saúde,  
e em um ataúde  
me podem levar  
o corpo a enterrar,  
porque vos enoje:  
casemo-nos hoje,  
que amanhã vem longe.

A MESMA MARIANNA PEDINDO LHE FIZESSE  
HUNS VERSOS, ENCONTRANDO-A NO MAR INDO  
PARA FORA.

- 1 Os versos, que me pedis,  
podendo-os mandar formar,  
que vós por me não mandar,  
não mandareis dois ceitis:  
como sem assunto os fiz,  
pois vós a vosso contento,  
não destes o pensamento,  
os rasgues, por ser melhor  
assunto do meu amor,  
que o vosso contentamento.
  
- 2 Por sete anos de Pastor  
serviu Jacó a Raquel,  
eu servi a uma cruel,  
mais de sete anos de amor:  
a Jacó lhe foi traidor  
Labão: cuja aleivosia  
por Raquel lhe entregou Lia,  
e a mim não pior me vai,  
se me não engana um Pai,  
veio a enganar-me uma Tia.
  
- 3 Esta tão assegurada  
me propôs a refestela,<sup>537</sup>  
que cuidei, que tinha nela  
a tutia preparada:<sup>538</sup>

---

<sup>537</sup> *refestela*: ver nota 353.

<sup>538</sup> *tutia*: peixe dos Açores.

enganou-me de malvada  
tanto pior, que Labão,  
que Lia a Jacó lhe dão,  
bem que com sorte trocada,  
e a mim nem Lia nem nada  
me deram, dão, nem darão.

4 Oito anos há, que fiel,  
estou servindo a um amor,  
que Labão não foi pior,  
porque vos sois a Raquel:  
esta ingratidão cruel  
foi o meu triste alimento  
oito anos, e fora um cento,  
porque quem chega a querer  
para ajudar-se a viver  
faz do Malquerer sustento.

5 Ontem vos topei no mar  
em uma barca tão breve,  
quem nem por ligeira, e leve  
os pôde a vista alcançar:  
pus-me logo a duvidar,  
vendo-vos ir sobre a popa,  
se sériéis vós Europa,  
sobre a vaca fabulosa,<sup>539</sup>  
mas vós íreis mais formosa,

---

<sup>539</sup> *Europa / sobre a vaca fabulosa*: refere-se à lenda de Europa, filha do rei de Sidom ou de Tiro. Ao vê-la banhar-se na praia, Zeus transformou-se em touro de brancura cintilante, ajoelhou-se aos pés da moça e induziu-a montar em seu dorso. Lançou-se com ela ao mar e assim chegaram a Creta, onde se amaram e tiveram três filhos.

do que Europa, e toda Europa.

- 6 Se hei de dizer-vos verdade,  
e me haveis de crer a mim,  
até o meu bergantim  
ficou morto de saudade:  
ficou de tal qualidade  
a barquinha entropçada,<sup>540</sup>  
que nem do vento impelida,  
nem do remo forcejada  
se moveu, antes pasmada,  
que a vi por vós perdida.
- 7 Com trabalho em tanta calma,  
(que o trabalho havia eu tido,  
por não haver conhecido;  
o que tinha dentro n'alma)  
levei do perigo a palma,<sup>541</sup>  
e ao porto o bergantim,  
e saindo dele enfim  
soube já na terra lhana,  
que éreis vós a Mariana  
disfarçada em serafim.
- 8 Então fiquei mais absorto,  
mais sentido, e pesaroso  
mais amante, e mais saudoso,  
enfim então fiquei morto:  
nestes versos me conforto,

---

<sup>540</sup> *entropçada*: tropeçada, impedida, paralisada.

<sup>541</sup> *Levei do perigo a palma*: ver nota 27. Entenda-se, pois: sobrepujei o perigo.

pois neles se queixa Amor:  
e ainda que o vosso favor  
é coisa, que nunca espero,  
digo ao menos, que vos quero,  
e alivio a minha dor.

PEDE O POETA ZELOS A THEREZA, E ELLA LHE  
RESPONDEO, QUE SERIA MUY PONTUAL EM  
LHOS DAR; E ADMIRAVELMENTE O POETA  
DEFINE ESTE TERMO NAS ESCOLLAS DO AMOR.

Os zelos, minha Teresa,  
não sabe entender ninguém,  
quem os não tem, esse os dá,  
e pede-os, quem os não quer.  
Eu chego a pedir-vos zelos,  
e não quero, que mos deis,  
mas vós mos dais, e os não tendes,  
quem zelos há de entender?  
Pela razão natural  
ninguém dá, o que não tem,  
e pela mesma razão  
ninguém pede, o que não quer.  
E assim enleia o juízo,  
que os não tendes; e mos deis,  
que eu, que os peço, os não quisera,  
que é pedir, e não querer.  
E suposta esta advertência,  
vos peço, Teresa, que,  
quando zelos vos pedir,  
mais que os peça, mos não deis.  
Porque eu peço, o que não quero  
e este pedir, é querer,  
não que vós mos concedais,  
senão sim que mos negueis.  
Como amor é entendimento,  
e como amar é entender,



vós como amante entendida,  
vós, que como amais, sabeis.  
Deveis das minhas palavras  
tomar discreta, e cortês  
não aquilo, que elas dizem,  
mas o que querem dizer.  
Não entendais, que vos peço  
ciúmes, pelos querer,  
antes sim pelos deixar  
vos peço uma, e outra vez.  
Pedir zelos é queixar-me,  
e se eu amante, e fiel,  
com finezas vos enfado,  
com queixas que vos farei?  
Teresa eu não peço zelos,  
que quem tão mofino é,  
que fino vos desagrada,  
triste que há de parecer?  
A beleza, que se adora,  
tão privilegiada é,  
que se há de mister licença  
para sentir seus desdêns.

## NASCE A ROSA, E NASCE A FLOR

MOTE

*Para que nasceste, rosa,  
se tão depressa acabaste,  
nasces na manhã triunfante,  
morres despojo de tarde.*

- 1 Nasce a rosa, e nasce a flor  
de tanta cor matizada,  
quando se vê desmaiada  
triste sem vida, e sem cor:  
tudo quanto no candor  
se ostentava majestosa,  
então menos venturosa  
perde toda a louçania,  
e para brilhar um dia  
Para que nasceste Rosa?
- 2 Se por nascer tão subida  
perder a rosa a perfeição,  
enquanto a rosa em botão  
mais se lhe dilata a vida:  
nessa pompa já perdida,  
com que, rosa, te enfeitaste,  
vendo o pouco que duraste,  
da vida foste um nonada,  
nem foste rosa, nem nada,  
Se tão depressa acabaste.
- 3 Se na manhã encarnada

te julgas perfeita rosa,  
olha o lustre de formosa  
como o perdes desmaiada:  
quem te viu na madrugada  
entre as mais flores reinante,  
que na tarde não se espante,  
quando murcha assim te vê!  
dize, rosa, para que  
Nasces de manhã triunfante.

- 4 Se como rosa nasceste  
com tão galhardo valor,  
como rosa, e como flor  
a pompa, e garbo perdeste:  
se tanto te engrandeceste,  
como te mostras cobarde,  
pois quando fazendo alarde  
de te ver tão majestosa,  
por ver-te na manhã rosa,  
Morres despojo de tarde.

A HUMA CRIOLA POR NOME IGNACIA QUE LHE  
MANDOU PARA GLOZAR O SEGUINTE

MOTE

*Para que seja perfeito  
um bem feito como em tudo,<sup>605</sup>  
há de ser alto, carnudo  
rapadinho, enxuto, estreito.*

- 1 Inácia, a vossa questão,  
quem crerá, que é de uma preta,  
mas vós sois preta discreta,  
criada entre a discrição:  
a proposta veio em vão,  
pois a um tolo de mau jeito  
tínheis vós proposto o pleito:  
ele respondeu em grosso,  
que o como há de ser o vosso,  
Para que seja perfeito.
  
- 2 Vós com tamanha tolice  
ficastes soberba, e inchada,  
porque vistes tão gabada  
a proposta, e parvoíce:  
mas quem, Inácia, vos disse,  
que o vosso batido escudo  
era macio, e carnudo,  
se é tão magro, e pilhancrado,<sup>606</sup>

---

<sup>605</sup> *cono*: ver nota 274.

<sup>606</sup> *pilhancrado*: por *pelhancada* ou *pelhangada*, de *pelhanca* ou *pelanga*, ‘pelanca’ ‘pele mole e pendente’, ‘carne magra’.

devendo ser gordo, e inchado  
Um bem feito cono em tudo:

- 3 Agora quero mostrar-vos,  
que o vosso Mandu magriço  
vos pôs um cono postiço  
para efeito de louvar-vos:  
hoje hei de desenganar-vos,  
que o Mandu pouco sisudo  
vos engana, e mente em tudo:  
tendes raso, e esguio cono,  
e para dar-se-lhe abono  
Há de ser alto, carnudo.
  
- 4 Se o vosso cono há de ser  
molde de cono melhor,  
qualquer cono, que bom for,  
nisso se bota a perder:  
mas antes deve entender  
todo o cono de bom jeito,  
que para ser mais perfeito,  
não há de imitar-vos já,  
e desta sorte será  
Rapadinho, enxuto, estreito.

DESCONFIADO O POETA DOS DESPREZOS QUE  
LHE FAZIA IGNACIA ENTRE A DESCOMPO-LA  
POR HUM ARRISCADO PARTO QUE TEVE

- 1 Pariu num madrugada  
Inácia, como já vedes,  
e caindo-lhe as paredes  
ficou desemparedada:  
temo, que não valha nada,  
pois tendo o vaso partido,  
qual pardieiro caído,  
recolherá todo o gado,  
ou das chuvas acossado,  
ou das calmas retraído.
  
- 2 E vendo, que ali se apóia  
o gado no pardieiro,  
dirá todo o passageiro,  
tristemente “aqui foi Tróia”:  
por aquela clarabóia  
despedaçada em caqueiros  
entrar eu vi cavaleiros,  
que quando Tróia reinava,  
apenas um a um entrava,  
mas agora entram carreiros.
  
- 3 Não me espanto dos adornos  
de uma Dama singular,  
que em cornos venham parar,  
porque ela parirá cornos:  
mas que tantos caldos mornos

de estéticas qualidades  
em tantas calamidades  
não valham, são desenganos  
da resolução dos anos,  
da carreira das idades.

- 4 Deixai pois o artifício,  
Inácia, porque bem vedes,  
que o baque de uma paredes  
espirra todo o artifício:  
deixai a vida do vício,  
as que o seu vício eternizam,  
e se vós vos finalizam,  
alerta, que as pedras falam,  
que as paredes vos estalam,  
que os estalos vos avisam.

REGEYTA SUA ESPOSA O RAMILHETE E FLORES,  
E O POETA PROSSEGUE NO MESMO GALANTEYO  
TORNANDO-O A MANDAR COM ESTE

MOTE

*Perdoai-me, meus amores,  
do ramilhete a figuinha,  
que onde estais vós, vida minha,  
uma figa para as flores.*

1      Como assim, Clóri divina,  
         ramilhete rejeitais?  
         mas é porque imaginais  
         ser dele a melhor bonina:  
         Vede bem, que Amor ensina,  
         a que vos mande essas flores;  
         não me negueis os favores,  
         quando desejo aceitar;  
         e se eu erro em vos amar,  
         Perdoai-me, meus amores.

2      Eu, Clóri, tanto que vi,  
         que o não estimáveis muito,  
         de que não fizera fruto  
         pela flor o conheci:  
         logo me compadeci  
         da figa por vida minha,  
         porquanto já certo tinha,



que nesse sol a estalar  
era força o acabar  
Do ramilhete a figuinha.

3      Dai-me licença, que diga,  
que, a quem dá flores a molhos,  
meteis a figa nos olhos  
em não aceitar a figa:  
porém antes que prossiga,  
no que a afeição me encaminha,  
digo, se dito não tinha,  
sem que seja fora d'arte,  
que flor não vi em melhor parte,  
Que onde estais vós, vida minha.

4      Minha Clóri, e meu amor,  
esse ramilhete enfim  
peço aceiteis, porque assim  
lhe ficais levando a flor:  
e então vendo-se, Senhor  
à vista de tais favores  
em mãos tão superiores,  
é certo, vendo-lhe a figa,  
que não faltará, quem diga,  
Uma figa para as flores.

VIO O POETA ESTA FORMOSURA, E DESTA  
SORTE COMEÇA A ENCARECER SUAS ALTAS  
PRENDAS.

Peregrina Florência Portuguesa,  
Se em venda vos puser o Deus vendado,  
Pouco estima o seu gosto, e seu cuidado,  
Quem, Florência, por vós não der Veneza.

Eu entre a formosura, e a riqueza  
De um, e outro domínio dilatado,  
Não desejara estado por estado,  
Mas trocara beleza por beleza.

Só, Florência, por vossa flor tão pura  
Um reino inteiro, não uma cidade  
Deve dar, quem saber amar procura.

Em vós do mundo admiro a majestade,  
Quanto é mais que a grandeza a formosura,  
Menos a monarquia, que a deidade.

ESTA CANTIGA ACCOMODA O POETA COM  
PROPORÇÃO À BARBORA PELO NOME E TRATO.  
NÃO DEYXANDO DE FORA OS SEUS AMANTES  
DEZEJOS.

MOTE

*Pobre de ti, Barboleta,  
imitação do meu mal,  
que em chegando ao fogo morres,  
porque morres, por chegar.*

- 1      Passeias em giro a chama,  
         simples Borboleta, em hora,  
         que se a chama te enamora,  
         teu mesmo estrago te chama:  
         se o seu precipício ama,  
         quem o seu mal inquieta,  
         e tu simples, e indiscreta  
         tens por formosura grata  
         luz, que traidora te mata,  
         Pobre de ti, Barboleta.
  
- 2      Ou tu imitas meu ser,  
         ou eu tua natureza,  
         pois na luz de uma beleza,  
         ando ardendo por arder:  
         se à luz, que vejo acender,  
         te arrojas tão cega, e tal

que imitas ao natural,  
com que arder por ti me vês,  
me obrigas a dizer, que és  
Imitação do meu mal.

3 És, Barboleta, comua,  
pois a toda luz te botas,  
e eu cego, se bem o notas,  
sou só, Barboleta, tua:  
qualquer segue a estrela sua,  
mas tu melhor te socorres,  
quando em fogo algum te torres,  
porque eu nunca ao fogo chego,  
e tu logras tal sossego,  
Que em chegando ao fogo morres.

4 Tu mais feliz, ao que entendo,  
inda que percas a vida,  
porque a dá por bem perdida,  
quem vive de andar morrendo:  
eu não morro, e o pertendo,  
porque falta a meu pesar  
a fortuna de acabar:  
tu morres, e tu sossegas,  
e vais morta, quando cegas,  
Porque morres por chegar.

RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DESTA  
DAMA COM GALHARDO ACEYO.

- 1    Podeis desafiar com bizzarria  
     Só por só, cara a cara a bela Aurora,  
     Que a Aurora não só cara vos faria  
     Vendo tão boa cara em vós, Senhora:  
     Senhora sois do sol, e luz do dia,  
     Do dia, que nascestes até agora,  
     Que se Aurora foi luz por uma estrela,  
     Duas tendes em vós, a qual mais bela.
  
- 2    Sei, que o sol daria o seu tesouro  
     Pelo negro gentil desse cabelo  
     Tão belo, que em ser negro foi desdouro  
     Do sol, que por ser d'ouro foi tão belo:  
     Bela sois, e sois rica sem ter ouro  
     Sem ouro haveis ao sol de convencê-lo,  
     Que se o sol por ter outro é celebrado,  
     Sem ter ouro esse negro é adotado.
  
- 3    Vão os olhos, Senhora, estai atento;  
     Sabeis os vossos olhos o que são?  
     São de todos os olhos um portento,  
     Um portento de toda a admiração:  
     Admiração do sol, e seu contento,  
     Contento, que me dá consolação,  
     Consolação, que mata o bom desejo,  
     Desejo, que mata, quando os vejo.
  
- 4    A boca para o cravo é pequenina,  
     Pequenina sim é, será rubi,

Rubi não tem a cor tão peregrina,  
Tão peregrina cor eu a não vi:  
Vi a boca, julguei-a por divina,  
Divina não será, eu não o cri:  
Mas creio, que não quer a vossa boca  
Por rubi, nem por cravo fazer troca.

- 5 Ver o aljôfar nevado, que desata,  
A Aurora sobre a gala do rosal,  
Ver em rasgos de nácar tersa prata,  
E pérolas em concha de coral:  
Ver diamantes em golpe de escarlata  
Em picos de rubi puro cristal,  
É ver os vossos dentes de marfim  
Por entre os belos lábios de carmim.
- 6 No peito desatina o Amor cego  
Cego só pelo amor do vosso peito,  
Peito, em que o cego Amor não tem sossego,  
Só cego por não ver-lhe amor perfeito:  
Perfeito, e puro amor em tal emprego  
Emprego assemelhando à causa efeito,  
Efeito, que é mal feito ao dizer mais,  
Quando chega o amor a extremos tais.
- 7 Tanto se preza o Amor do vosso amor,  
Que mais prazer o tem em amor tanto,  
Tanto, que diz o Amor, que outro maior  
Não teve por amor, nem por encanto:  
Encanto é ver o amor em tal ardor,  
Que arde tão bem o peito, por espanto,  
Tendo de vivo fogo por sinal

Duas vivas empolas de cristal.

- 8 Ao dizer das mãos não me aventuro,  
Que a ventura das mãos a tudo mata,  
Mata Amor nessas mãos já tão seguro,  
Que tudo as mãos lavadas desbarata:  
A cuja neve, prata, e cristal puro  
Se apurou o cristal, a neve a prata  
Belíssimas pirâmides formando  
Onde Amor vai as almas sepultando.
- 9 Descrever a cintura não me atrevo,  
Porque a vejo tão breve, e tão sucinta,  
Que em vê-la me suspendo, e me elevo,  
Por não ver até agora melhor cinta:  
Mas porque siga o estilo, que aqui levo,  
Digo, que é a vossa cinta tão distinta,  
Que o Céu se fez azul de formosura,  
Só para cinto ser de tal cintura.
- 10 Vamos já para o pé: mas tate-tate,  
Que descrever um pé tão peregrino,  
Se loucura não é, é desbarate,  
Desbarate, que passa o desatino:  
A que me desatina, me dá mate  
O picante de pé tão pequenino,  
Que pé tomar não posso em tal pegada,  
Pois é tal vosso pé, que em pontos nada.

NO DIA EM QUE FAZIA ANNOS ESTA DIVINA  
BELLEZA; ESTE PORTENTO DE FORMOSURA  
DONA ANGELA, POR QUEM O POETA SE  
CONSIDERAVA AMOROSAMENTE PERDIDO, E  
QUASI SEM REMEDIO PELA GRANDE  
IMPOSSIBILIDADE DE PODER LOGRAR SEUS  
AMORES: CELEBRA OBSEQUIOSA, E  
PRIMOROSAMENTE SUAS FLORENTES  
PRIMAVERAS COM ESTA LINDISSIMA CANÇÃO.

1 Pois os prados, as aves, as flores  
ensinam amores,  
carinhos, e afetos:  
venham correndo  
aos anos felizes,  
que hoje festejo:  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem atentos  
as aves canoras  
as flores fragrantas  
e os prados amenos,

2 Pois os dias, as horas, os anos  
alegres, e ufanos  
dilatam as eras;  
Venham depressa  
aos anos felizes,  
que Amor festeja.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem de veras  
os anos fecundos,  
os dias alegres,



as horas serenas.

- 3 Pois o Céu, os Planetas e Estrelas  
com Luzes tão belas  
auspiciam as vidas,  
venham luzidas  
aos anos felizes  
que Amor publica.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem um dia  
a esfera imóvel,  
os astros errantes,  
e as estrelas fixas.
- 4 Pois o fogo, água, terra, e os ventos,  
são quatro elementos,  
que alentam a idade,  
venham achar-se  
aos anos felizes  
que hoje se aplaudem.  
Porque aplausos de amor, e fortuna  
celebrem constantes  
a terra florida,  
o fogo abrasado,  
o mar furioso,  
e as auras suaves.

PINTA O POETA ENTRE AMOROSOS ACCIDENTES  
O GARBO DE THEREZA EM OCCASIÃO, QUE LHE  
PASSOU PELA RUA.

Por esta rua Teresa,  
e co lencinho na trunsa,<sup>350</sup>  
apostarei, que são mortos  
os meus vizinhos da rua.  
Apostarei, que passando  
de Teresa a formosura,  
não viu pessoa, que então  
não ficasse moribunda.  
Apostarei, que pediam  
confissão por essas ruas,  
onde ela empregava os olhos  
por portas, e por adufas.  
Deus a Teresa perdoe,  
e a demais gente defunta,  
a Teresa os seus delitos,  
aos demais as suas culpas.  
Porque se ela não passava  
airosa, galharda, e pulcra,  
como garbo de mais da marca,  
que é pior, que espada nua:  
Não morreram meus vizinhos  
de tão suave olhadura,  
que era uma peste agradável  
de lisonjeiras angústias.

---

<sup>350</sup> *Trunsa*: por *trousse*: (francês ‘estojo’, ‘bolsinha’)

E porque se meus vizinhos  
quando ela dos olhos puxa,  
cada qual fugira então  
do perigo, a que se expunha:  
Se fugiram das janelas,  
se fecharam as adufas,  
não foram mortos agora  
de ver Teresa na rua.  
De nenhum eu me lastimo,  
antes tenho inveja suma,  
de que de tal morte morram  
tão incapazes criaturas.  
Eu só quisera morrer  
por Teresa, e é injúria,  
que todos morram, e eu só  
por seu amor me consuma.  
Que eu morra, porque me mata  
desdenhosa, ingrata, e dura,  
passe, que é morte discreta,  
passe, que a causa o desculpa.  
Mas que morra a vizinhança  
não mais de porque ela punha  
os olhos, quando passava  
pela gentinha da rua!  
É mui grande atrevimento,  
é desaforo, é injúria,  
que se faz a uma beleza  
tão soberana, e tão culta.  
Eu não lhe posso sofrer,  
nem hei de sofrê-lo nunca,  
porque não é para todos  
morrer de uma formosura.



A HUMA MULATA DENTUÇA, QUE TAMBEM  
VIVIA ESCANDALIZADA, VINDO HUM DIA  
FESTA DE SAM GONÇAÇALLO, ONDE COM  
OUTRAS DANÇOU A MANGALAÇA, A GARUPA  
DE SE AMASIO PASSANDO PELO POETA LHE  
PEIU HUNS VERSOS.

- 1 Por estar na vossa graça  
mandou os versos, que quereis:  
mas vós que me pedireis,  
Úrsula, que vos não faça?  
Veio aqui a Mangalaça  
uma com outra mixela<sup>753</sup>  
fazer uma refestela,<sup>754</sup>  
e entre tanta pecadora  
nunca Mangalaça fora,  
se não viésseis vós nela.
- 2 Estava eu vendo passar  
as Pardas tão mal fardadas,  
que cri, que vinham roubadas,  
e elas vinham nos roubar:  
não tive então, que lhes dar,  
que em mim o dar se acabou;  
mas como sempre ficou  
a vanglória de agradar-lhes  
se até agora dei em dar-lhes  
já agora em não dar-lhes dou.

---

<sup>753</sup> *mixela*: ver nota 148.

<sup>754</sup> *refestela*: ver nota 353.

- 3 Enquanto ao sorvo, e ao trago  
não houve falta, antes sobre,  
que ainda que a Juíza é pobre,  
ganha às vezes, que é um lago:  
houve mais vinho que bago,  
e mais caldo que pimentas,  
e estando todas sedentas  
bebendo uma e outra vez  
o relógio dava as três,  
e o frasco dava as trezentas.
- 4 Só vós, Úrsula bizarra,  
entre uma e outra borracha<sup>755</sup>  
cantáveis como gavacha<sup>756</sup>  
sustenidos de guitarra:  
deu-vos o sumo da parra  
numa fábrica estrangeira,  
pois num palafrem lazeira  
formastes, com dar um zurro,  
para vosso amigo um burro,  
para vós um liteira.
- 5 Fostes nas ancas chantada,  
e haveis de vos agastar,  
se Sodoma vos chamar,  
indo de ancas cavalgada:  
eu já vos não digo nada,  
porque hei medo a vosso dentes:  
só digo, que andam as gentes  
dizendo, que o vosso amigo

---

<sup>755</sup> *borracha*: ver nota 15.

<sup>756</sup> *gavacha*: ver nota 394.

se expôs a tanto perigo,  
porque ia co'as costas quentes.

- 6 As mais sobre o seu palmilho  
como iam com tanto ardil,  
cuidei, que eram de Madril,  
onde há festa do trapilho:  
eu nunca me maravilho  
de ver, que Moças honradas  
vão a pé grandes jornadas:  
porém, maravilha encerra,  
que as Mulatas desta terra  
andam sempre cavalgadas.
- 7 Bem fez o vosso Mandu  
dar-vos lugar consoante,  
pois levando as mais diante,  
vos pôs atrás do seu cu:  
da Bahia até o Cairu  
não vi justiça fazer  
tão razoada a meu ver,  
e portanto creio eu,  
que quem hoje o cu vos deu,  
vos mande amanhã beber.
- 8 Vós me destes grande abalo,  
quando nas ancas vos vi,  
porque cegamente cri,  
que éreis rabo do cavalo:  
olhei com mais intervalo,  
e com vista menos presta:  
então pus a mão na testa,

vendo, que se pelo cabo  
não éreis da besta o rabo,  
íeis por rabo da besta.

9 Deixai esse amigo imundo,  
porque vi grandes apostas,  
que quem assim vos deu costas,  
tem dado as costas ao mundo:  
tomai um rapaz jucundo,  
mundano, e não abestruz,  
que receio, que os Mundus,  
que são, os com quem falais,  
hão de dizer, que lhe andais  
atrás sempre dos seus cus.

10 Deixai essas galhofinhas,  
e retirai-vos de ambófiás,<sup>757</sup>  
que isto de andar em bazófiás  
é mui próprio de putinhas:  
cosei em casa as bainhas,  
fazei costuras, e rendas,  
que mulheres de altas prendas  
tratam só do seu remendo:  
isto só vos encomendo,  
senão: minhas encomendas.

---

<sup>757</sup> *ambófia*: por *embófia*, ‘embuste’, ‘ardil’, ‘impostura’.



RESPONDE FLORALVA QUARTA VEZ E CADA  
VEZ MAISDESDENHOSA: E PELOS MESMOS  
CONSOANTES.<sup>907</sup>

- 1 Por glória, e não desventura  
tenho ver em vós tal fado,  
pois obrais mais que criado  
com quem é no amor tão dura:  
se vos rende a formosura  
garbo, e luz, que têm meus olhos,  
sofreí eternos abrolhos,  
pois flores pisado tenho,  
por mais que façam empenho  
de se prostrar de geolhos.
  
- 2 E se por me ver diente  
há em vós contentamento,  
sabei, que só num momento  
dou luz ao claro Oriente:  
e que assistindo presente  
de Febo meu estou gloriando.,<sup>908</sup>  
e luz aos mais astros dando  
enchendo de brios as rosas,  
tem seu mate as invejosas,  
pois todas se vão murchando.
  
- 3 E se tanto se declara  
vosso amor assim rendido,  
eu me vejo sem sentido

---

<sup>907</sup> *consoantes*: ver nota 58.

<sup>908</sup> *Febo*: Apolo.

de ver lisonja tão rara:  
porque sei, que já ficara  
vosso amor remunerado,  
em querer desesperado  
a outra, que tanto amara,  
e nunca mais se queixara  
chamando-se desgraçado.

HUMA GRACIOSA MULATA FILHA DE OUTRA  
CHAMADA MARICOTTA COM QUEM O POETA SE  
TINHA DIVERTIDO, E CHAMAVA AO FILHO DO  
POETA SEU MARIDO.

1 Por vida do meu Gonçalo,  
Custódia formosa, e linda,  
que eu não vi Mulata ainda,  
que me desse tanto abalo:  
quando vos vejo, e vos falo,  
tenho um pesar grande, e vasto  
do impedimento, que arrasto,  
porque pelos meus gostilhos  
fora eu Pai dos vossos Filhos  
antes que vosso Padrasto.

2 O diabo sujo, e tosco  
me tentou como idiota  
a pecar com Maricota,  
para não pecar convosco:  
mas eu sou homem tão osco,<sup>351</sup>  
que a ter notícia por fama,  
que lhe mamastes a mama,  
e eu tinha tão linda Nora,  
então minha sogra, fora,  
e não fora minha Dama.

3 Estou para me enforcar,  
Custódia, desesperado,  
e o não tenho executado,  
porque isso é morrer no ar:

---

<sup>351</sup> *Oscos*: embuçado, encapuzado.

quem tanto vos chega amar,  
que quer por mais estranheza  
obrar a maior fineza  
de morrer, porque a confirme,  
morra-se na terra firme,  
se quer morrer com firmeza.

- 4 Já estou disposto d'agora  
a meter-vos num batel,  
e dar convosco em Argel  
por casar com minha Nora:  
não vos espante, Senhora,  
que me vença tal furor,  
que eu sei, que em todo o rigor  
o mesmo será, e mais é  
ir ser cativo em Salé,  
que ser cativo do Amor.

LIZONGEA FINALMENTE A CONVALECENCIA DE  
SUA ESPOSA.

Puedes, Rosa, dexar la vanidad;  
No presumas, clavel, de enacarado:  
Branca Açucena ya, y Jasmin nevado,  
Dexe de blazonar vuestra beldad.

Grana purpurea aprisa retirad  
Brillante rocicler gala del prado,  
Si de la pompa el tiempo está acabado,  
Vuestra pompa en retiros minorad.

Porque salió Maricas de un desmayo  
Flor en las gallardias más vistosas,  
Que brotó Primavera, Abril, y Mayo.

Pero a su vista os quedareis hermosas,  
Supplicandole humildes en ensayo  
Açucena, Clavel, Jasmin, y Rosas.

DESCAINDO ESTA MOÇA DA GRAÇA DO POETA,  
À SACODE COM A MESMA PENNA, QUE À  
LOUVOU NAS OBRAS ANTECEDENTES,  
APARECENDO COM HUA SAYA VERDE.

Quando lá no ameno prado  
a Mãe Eva a graça perde,  
vestiu-se logo de verde  
em sinal de haver pecado:  
a Dama nos há mostrado  
no verde a sua caída;  
se Eva de puro sentida  
logo de verde se enluta,  
esta, que provou a fruta,  
de verde seja vestida.

TORNA O POETA A DAR OUTRA VOLTA AO  
MUNDO COM ESTA SEGUNDA CRISI.

- 1 Que ande o mundo mascarado  
jogando conosco e entrudo,  
e que cada qual sisudo  
ande atrás dele esgalgado!<sup>288</sup>  
que nenhum desenganado  
este patifão conheça  
e que lhe quebre a cabeça  
para ter dele vitória!  
Boa história.
  
- 2 Mas que alguns queiram viver  
vida tão bruta, e tão fera,  
como que se não houvera  
mais que nascer, e morrer:  
que estes mesmos queiram ser  
tão nobres, tão absolutos,  
como desbocados brutos  
correndo pela carreira!  
Boa asneira.
  
- 3 Que haja turcos belicosos  
filhos da perversidade,  
havendo na cristandade  
Monarcas tão poderosos:  
que não se juntem zelosos  
para prostrar seus furores,  
mandando-se embaixadores  
da eloquência persuasória!

---

<sup>288</sup> *esgalgado*: magro como um galgo, morto de fome.

Boa história.

4 Mas que haja com mais extremos  
entre cristãos batizados  
sacrílegos, renegados,  
ímpios, judeus, e blasfemos:  
que algum cristão (como vemos)  
dos tais seja muito amigo,  
tendo tão grande perigo  
de pagar-se-lhe a manqueira!  
Boa asneira.

5 Que tantas almas pereçam  
hoje entre gentios vários,  
por que não haver Missionários,  
que em convertê-los mereçam:  
que muitos não se ofereçam  
para esta santa conquista  
bem que o inferno o resista  
com sugestão dissuasória!  
Boa história.

6 Mas que muitos professoras  
da lei católica, e santa  
se metam pela garganta  
dos infernos tragadores:  
que por uns tristes amores,  
ou por uns negros tostões  
vão para eternos tições  
lá na hora derradeira!  
Boa asneira!



7 Que muitos salvar-se esperem,  
os bens alheios devendo,  
e uma ocasião retendo,  
porque emendar-se não querem:  
e que jamais considerem,  
que deixar a ocasião  
é para uma confissão  
circunstância obrigatória:  
Boa história.

8 Mas que quando alguns resolvam  
confessar os seus delitos,  
que hajam tantos imperitos  
confessores, que o absolvam:  
que com eles se revolvam  
no estígio, que mereceram,<sup>289</sup>  
porque estes tais absolveram  
sem disposição inteira:  
Boa asneira.

9 Que no estado secular  
onde houve mais de mil Santos  
haja hoje tantos, e tantos,  
que se não sabem salvar:  
que estes não queiram cuidar  
na celestial ventura,  
havendo uma pena dura,  
eterna, e cominatória!  
Boa história.

10 Mas que nas Religiões

---

<sup>289</sup> *estígio*: de *Estige*, na mitologia grega um dos rios dos Infernos.

alguns Frades maus Letrados  
sejam de Deus reprovados  
pelas suas eleições:  
que andam com perturbações  
por amor das prelazias,  
e depois de breves dias  
se acham na estígia caldeira  
Boas asneira.

11 Que algum Frade, que se cobre  
na santa comunidade,  
no tempo, que é pobre frade,  
não queira ser frade pobre:  
que ao mesmo tempo lhe sobre  
o dinheiro equivalente  
para alcançar facilmente  
a valia impetratória!  
Boa história.

12 Mas que um Frade de mais fundo  
por causa de certos mandos  
se queira meter em bandos,  
qual se fora vagabundo:  
que podendo ir cá do mundo  
ao céu vestido, e calçado,  
vá descalço, e remendado  
para uma infernal Leoneira!  
Boa asneira.

13 Que haja pregador noviço  
que estude alheios sermões,  
só para juntar dobrões,

porque os ajunta por isso:  
que cuide muito remisso,  
que poderá bem pregar  
sem teologia estudar,  
ou sem saber a oratória!  
Boa história.

14 Mas que haja pregadores,  
que estudando resolutos,  
não tratem de colher frutos,  
porém só de escolher flores:  
que sendo estes tais doutores  
preguem conceitos galantes,  
bem como os representantes  
na comédia prazenteira?  
Boa asneira.

15 Que os rústicos montanhese  
não saibam nunca a doutrina,  
porque também nunca a ensina  
o Pároco a seus fregueses:  
que lhes diga muitas vezes  
patranhas, e histórias tantas,  
mas nunca as palavras santas,  
e a doutrina exortatória!  
Boa história.

16 Mas que Amariles mui vã  
saiba muito bem de cor,  
toda a cartilha de amor,  
não a doutrina cristã:  
que se vá pela manhã

na quaresma à confissão,  
e por não sabê-la então  
vá para casa à carreira!  
Boa asneira.

17 Que o Juiz pelo respeito  
profira a sentença absorto,  
fazendo o direito torto  
mas isto a torto, e direito:  
que cuide, que pode o feito  
no agravo, ou na apelação  
melhorar na Relação  
só pela conservatória!  
Boa história.

18 Mas que o Juiz da ciência  
por causa de alguns respeitos  
não faça exame nos feitos,  
por forrar o da consciência:  
que o tal com muita insolência  
por descuido, ou por preguiça  
não reforme esta injustiça  
da sentença lisonjeira!  
Boa asneira.

19 Que Juízes mentecaptos  
sabendo jurisprudência  
castiguem uma inocência  
como fez Pôncio Pilatos:  
que para certos contratos  
o réu, que a si se condena  
absolvam de culpa, e pena

com uma interlocutória!  
Boa história

20 Mas que outros com vozes mudas  
levados da vil cobiça  
vendam a mesma justiça  
como a vendeu o mau Judas:  
que com razões tartamudas  
indo de mal em pior  
não dêem conta ao confessor  
da sentença trapaceira!  
Boa asneira.

21 Que o Letrado lisonjeiro  
venda, fazendo negaças  
em almoeda as trapajas,  
e por muito bom dinheiro:  
que diga, que é verdadeiro  
porque tem famosas partes  
pelas suas grandes artes,  
pela cota dilatória!  
Boa história.

22 Mas que o Ministro o suporte,  
porque isto na alçada cabe,  
ou pelo que ele só sabe,  
tantas dilações não corte:  
que primeiro chegue a morte,  
e o juízo universal,  
do que a sentença final  
de uma demanda ligeira!  
Boa asneira.

23 Que haja causas inda assim  
na Legacia piores,  
porque entre réus, e entre autores  
são causas, que não têm fim:  
que se conseguis o fim  
de vir em breve um rescrito,  
o tempo seja infinito,  
e eterna uma compulsória!  
Boa história.

24 Mas que alguns com tal porfia  
queiram com raivas internas,  
sendo a parte post eternas  
demandas na Legacia:  
que hajam muitos cada dia,  
que gastem seus benefícios  
simples nestes exercícios  
trepando uma, e outra ladeira!  
Boa asneira.

25 Que haja Escrivães que mal lêem  
Letra, que bem se soletra,  
e que fazendo má Letra,  
contudo escrevem mui bem:  
que a este dando o parabém  
as alvíssaras lhe paçam,  
e a estoutro logo despeçam  
com ficção consolatória!  
Boa história.

26 Mas que haja algum, que trabalha

toda a vida sem proveito,  
e que logo faça um pleito  
sobre dá cá aquela palha:<sup>352</sup>  
que queria em civil batalha  
perder a fazenda, e vida  
nas trapaças consumida,  
com quem lhe faz a moedeira!  
Boa asneira.

27 Que andam muitos em conjuro  
para cometerem vícios,  
roubando nos seus ofícios,  
e com cartas de seguro,<sup>353</sup>  
que estes, dos quais eu murmuro,  
não vão todos a enforcar,  
só porque sabem roubar  
com sua astúcia notória!  
Boa história.

28 Mas que andem muitos espertos  
esganados como galgos,  
por parecerem fidalgos,  
sendo ladrões encobertos:  
que estando estes mesmos certos,  
que os conhecem muito bem,  
não se lhes dêem de ninguém,  
nem isto lhes dê canseira!

---

<sup>352</sup> *palha*: bagatela, coisa de pouco valor. Entenda-se o verso: sobre ninharias.

<sup>353</sup> *cartas de seguro*: documento que isentava seu portador de punição criminal para poder entrar em certo território ou dirigir-se a alguma autoridade.

Boa asneira.

- 29 Que haja médicos, que tratam  
só de jogos, e de amores,  
sendo como os caçadores,  
que vivem só, do que matam:  
que estes, que não se recatam,  
venham com pressa esquisita,  
vão-se, e está feita a visita  
depois da purga expulsória!  
Boa história.
- 30 Mas que outros, que põem à raça,  
e se prezam de estafermos,  
não o tomando aos enfermos,  
só tomem o pulso à casa:  
que haja enfermo, que se abrasa  
em febre, e dores mortais,  
e que se cure com tais,  
que só estudam na frásqueira!  
Boa asneira.
- 31 Que haja Poetas ocultos  
nas sombras da poesia,  
fugindo da luz do dia,  
e que estes se chamem cultos;  
que sendo loucos, e estultos,  
por natural tenebrosos  
queiram, que os chame lustrosos  
a fama celebratória!  
Boa história.



32 Mas que muitos os defendam  
pelos seus gênios bem raros  
chamando-os belos, preclaros,  
suposto que os não entendam:  
que os tais imitar pertendam  
a poesia de Angola,  
cuja catinga os consola,  
qual mandioca negreira!  
Boa asneira.

33 Que haja muitos pertendentes,  
só porque têm prendas boas  
nas arcas, não nas pessoas,  
que a todos fazem presentes:  
com consigam diligentes,  
quanto quer o seu intento,  
por lhes dar merecimento  
a carta condenatória!  
Boa história.

34 Mas que outros mil alentados,  
que andaram pelas campanhas  
fazendo muitas façanhas,  
andem tão esfrangalhados:  
que sendo uns pobres coitados  
queiram pertender também,  
não se lhes dando a ninguém,  
que andassem pela fronteira!  
Boa asneira.

35 Que um marido perdulário  
perca o dote da mulher,

e depois de pouco ter,  
gaste mais do necessário:  
que se ponha temerário  
depois a gritar com ela,  
fazendo-lhe a remoela  
com a praga imprecatória!  
Boa história.

36 Mas que outro com tanto estudo  
ame a mulher, que lhe agrada,  
que o marido mande nada,  
mas que a mulher mande tudo:  
que se ponha mui sisudo  
em casa a lisonjeá-la,  
e que depois vá gabá-la  
a seus amigos na feira!  
Boa asneira.

37 Que um pai a seu filho ensine  
a ser vingativo, e vão,  
porém nunca a ser cristão,  
nem na cartilha o doutrine:  
que o tal Pai se determine  
a levá-lo por seu rogo  
rapaz à casa do jogo  
a pôr-se na pasmatório!  
Boa história.

38 Mas que outro mais esquisito,  
se o filho só andar ousa,  
o permita: a bela cousa!  
Sendo rapaz: é bonito!

que o deixe de pequenito  
andar em más companhias  
para que ele em breves dias  
vá cair na ratoeira!

Boa asneira

- 39 Que o Pai pela descendência  
do filho, ou do seu aumento  
meta a filha num convento  
freira da conveniência:  
que não faça consciência,  
se a casá-la o persuade,  
de lhe forçar a vontade,  
e com ordem peremptória!  
Boa história.

- 40 Mas que o Pai, que filha tem  
única , a não vá casar,  
por se não desapossar,  
se dote lhe pede alguém:  
que faça com tal desdém,  
que a filha ande às furtadelas  
buscando pelas janelas  
alguém, que traz cabeleira!<sup>354</sup>  
Boa asneira.

- 41 Que os Pais andem pelos cantos  
namorando de contino,  
e queiram com este ensino  
que os seus filhos sejam Santos:

---

<sup>354</sup> *Cabeleira*: peruca de cabelos longos, caprichosamente penteados, usada como sinal de nobreza ou de distinção.

que eles então façam prantos,  
se os vêem mortos numa briga,  
vindo de casa da amiga,  
e da amante parlatória!  
Boa história.

42 Mas que haja Pais de tal sorte,  
que seu filho o quer roubar,  
o não deixem castigar  
para escarmento da Corte:  
que se o Ministro de porte  
o quer desterrar, então,  
o Pai chorando o perdão  
lhe solicite, e requeira!  
Boa asneira.

43 Que Mãe desde pequenina  
ensine a filha a ser vã,  
não a doutrina cristã,  
sendo cristã sem doutrina:  
que a costume de menina  
à moda, ao donaire, à gala,  
e lhe ensino por amá-la  
até a cantiga amatória!  
Boa história.

44 Mas que outra Mãe sem cautela  
a filha crie com vício  
sem outro algum exercício  
mais, do que o pôr-se à janela:  
que queira, que uma donzela  
seja honesta, e recolhida,

quando não tem outra vida  
mais do que ser janeleira!  
Boa asneira.

45 Que alguns queiram Senhoria,  
quando aos tais (como se vê)  
o tratá-los de mercê  
fora muito cortesia:  
que ande pois a fidalguia  
vendida assim por dinheiro,  
como trigo no terreiro,<sup>355</sup>  
só porque há nisso vanglória!  
Boa história.

46 Mas que outros tendo tostões  
pelo jogo, ou pela dama  
arrastados pela lama  
andam como uns pedinchões:  
que gastassem seus dobrões,  
porque quiseram jogar,  
e só para namorar  
com a patifa terceira!  
Boa asneira.

47 Que alguns tanto por seu mal  
vistam (por não ser comuns)  
de altos, e ricos tissuns,<sup>356</sup>  
destruindo o cabedal:  
que com porfia fatal  
se mostram nisso empenhados,

---

<sup>355</sup> *Terreiro*: ver nota 1.

<sup>356</sup> *Tissuns*: de *tissú*, *tiçú*, um tecido bordado de ouro.

sendo a noite os seus guisados  
azeitonas, e chicória!  
Boa história.

48 Mas que outros mil à porfia  
por toda a vida o dinheiro  
ajuntem, que o seu herdeiro  
há de gastar num só dia:  
que andem com melancolia  
sem comer, e sem cear  
para poder ajuntar  
todos cheio de lazeira!  
Boa asneira.

49 Que haja muitos ateístas,  
que pelos costumes seus  
não crêem, no que disse Deus  
pelos quatro Evangelistas:  
que só vivam Dogmatistas,  
cuidando por seu prazer,  
que há só nascer, e morrer,  
não crendo no inferno, e glória!  
Boa história.

50 Mas que outros (como se vê)  
sejam com hipocrisia  
só cristãos por cortesia,  
ou fiéis de meia-fé:  
que inda que febre lhes dê,  
não tratem da confissão,  
cuidando, que escaparão  
com a amiga à cabeceira!

Boa asneira.

51 Que alguns fantásticos vão,  
aos quais o vício consome,  
sendo só cristãos no nome,  
queiram nome de cristãos;  
que aos céus levantando as mãos  
esperam com muita fé,  
que Deus os salve, sem que  
obra tenha meritória!  
Boa história

52 Mas que hipócritas sandeus  
andem rezando, e no cabo  
a todos leve o diabo  
pelo caminho de Deus:  
que pelos rosários seus  
queiram ser homens de conta,  
sem cuidar na estreita, e pronta,  
que hão de dar da vida inteira!  
Boa asneira.

53 Que haja certas mercancias  
não de cousas temporais  
mas de outras espirituais,  
que se chamam simonias:  
que haja, quem todos os dias  
com modo tão peregrino  
seja Ladrão ao divino  
com tão falsa narratória!  
Boa história.

- 54 Mas que o rico prebendado,  
que postilou nas escolas,  
não pague as suas esmolas  
ao pobre necessitado:  
que por amor do Cunhado,  
ou por causa dos Sobrinhos  
venha a cair de focinhos  
na sempiterna esterqueira!  
Boa asneira.
- 55 Que o riso despreze o pobre,  
só porque tem mais vinténs,  
sendo o pobre ainda sem bens  
talvez mais honrado, e nobre:  
que por ter dois réis de cobre,  
se finja, que vem dos Godos,  
quando conhecemos todos,  
que é de estirpe pescatória!  
Boa história.
- 56 Nas que o pobre, que não tem,  
que comer, ou que gastar,  
nem tem sangue, nem solar,  
seja soberbo também:  
que não tenha um só vintém,  
e se inche como pimum,<sup>357</sup>  
conhecendo cada um,  
que fora a Mãe taverneira!  
Boa asneira.

---

<sup>357</sup> *Pirum*: ou *peru*. O verso não tem conotação chula. Entenda-se: exibia-se vaidosamente.



57 Que alguns tanto a gastar venham  
na vida de toda a sorte,  
que depois chegando a morte,  
com quem enterrar-se não tenham:  
com estes tais, que assim se empenham  
em todo o gosto, e prazer,  
não cuidem, que hão de morrer,  
nem tenham disso memória!  
Boa história.

58 Mas que outros com muita lida  
edifiquem mausoléus,  
mas não morada nos céus,  
vãos na morte, e vão na vida:  
que a soberba sem medida  
fique em pedras estampada,  
e a pobre da alma coitada  
que perneie na fogueira!  
Boa asneira.

59 Que aqueles, que não têm renda,  
e usam porém de tramóias,  
possuam telas, e jóias,  
como o que tem a comenda:  
que com estes não se entenda,  
inda que estejam culpados,  
mas que sejam celebrados  
na lisonja laudatória!  
Boa história.

60 Mas que outros com muitos bens  
andem (não sei como o diga)

com a sela na barriga  
sem ter um par de vinténs:  
que padecendo vaivéns  
gastem tudo como tolos,  
e em doces, e bolinhos  
despejem sua algibeira!  
Boa asneira.

61 Que os lisonjeiros sem leis  
nos palácios muito prontos  
aos Reis se vão com mil contos,  
por ter mil contos de réis:  
que sendo pouco fiéis  
tenham glória, e tenham graça  
com tão verdadeira traça,  
e mentira adulatória!  
Boa história.

62 Mas que o pobre jovial  
chocarreiro de vis traças  
queira com fingidas graças  
entrar na graça Real:  
que quando ele nada val,  
entre assim no valimento,  
para o seu requerimento  
com a gracinha grosseira!  
Boa asneira.

63 Que haja ingratos descuidados,  
os quais nunca as graças dão  
do benefício, ou pensão,  
sendo uns beneficiados:

que estes andem retirados,  
de quem lhes faz tanto bem,  
porque as graças lhe não dêem,  
que é lei remuneratória!  
Boa história.

64 Mas que outros muito piores  
(quando tal lhes não merecem)  
finjam, que eles não conhecem  
os seus mesmos benfeitores:  
que tendo alguns acredores  
queiram livrar do perigo  
pelo benfeitor antigo  
com a súplica embusteira!  
Boa asneira.

65 Que haja muitos, que se pintam  
de verdadeira piedade,  
os quais falando verdade,  
nunca falam, que não mintam:  
que estes mesmos não consintam,  
que os enganem, mas primeiros  
se intitulam verdadeiros  
com mentira defensiva!  
Boa história.

66 Mas que tenham fatal ira,  
se os apanham, tendo pronta  
a verdade por afronta,  
e por crédito a mentira:  
que com raiva, que delira,  
façam na razão teimosa

a verdade mentirosa,  
e a mentira verdadeira!  
Boa asneira.

67 Que juradores parleiros<sup>358</sup>  
hajam, que sem medo algum  
pela manhã em jejum  
comam diabos inteiros:  
que eles sejam os primeiros  
(bem que a verdade não digam)  
que o bom crédito consigam  
para toda a rogatória!  
Boa história.

68 Mas que haja algum, que imprudente  
dê crédito a seus clamores,  
vendo, que são juradores,  
pois quem mais jura mais mente:  
que logo tão facilmente  
se creia com tal loucura,  
o que dizem, sendo a jura  
da mentira pregoeira!  
Boa asneira.

69 Que haja muitos, que murmurem  
daqueles, que estão ausentes,  
e os que ali se acham presentes,  
que calados os aturem:  
que advertidos não procurem  
mudar de conversação  
fugindo à murmuração

---

<sup>358</sup> *Parleiros*: por *palreiros*, ‘palradores’, ‘tagarelas’, ‘paroleiros’

de uma língua infamatória!  
Boa história.

70 Mas que outros mil sem receios  
no vejam por ter antolhos  
a grande trave em seus olhos,  
vendo a palha nos alheios:  
que estando estes próprios cheios  
de lepra, com que se tingem,  
olhem para a alheia impingem,  
tendo tão grande coceira!  
Boa asneira!

71 Que versistas a milhares  
queiram só por seu regalo  
andar no alado cavalo,  
devendo ser alveitares:  
que intentem por singulares  
todo o aplauso, que mais campa,  
e depois saiam na estampa  
com uma destampatória!  
Boa história.

72 Mas que estes de tão má veia,  
quando a ignorância lhes sobra,  
saindo mal da sua obra,  
se metam em obra alheia:  
que quando essoutra recreia,  
por inveja a satirizem,  
e que todo o mundo avisem  
da sátira frioleira!  
Boa asneira.

73 Que haja mil de escornicoques,  
que com satíricos modos  
zingando estejam de todos.<sup>359</sup>  
e que não tenham mil coques:  
que falando com remoques,  
eles não queiram ser tidos  
por toleirões, e atrevidos,  
tendo uma língua irrisória!  
Boa história.

74 Mas que outros muitos Orates  
da venerável igreja  
façam casa de cerveja  
com risos, e disparates:  
que pareçam bonifrates,  
as cabeças meneando,  
e acenem de quando em quando  
à Dama, que está fronteira!  
Boa asneira.

75 Que alguém junte cabedais  
para testar, o que em breve  
diga: o diabo te leve,  
porque não deixastes mais:  
e que, a quem com razões tais  
ao diabo os encomenda  
deixe este a sua fazenda  
a principal, e acessória!  
Boa história.

---

<sup>359</sup> *zingando*: por *gingando*, ‘troçando’, caçoando’.

76 Mas que outro rico avarento  
(bem que outro, e prata lhe sobre)  
não saiba dar nada ao pobre  
com moedas cento a cento:  
que deixe em seu testamento  
tudo ao mais rico vizinho,  
ou quando muito ao Sobrinho,  
para andar num liteira!  
Boa asneira.

77 Que haja muitos, que às centenas  
entre os amigos, e sócios  
façam bem os seus negócios,  
cometendo mil onzenas:  
que conhecendo-se as penas,  
que pelo direito têm,  
não os demande ninguém  
cuma carta citatória!  
Boa história.

78 Mas que o outro em confiança  
diga, que vende o seu trigo  
mais barato a seu amigo,  
metendo-lhe então a lança:  
que o tal lhe faça a fiança  
por ser amigo leal,  
roubando-lhe o cabedal  
essa amizade onzeneira!  
Boa asneira.

79 Que haja, quem faltando às Leis  
seja traidor por um rogo,

não se lhe dando no jogo  
nem de Roques, nem de Reis:  
que tenha ambições cruéis  
sabendo, que inda que cresça,  
não levantará cabeça  
pela lei impetratória!  
Boa história.

80 Mas que inda que se atropele,  
e de tal se não desvie,  
que haja, quem dele se fie,  
e quem se troça por ele:<sup>360</sup>  
que não tema a sua pele  
vendo, que lha surraram  
só pela sua ambição  
tão fatal, e interesseira!  
Boa asneira.

81 Que haja muitos pandilheiros,  
os quais às mil maravilhas  
saibam fazer as pandilhas,  
que em Castela são fulheiros:  
que só por interesseiros  
sejam ladrões mui honrados,  
mas nunca são enforcados,  
porque isto é graça ilusória!  
Boa história.

82 Mas que outros sabendo bem  
que há no jogo esta destreza,  
só por uma sutileza

---

<sup>360</sup> *Troça*: por *torça*.



entreguem tudo, o que têm:  
que o cabedal todo dêem  
ao tal, que nesta conquista  
os está roubando a vista  
despacio, mais à ligeira!  
Boa asneira.

83 Que andem muitos namorados  
qual ave de rama em rama  
atrás de uma, e outra Dama  
morrendo por seus pecados:  
que por ter estes cuidados  
andem toda a noite escura  
só por dizer com ternura  
à Dama a jaculatória!  
Boa história.

84 Mas que alguém pague às espias  
para ter Freiras devoras,  
e depois de mil derrotas  
ande pelas portarias:  
que ande este todos os dias  
com cargas, e sem carreto,  
e tendo-se por discreto  
seja o burrinho da feira!  
Boa asneira.

85 Que os adúlteros adorem  
a alheia mulher, que vêm,  
e não queiram, que também  
outros a sua namorem:  
que então neste caso implorem

à Justiça, ou à vingança,  
e não queiram sem tardança,  
outra ação acusatória!  
Boa história.

86 Mas que uma mulher casada,  
sendo o Marido um corisco,  
pondo-se a tamanho risco  
seja louca enamorada:  
que se acaso alguém lhe agrada,  
com marido turbulento  
busque o seu divertimento  
como uma mulher solteira!  
Boa asneira.

87 Que ande o moço em mau estado  
podendo nos anos seus  
ser desposado com Deus,  
e não co demo amigado:  
que não tenha outro cuidado,  
mais que em viver absoluto,  
tratando só como bruto  
desta vida transitória!  
Boa história.

88 Mas que o velho, que renova  
os seus vícios namorando  
vá falar à Dama, quando  
anda cos pés para a cova:  
que este mesmo com corcova  
queira ser galã narciso  
motivando a gente a riso,

cacundo em grande maneira!  
Boa asneira.

89 Que haja muitos medianeiros  
do mal, que chamam francês  
os quais em bom português  
dos pecados são terceiros:  
que estes muito lambareiros  
tenham com todos caída,  
e levem tão boa vida,  
sendo tão criminatória!  
Boa história.

90 Mas que estes pobres tolinhos  
de que tratos há do mundo,  
caiam no inferno profundo  
pelas culpas dos vizinhos:  
que por tão feios caminhos  
sejam solicitadores,  
e se façam Lavradores  
de uma infernal sementeira!  
Boa asneira.

91 Que os valentões arrojados  
andem feitos tranca-ruas  
com suas espadas nuas  
comendo a gente a bocados:  
que os Ministros alentados  
se os prendam, quais delinqüentes,  
digam, que estão inocentes  
na sentença executória!  
Boa história.

- 92 Mas que outros andem de noite,  
morando perto o Juiz,  
roubando, como se diz,  
dando em todos muito açoite:  
e não haja, quem se afoite  
com quadrinhas agarrá-los,  
para um algoz cavalgá-los  
com capuz, e com coleira!  
Boa asneira.
- 93 Que alguns, bem que os não encanta  
a música celestial,  
gastem todo o cabedal  
em bons passos de garganta:  
que os tais com gula, que espanta,  
se o mundo fora guisado  
o comeram de um bocado,  
qual pequena pepitória!<sup>361</sup>  
Boa história
- 94 Mas que haja, quem facilmente  
dinheiro fie dos tais,  
que vai para o vós reais  
logo todo incontinente:  
que o credor cuide contente,  
que bem empregado está,  
estando o dinheiro já  
em casa da confeitadeira!  
Boa asneira.

---

<sup>361</sup> *Pepitória*: guisado de miúdos de ave.

- 95 Que andem muitos à porfia,  
que merecem muito açoite,  
fazendo do dia noite,  
da noite fazendo dia:  
que durmam com demasia  
té o dia anoitecer,  
querendo assim bem viver,  
mas com vida implicatória!  
Boa história.
- 96 Mas que outros com muito espanto  
trabalhem sempre à porfia,  
isto todo o santo dia,  
inda sendo o dia Santo:  
que tenham trabalho tanto  
para poder ajuntar,  
não tendo para testar  
nem herdeiro, nem herdeira!  
Boa asneira
- 97 Que haja alguns, que se consomem  
inda com vício mais feio,  
que por não comer o alheio,  
logo de inveja se comem:  
que sua ambição não domem,  
e que dos outros o aumento  
aos tais sirva de tormento  
com pena meditatória!  
Boa história.
- 98 Mas que outros, que se desfazem,  
porque não têm sendo nobres,

façam muito por ser pobres,  
isto porque nada fazem:  
que com fome estes se abrasem,  
que tanto mal ocasiona,  
sendo a preguiça potrona  
da pobre da companheira!  
Boa asneira.

99 Que alguém que aqui se consome  
com a sátira abundante,  
diga, que está mui picante,  
mas quem se queima, alhos come:  
que este por si mesmo a tome,  
quando eu falando bem claro,  
a ninguém hoje declaro  
nesta carta monitória!  
Boa história.

100 Mas que outros por vários modos  
satirizem muito bem,  
e sem monir a ninguém  
queiram declarar a todos:  
que estes tais com mil apodos  
assim queiram ganhar fama,  
quando a dos outros se infama,  
levantada tal poeira!  
Boa asneira.

101 Que haja sem livros Letrado,  
homem, que é pobre, com teima,  
poeta, sem muita fleima,  
e sem muleta aleijado:

que haja sem funda quebrado,  
estudante sem estudo,  
cavalheiro sem escudo,  
e mestre sem palmatória!  
Boa história.

102 Mas que haja nos fracos ira,  
e nos que são pobres gula,  
que haja médico sem mula,  
e fidalgo com mentira:  
que haja espingarda sem mira,  
sem tesoura cirurgião,  
com partidos matassão,  
e sem contas merceeira!  
Boa asneira.

103 E que eu também queira enfim  
no poético exercício,  
que entre outros do mesmo ofício  
algum diga bem a mim:  
que não tema algum malsim,  
que fiscalize os meus versos,  
e com apodos diversos  
diga, que têm muita escória!  
Boa história.

104 Mas que eu mesmo furibundo  
nisto, que hoje aqui pertendo,  
quando a mim me não entendo,  
intente emendar o mundo:  
que não tendo muito fundo,  
para que possa falar,

quanto mais para emendar,  
fundar tais acentos queira!  
Boa asneira.

105 Que os consoantes se acabem,<sup>362</sup>  
tendo eu muito, que escrever,  
e de outros mais que dizer,  
para que nenhuns se gabem:  
que as cousas, que aqui não cabem,  
eu as haja de calar,  
porque as não pode explicar  
minha Musa exortatória!  
Boa história.

106 Mas que eu fizesse hoje estudo  
para cousas importantes,  
por estéreis consoantes,  
que não podem dizer tudo:  
que algum diga carrancudo,  
quando escrevo para todos,  
que não falo em cultos modos,  
mas em frase corriqueira!  
Boa asneira.

---

<sup>362</sup> *Consoantes*: ver nota 58.



HUMA FORMOSA MULATA, A QUEM HUM  
SARGENTO SEU AMASIO ARROJOU AOS  
VALADOS DE HUMA HORTA.

- 1 Que cantarei eu agora  
Senhora Dona Talia,<sup>597</sup>  
com que todo o mundo ria,  
do pouco que Jelu chora:  
inspira-me tu, Senhora,  
aquele tiro violento,  
que à Jelu fez o Sargento;  
mas que culpa o homem teve?  
não fora ela puta leve,  
para ser péla do vento.
- 2 Dizem, que ele pegou dela,  
e que gafando-a no ar,  
querendo a chaça ganhar  
a jogou como uma péla:  
fez chaça a branca Donzela  
lá na horta da cachaça,  
que mais de mil peças passa,  
e tal jogo o homem fez,  
que eu lhe seguro esta vez,  
que ninguém lhe ganha a chaça.
- 3 Triste Jelu sem ventura  
ali ficou enterrada,  
mas foi bem afortunada

---

<sup>597</sup> *Talia*: por *Tália* (o acento tônico na penúltima sílaba deveu-se à rima com *ria*, no verso seguinte); ver nota 119.

de ir morrer à sepultura:  
poupou a esmola do Cura,  
as cruces, e as confrarias,  
pobres, e velas bugias,  
e como era lazarenta,  
depois de mui fedorenta  
ressuscitou aos três dias.

- 4 Dizem, que depois de erguida  
da morte se não lembrou,  
que como ressuscitou,  
se tornou à sua vida:  
eu creio, que vai perdida,  
e me diz o pensamento,  
que há de ter um fim violento,  
como se lhe tem fadado,  
ou nas solas de um soldado,  
ou nas viras de um sargento.

ACABA O POETA DE CRER A RESOLUÇÃO DE  
BRITES, ESTRANHANDO LHE EM CERTA  
OCCASIÃO HUM TAL DESAPEGO

MOTE

*Que fostes meu bem, mostrastes,  
mas já agora não sentistes,  
que os bens não duram nos tristes  
sem que padeçam contrastes.*

- 1 Horas de contentamento  
sempre são poucas, e breves,  
que os gostos, como são leves,  
voam como o pensamento:  
trocou-se o gosto em tormento,  
Lise, porque vos trocastes,  
e como um mal me deixastes  
em câmbio de um bem, Senhora,  
em seres meu mal agora,  
Que fostes meu bem, mostrastes.
  
- 2 O mal sempre é substituto  
do bem, que a fortuna veda,  
e que ao bem o mal suceda,  
é já lei, é já estatuto:  
um do outro é flor, e fruto,  
e num bem que me aplaudistes,  
porque vós mo repetistes,  
tempo sei eu, Lise fera,  
que chorareis, se o perdera,

Mas já agora não sentistes.

- 3 Não me espanto, Lise, não  
dessa dureza, e rigor,  
porque da fonte do amor  
é, que nasce a paixão:  
não sinto em minha paixão  
ver, que vós a não sentistes;  
sinto saber, que a urdistes:  
como há de chorar-me alguém,  
se todos sabem mui bem,  
Que os bens não duram nos tristes?
- 4 Nunca da vossa dureza  
dor alguma se esperou:  
porque aonde amor faltou,  
falta a lei da natureza:  
logrei na vossa beleza  
os bens, que me dispensastes,  
enquanto a ira aplacastes  
do mar dessa formosura,  
que não dá bens a ventura,  
Sem que padeçam contrastes.

PASSOU O POETA PELA PORTA DESTA DAMA,  
ARRIBANDO DE FORA POR CAUSA DA CHUVA,  
COM HUM CASACÃO, E HUA CARAPUÇA, E ELLA  
LHE DICE, QUE SE FORA POETA, COMO ELLE, O  
HAVIA DE SATYRIZAR PELO DESCOCO: AO QUE  
ELLE FEZ ESTAS DÉCIMAS.

- 1 Que não vos enganais, digo,  
Betica, e antes cuidai,  
que uma sátira a meu Pai  
farei, se bulir comigo:  
fá-la-ei ao mor amigo,  
quando aleivoso me toe,  
e porque melhor vos soe,  
se vos pus em tanta calma,  
sendo meu ídolo d'alma,  
a quem quereis, que perdoe?
- 2 E se mal vos pareceu,  
que eu fosse por esse posto  
tão despido, e descomposto,  
sem ter respeito a esse céu,  
bem sabeis vós, que choveu,  
e eu vinha de me embarcar:  
porém entoldou-se o ar,  
e para casa arribei,  
com que se desagradei,  
quero-me satirizar.
- 3 Betica, eu sou um magano,  
um patife, um mariola,

um sátiro, um salvajola,<sup>517</sup>  
e mais doudo que um galhano:<sup>518</sup>  
depois de ser vosso mano,  
em tempo, que eu era honrado,  
fui muito desaforado  
em ir pela vossa rua  
com barrete de falua,  
e o pá de gato pingado.

- 4 Sou um sujo, e um patola,  
de mau ser, má propensão,  
porque se gasto o tostão,  
é só com negras de Angola:  
um sátiro salvajola,  
a quem a universidade  
não melhorou qualidade,  
nem juízo melhorou,  
e se acaso lá estudou,  
foi loucura, e asnidade.
- 5 Sou um tonto, e um cabaça,  
pois fui qual bruto indigesto,  
onde os mais compõem o gesto  
por cair na vossa graça:  
e se então fugi da praça,  
onde estão homens de porte,  
bem é, que a praça me corte,  
pois atento à vossa fé  
devia de entender, que  
onde vós estais, é corte.

---

<sup>517</sup> *Salvajola*: ver nota 63

<sup>518</sup> *galhano*: esfarrapado, mal vestido.

6 Se da sátira entenderes,  
que pouco pesada vai,  
vós, Betica, a acrescentai,  
chamando-me, o que quiseres:  
quantos nomes me puseres,  
todos me viram frisando,  
e se enfim acrescentando  
não vos parecer bastante,  
mudai-os de instante a instante,  
pondo-me uns, e outros tirando.

PRYMERO ARRUF0 DE SUA ESPOSA POR  
CAUSAS, QUE O POETA LHE DAVA EM SEUS  
DESCUYDOS.

Que presto el tiempo, Lise, me ha mostrado  
En una queixa sola mil tormentos:  
Pues me vuelve en pesares los contentos,  
Que siempre duplicó lo venerado.

Dizir, Lise, que falta mi cuydado,  
Bien puede industria ser de tus intentos,  
Que en mi solo acreditan sentimientos,  
Y en ti lo verifica el retirado.

Pero sin essa duda al tiempo dexas  
De mis verdades solo las razones,  
De tus retiros tantas experiencias:

Calle mi queixa la rason de quexas,  
Y mi obligacion repita obligaciones,  
Que amor publicara las evidencias.



PHILOSOPHIA, E RHETORICA DIZ AQUI O POETA,  
QUE LEO, E COMO RHETORICAMENTE  
PHILOSOPHO SEMPRE TEM QUE RESPONDER  
AOS CASOS MENOS PENSADOS, COMO  
VEREMOS.

Que todo o bem se faria  
dissestes, falta Tetê,  
o todo eu o perdoara,  
basta-me parte do bem.  
Quem não merece o bem todo,  
com parte se satisfaz,  
todo o bem, ou parte dele,  
pouco, ou muito é mesmo bem.  
Na boa filosofia,  
e na retórica sei,  
e li, que entre pouco, e muito  
jamais distinção se fez  
Pouco mal, e muito mal  
o mesmo mal vem a ser,  
com que o mesmo bem será  
pouco bem, e muito bem.  
Distingue-se em quantidade,  
não na espécie, nem no ser,  
na substância é sempre o mesmo,  
se em quantidade não é.  
Basta ser da vossa mão,  
para ser mui grande bem,  
se é pouco, estima-se muito,  
e em muito, se muito é.  
Com pouco um pobre se alegra,  
e quem tão pobre se vê,

Tetê, dos vossos favores,  
se alegrará com qualquer.  
Mas vós sois uma traidora,  
falsa, fingida, infiel,  
aleivosa, e fementida,  
sobretudo sois mulher.  
Prometeis mui largamente,  
no dar vos arrependeis,  
como se fora pecado  
o dar sobre o prometer.  
O arrepender é virtude,  
mas se acaso o arrepender  
é de dar o prometido,  
vício, e vilania é.  
Mas isso é para os ditosos;  
isso é para aqueles, que  
vos enganam com embustes,  
coisa, que eu não sei fazer.  
Praza a Amor, Tetê ingrata,  
que tanto embuste encontréis,  
que vos lembrem as verdades,  
que enjeitais em minha fé.  
Praza a Amor, que os desenganos  
vos cheguem a estado, que  
me vingue em vossos pesares  
de vossos termos cruéis.  
A Deus, Tetê, que eu me vou<sup>363</sup>  
para Sergipe d'El-Rei,  
a viver de me ausentar,  
e a morrer de vos não ver.

---

<sup>363</sup> *a Deus*: ver nota 317.

À CIDADE E ALGUNS PICAROS, QUE HAVIÃO  
NELLA

Quem cá quiser viver, seja um Gatão,  
Infeste toda a terra, invada os mares,  
Seja um Chegai, ou um Gaspar Soares,  
E por si terá toda a Relação.<sup>2</sup>

Sobejar-lhe-á na mesa vinho, e pão  
E siga, os que lhe dou, por exemplares,<sup>3</sup>  
Que a vida passará sem ter pesares,  
Assim como os não tem Pedro de Unhão.

Quem cá se quer meter a ser sisudo  
Nunca lhe falta um Gil, que o persiga,  
E é mais aperreado que um cornudo.

Furte, coma, beba, e tenha amiga,  
Porque o nome d'El-Rei dá para tudo  
A todos, que El-Rei trazem na barriga.

---

<sup>2</sup> *Relação*: Tribunal de Relação, estabelecido no Brasil em 1609. Na Colônia era o tribunal máximo para o emprego da lei, recebendo recursos de todas as demais instâncias judiciais, dirigido pelo próprio governador-geral. Devido à pressão de comerciantes e proprietários, fechou em 1626, mas foi reaberto em 1652.

<sup>3</sup> Entenda-se o verso: siga os exemplos que lhe dou, devido à sua excelência.

AO MESMO CASO, QUE CHAMAVA AO POETA  
SEU MESTRE NA SOLFA, PORQUE COM ELLE  
CANTAVA AS VEZES.

Quem deixa o seu amigo por arroz,  
Não é homem, nem é de o ser capaz,  
É Rola, Codorniz, Pomba torquaz,<sup>839</sup>  
Não falo em Papagaios, e Socós.

Quem disse que vai ficar dois dias sós,  
E seis dias me tem neste solaz,  
Tão pouco caso do seu mestre faz,  
Como faz do seu burro catrapós.<sup>840</sup>

Andar ele virá cantar os rés,  
E então lhe hei de entoar tão falsos mis,  
Que saiba, como pica o meu revés.

Dai vós ao demo o decho de aprendiz,<sup>841</sup>  
Que a seu mestre deixou tão triste rês  
Por quatro grãos de arroz, quatro ceitis.

---

<sup>839</sup> *pomba torquaz*: ver nota 692.

<sup>840</sup> *catrapós*: ver nota 337.

<sup>841</sup> *decho*: 'Pecha'.

RESPONDE FLORALVA PELOS MESMOS  
CONSOANTES.<sup>905</sup>

Quem me engrandece por flor,  
muitos dias há, que vi,  
sem fazer caso da neve  
nem me dar cuidado Abril.  
Eu sou flor, que fala, e zomba,  
e flor que também se ri  
já do acendido do nácar,  
já do mais claro jesmim.  
Cá na esfera do meu peito  
hoje só sabem luzir  
as finezas raio a raio,  
o fino rubi a rubi.  
Vós fostes, que a flor pusestes  
no peito; e quem conseguir  
pertendia flor com flores,  
não se reputa infeliz.  
Inda não vistes de luzes  
tal tropel? nem de jesmim  
na fragrância? pois são raios  
dos meus passados Abris.  
Nada lembreis de Floralva,  
que eu não passo por aí,  
e esse cheiro, que vos cheiram  
bem o podeis admitir.  
Não há, que pôr-me de acordo  
de entrar cá no meu jardim,  
em que vós mo defendais,  
não vos hei de deixar vir.

---

<sup>905</sup> *consoantes*: ver nota 58.

Por que aqui a colher flores  
entra só, quem é feliz  
e com ele me contento,  
e nada mais do Brasil.

ERGUIAM-SE TREZ MULHERES A HUM MESMO  
TEMPO PARA CHEGAR AO CONFFISSIONARIO  
EM NOYTE DE NATAL E A MAIS CORPULENTA  
DELLAS SOLTOU HUM TRAQUE COM A FADIGA  
DE CHEGAR PRIMEYRO.

- 1 Quem viu cousa como aquela,  
que aconteceu na Igreja  
o dia, que ela festeja  
a Deus nascido por ela?  
quem inda não sabe dela,  
aplique o sentido ao canto  
da minha Musa, e enquanto  
ela cantando lho diz,  
vá perfumando o nariz  
por se livrar do quebranto.
  
- 2 Estavam três naus em carga,  
e entre si com grã porfia  
de qual primeiro entraria  
a fazer sua descarga:  
então a da popa larga,  
vendo que há, quem se lhe atreva,  
nada sofre, nem releva,  
sendo a principal da tropa  
com meio conhão de popa<sup>727</sup>  
atirou peça de leva.
  
- 3 Peça de leva atirou  
com tal ronco, e tais ruídos,

---

<sup>727</sup> *conhão*: aumentativo de *conho*, penedo redondo insulado em meio de um rio.

que atordoou os ouvidos  
da gente, que ali se achou:  
e posto que disparou  
lá por baixo de socapa,  
de excomunhão não escapa  
por disparar em sagrado,  
que é pecado reservado  
na bula da ceia ao Papa.

- 4 Tal estrago a peça fez  
pelos narizes vizinhos,  
que mais de trinta focinhos  
se torceram esta vez:  
sentindo a maldita rês  
que tão fedorenta está,  
disse uma negra “cá cá;  
p’o diabo: e que má casta  
de pólvora ali se gasta”  
respondeu outra “má má.”
  
- 5 Quando ouviram o sinal  
as outras duas naus ambas,  
foram chorar suas lambas,  
dando fundo cada qual:  
certo não fizeram mal  
em não querer provocá-la  
porque assim lhes escala  
o nariz a artilharia  
com pólvora, que seria  
se lhe atirasse com bala?
  
- 6 Alguns, creio, admiraram



da pólvora a fortaleza,  
por rebentar nesta empresa  
pela culatra o canhão  
mas a minha admiração  
está, no que o povo diz  
por aí, que essa infeliz,  
e traidora artilharia  
fazendo aos pés pontaria,  
fez o emprego no nariz.

- 7 Mas que muito que assim seja,  
se este canhão português  
faz andar tudo ao revés,  
quando sem pejo despeja:  
já se sabe ser a igreja  
asilo a todo o culpado;  
mas quando foi disparado  
o canhão aos combatentes,  
nem ainda aos inocentes  
narizes valeu sagrado.
- 8 Mas se perguntasse alguém  
em desdém, e desaforo  
como a peça tomou fogo,  
sendo, que ouvido não tem:  
eu respondendo mui bem  
dissera, que por estar  
a peça tão par a par  
do crisol generativo  
se comunicou ativo  
o fogo no abalroar.

- 9 Mas não o quero dizer,  
porque não mande, que o prove  
algum, que isto me reprove,  
querendo-o melhor saber:  
e assim já boto a correr  
seguindo a ruína da nau,  
que aberta vai pelo vau,  
e vou procurar-lhe estopa  
por calefetar-lhe a popa,  
antes que saia o mingau.
- 10 Logo pois o que o seu canhão  
deu fogo, o baixel violento,  
largando velas ao vento  
foi pedir absolvição:  
porém eu digo, que não  
pecou ela desta vez,  
pois com soltar de cortês  
o preso, que se valeu  
do Sagrado, mereceu  
a festa que se lhe fez.
- 11 As Fragatas da companhia  
botando as barbas de molho,  
porque esta lhe dera de olho,  
lhe fizeram festa estranha:  
deram-lhe trela tamanha,  
que cuidado, porque o não vi,  
que a pobre partiu dali  
tão corrida, e envergonhada,  
que foi de voga arrancada<sup>728</sup>

---

<sup>728</sup> *de voga arrancada*: com toda a força dos remadores.

a dar fundo em Parati.

- 12 E se passou mais avante,  
já pôde chegar à Europa,  
porque foi com vento em popa,  
e escoou-se co'a vazante:  
mas se algum bom estudante  
na arte da disenteria  
por desgraça, ou por miséria  
reprovou desta poesia  
a forma, por cortesia  
prove ao menos a matéria.

VAGAVA O POETA POR AQUELLES RETIROS  
FILOSOFANDO EM SUA DESDITA SEM PODER  
DESAPEGAR AS HARPIAS DE SEU JUSTO  
SENTIMENTO

Quem viu mal como o meu sem meio ativo!  
Pois no que me sustenta, e me maltrata,  
É fero, quando a morte me dilata,  
Quando a vida me tira, é compassivo.

Oh do meu padecer alto motivo!  
Mas oh do meu martírio pena ingrata!  
Uma vez inconstante, pois me mata,  
Muitas vezes cruel, pois me tem vivo.

Já não há de remédio confianças;  
Que a morte a destruir não tem alentos,  
Quando a vida empenar não tem mudanças.

E quer meu mal dobrando os meus tormentos,  
Que esteja morto para as esperanças,  
E que ande vivo para os sentimentos.

A BITANCOR, QUE NA PRIMEYRA VEZ QUE COM  
ELLA CONVERSOU O POETA, LOGO FOI  
ADMITINDO SEM A MINIMA REPUGNANCIA.

- 1 Querendo obrigar-me Amor  
depois de tanta afeição  
me pôs na palma da mão  
a discreta Bitancor:  
agradeci-lhe o favor,  
e querendo-o pôr nas palmas,  
agonizando entre calmas  
de amor minhas altivezes,  
lhe rendi a alma mil vezes  
porque não tive mil almas.
- 2 Multipliquei de artifício  
o rendimento, e amor,  
porque uma alma a seu candor  
era curto sacrifício:  
e ela destra no exercício  
de amor, e seu rendimento,  
com gosto, e contentamento  
me agradeceu por então  
medir eu minha afeição  
pelo seu merecimento.
- 3 Que lhe caísse eu em graça,  
seus olhos o não desdizem,  
porque sempre os olhos dizem,  
o que dentro n'alma passa:  
graças a Amor, que a desgraça  
não veio empecer-me aqui,

porque muitas vezes vi,  
que enamorado, e rendido  
por perder o merecido  
até o perder-me perdi.

- 4 Ela me dá por perdido,  
e está disposta a querer-me,  
cum que não perco o perder-me,  
pois já a tenho merecido:  
um amor tão bem sortido  
por mãos de uma divindade:  
este amor em realidade,  
que não trazer-me um ninguém  
da fortuna no vaivém  
do tempo na eternidade.

RESPONDE FLORALVA SEM SE DESVIAR DO SEU  
THEMA: PELO MESMO CAPRICHOS DE REPETIR  
OS CONSOANTES DO PRIMEIRO SONETO.

Querida amei, prossigo desdenhada,  
E de amor, e docoro combatida:  
Me dá glória, e tormento uma ferida  
Sentido o golpe, festejando a espada.

Mas se de amor o empenho só me agrada,  
Não olho, ao que o respeito me convida,  
Pois se em saber amar esgoto a vida,  
Em a honra perder, não perco nada.

Se o querer no desprezo é não ter brio,  
Fora o deixar de amar não ter vontade,  
E nada é mais em nós, que o alvedrio.

Cárcere a honra, o gosto imunidade:  
Logo fora em mim cego desvario  
Trocar pela prisão a liberdade.

MOSTRA QUE PRIMEYRO DEVE ATENDER AO  
SEU RESPEYTO QUE AO SEU AMOR, PELOS  
MESMOS CONSOANTES.

Querido um tempo, agora desprezado,  
Nada serei por muito, que haja sido,  
Agora sinto o ver-me aborrecido,  
Inda mais que estimei ver-me adorado.

Sem decoro não há manter agrado,  
Se amo o desprezo, o pundonor olvido:  
E nas grandes empresas sempre lido,  
Que seja o brio objeto do cuidado.

Então só será justo o sentimento,  
Se da perda nascer a autoridade,  
Que onde injúria não há, não há tormento.

Manter respeito é honra, e não vaidade,  
E a honra tem lugar no entendimento,  
Que é potência mais nobre, que a vontade.



## QUEIXAS DA SUA MESMA VERDADE

1 Quer-me mal esta cidade  
..... pela verdade,  
Não há, quem me fale, ou veja ..... de  
inveja,  
E se alguém me mostra amor ..... é  
temor.

De maneira, meu Senhor,  
Que me hão de levar a palma<sup>27</sup>  
Meus três inimigos d'alma  
Verdade, inveja e temor.

2 Oh quem soubera as mentiras ..... do  
Milimbiras,  
Fora aqui senhor do bolo ..... como  
tolo,  
E feito tolo, e velhaco ..... fora  
um caco.

Meteria assim no sacco  
Servindo, andando, e correndo  
as ligas, que vão fazendo  
Milimbiras, Tolo, e Caco.<sup>28</sup>

3 Tirara cinzas tiranas ..... das  
bananas,  
Outro se os meus dez réis ..... de  
pastéis,

---

<sup>27</sup> *levar a palma*: vencer, sobrepujar; o mesmo que *ganhar a palma*.

<sup>28</sup> Ver nota 21.

E porque isento não fosse ..... até do  
doce.

Teria assim, com que almoce  
o meu amancebamento,  
pois lhe basta por sustento  
Bananas, Pastéis, e Doce.

4 Prendas, que a empenhar obrigo ..... pelo  
amigo,  
Dobrar-lhe eu o valor ..... e  
primor,  
Cobrando em dous bodegões ..... os  
tostões.

E seus donos asneirões  
ao desfazer da moeda  
perdem da mesma assentada  
Amigo, Primor, Tostões.

5 Ao jimbo, que se lhe conta ..... bota  
conta,  
E já por amigo vejo ..... sem  
ter pejo,  
Pois lhe tira da corrida..... a  
medida.

Mas verdadeira, ou mentida  
a conta ajustada vem,  
sendo um homem que não tem  
Conta, Pejo, nem Medida.

4 Dever-me-ão camaradas .....  
mil passadas,<sup>364</sup>  
E o triste do companheiro .....  
o dinheiro,  
E à conta das minhas brasas .....  
as casas.

Assim lhe empatara as vazas,  
pois o mesmo, que eu devia,  
por força me deveria  
Passadas, Dinheiro, e Casas.

---

<sup>364</sup> *passada*: antiga medida de quatro palmos; também ação de má-fé.

DEYXARAM ESTAS DAMAS DE IR A FESTA DA  
CRUZ POR FALTA DE REDE E O POETA SE  
MOSTRA SENTIDO DE O NÃO SABER.<sup>869</sup>

Quis ir à festa da Cruz  
Inácia, e faltou-lhe a rede,  
com que foi força ficar  
paredes sobre paredes.  
Outros dizem, que uma amiga  
lhe pedira o manto adrede  
pela ter emparedada  
todo o dia, em que lhe pese.  
Não sei a verdade disto,  
sei, que eu paguei a patente,  
tendo um dia de trabalho,  
porque de festa lho desse.  
A saber, que estava em casa,  
visitara-a como sempre,  
e fizera, o que costumam  
casados in facie ecclesiae.  
Fora-me pôr à janela,  
por que o calor me refresque,  
falara cos Guapas sujas,  
que são limpas guapamente.  
Mariana se agastara,  
que tudo escuta, e atende,  
por isso diz o adágio  
“manso, que ouvem as paredes.”  
Sabendo deste ciúme  
foram os Guapas contentes,

---

<sup>869</sup> *rede*: ver nota 723.

que inda que mulheres feias,  
são feias, porém, mulheres.  
Inácia se sossegava,  
que é moça mansa, e alegre,  
e com dous dedos se põem  
sendo Inácia um clemente.  
Da sua amiga me queixou,  
que cão d'horta me parece,  
pois em todo o dia não  
comeu, nem deixou comer-me.  
Com Inácia já não quero  
lançar mais barro á parede,  
que de mui seca receio,  
que ali meu barro não pegue.  
Uma Mãe com duas Filhas  
na verdade é pouca gente,  
para que eu possa cantar  
preso entre quatro paredes.  
Três só não fazem prisão,  
porque um triângulo breve,  
que um signo salmão figura,<sup>870</sup>  
mais enfeitiça, que prende.  
Mas a parede de Inácia  
com ser uma tão-somente,  
como é tão forte, e tão rija,  
bastou só para prender-me.  
Perdi o ganho esta tarde,  
e cuidado, que para sempre;  
quem ma pegou uma vez,  
não quero, que outra me pegue.

---

<sup>870</sup> *signo salmão*: também *signo samão*, estrela de cinco pontas, signo-de-salomão usado em práticas de feitiçaria.

Da Santa Cruz era a festa,  
e a maldita da Paredes  
com cruz, e sem cruz receio  
me faça calvários sempre.  
Eu perdi Moça, que agrada,  
ela velho, que aconselhe,  
ambos ficamos perdidos,  
quem o vê o remedeie.

ASSUMPTO QUE HUMA DAMA MANDOU AO  
POETA.

1 Quisera, Senhor Doutor  
uma informação, e é,  
que me deram junto ao que  
(do cu dissera melhor)  
um golpe de tal rigor,  
que passo mui maltratada  
por me ver ali cortada:  
quero me mande dizer  
que remédio pode ter  
junto do cu cutilada.

2 Anda aqui um Surgião<sup>701</sup>  
Fulano Lopes Monteiro,  
que dizem para o traseiro  
tem ele mui boa mão:  
quisera saber então,  
pois vivo tão desviada,  
e como serei curada  
por uma sua receita,  
ficando sempre sujeita  
a Dama da cutilada.

---

<sup>701</sup> *surgião*: ver nota 683.

RATIFICA SUA FIDALGA RESOLUÇÃO TIRANDO  
DENTRE SALAMANDRA, E BARBOLETA O MAIS  
SEGURO DOCUMENTO PARA BEM AMAR.

Renasce Fênix quase amortecida,  
Borboleta no incêndio desmaiada:  
Porém se amando vives abrasada,  
Ai como temo morras entendida!

Se te parece estar restituída,  
No que te julgo já ressuscitada,  
Quanto empreendes de vida renovada,  
Te receio na morte envelhecida.

Mas se em fogo de amor ardendo nasces,  
Borboleta, o contrário mal discorres,  
Que para eterna pena redivives.

Reconcentra esse ardor, com que renasces,  
Que se qual Barboleta em fogo morres,  
É melhor, Salamandra, o de que vives.



RETRATA O POETA AS GALHARDAS  
PERFEYÇÕES DESTA DAMA SEM HYPERBOLE DE  
ENCARECIMENTO.

Retratar ao bizarro  
quero Joânica,  
por se Moça, galharda  
sobre bonita.

Que os cabelos são d'ouro,  
não se duvida,  
porque o Sol é Joana,  
que o certifica.

São seus olhos por claros  
alvas do dia,  
que põem de ponto em branco<sup>549</sup>  
a rapariga.

Certo dia encontrei,  
que alegre ria,  
mas não vi, que de prata  
os dentes tinha.

Por entre eles a língua  
mal se divisa,  
mas é certo, que fala  
como entendida.

A boquinha bem feita,

---

<sup>549</sup> *ponto em braço*: o ponto em que a bala, após elevar-se, atinge o alvo em sua linha horizontal.

e pequinina  
a pedir vem de boca  
por bonitinha.

Que tem mãos liberais,  
quem o duvida.  
que as mãos sempre lavadas  
dá como rica.

Da camisa o cambrai<sup>550</sup>  
tem rendas finas,  
e eu lá vi, que os peitinhos  
me davam figas.

Ser de peito atacado  
me parecia  
porque muito delegada  
a cinta tinha.  
Com um guarda-pé verde<sup>551</sup>  
os pés cobria,  
sendo que tomou pé  
para ser vista.

Sim julguei, que pequenos  
os pés teria,  
quando vi que de firme  
mui pouco tinha.

E com isto vos juro  
minhas Menina,

---

<sup>550</sup> *cambrai*: por *cambraia*.

<sup>551</sup> *guarda-pé*. ver nota 535

que vos quero, e vos amo  
por minha vida.

DESAYRES DA FORMOSURA COM AS PENSÕES  
DA NATUREZA PONDERADAS NA MESMA  
DAMA.

Rubi, concha de perlas peregrina,  
Animado Cristal, viva escarlata,  
Duas Safiras sobre lisa prata,  
Outro encrespado sobre prata fina.

Este o rostinho é de Caterina;  
E porque docemente obriga, e mata,  
Não livra o ser divina em ser ingrata,  
E raio a raio os corações fulmina.

Viu Fábio uma tarde transportado  
Bebendo admirações, e galhardias,  
A quem já tanto amor levantou aras:<sup>613</sup>

Disse igualmente amante, e magoado:  
Ah muchacha gentil, que tal serias,  
Se sendo tão formosa não cagaras!

---

<sup>613</sup> *aras*: ver nota 445.

A MESMA CUSTODIA MOSTRA A DIFFERENÇA  
QUE HA ENTRE AMAR, E QUERER.

Sabei, Custódia, que Amor  
inda que tirano, é rei,  
faz leis, e não guarda lei,  
qual soberano Senhor.

E assim eu quando vos peço,  
que talvez vos chego a olhar,  
as leis não posso guardar,  
que temos de parentesco:

Que vossa boca tão bela  
tanto a amar-vos me provoca,  
que por lembrar-me da boca,  
me esqueço da parentela.

Mormente considera  
vossa consciência algum dia,  
que nenhum caso faria  
de ser filha, ou enteada.

Dera-vos pouco cuidado  
então ser eu vosso assim,  
e anda hoje para mim  
vós, e o mundo concertado.

Mas eu amo sem confiança  
nos prêmios do pertendente,  
amo-vos tão puramente,

que nem peço na esperança.

Beleza, e graciosidade  
rendem à força maior,  
mas eu se vos tenho amor,  
tenho amor, e não vontade.

Como nada disso ignoro,  
quisera, pois vos venero,  
que entendais, que vos não quero,  
e saibais, que vos adoro.

Amar, e querer, Custódia;  
soam quase o mesmo fim,  
mas diferem quanto a mim,  
e quanto à minha paródia.

O querer é desejar,  
a palavra o está expressando:  
quem diz quer, está mostrando  
a cobiça de alcançar.

Vi, e quis, segue-se logo,  
que o meu coração aspira  
o lograr o bem, que vira,  
dando à pena um desafogo.

Quem diz, que quer, vai mostrando,  
que tem ao prêmio ambição,  
e finge uma adoração  
um sacrilégio ocultando.

Vil afeto, que ao intento  
foge com néscia confiança,  
pois guia para a esperança  
os passos do rendimento.

Quão generoso parece  
o contrário amor: pois quando  
está o rigor suportando,  
nem penas crê, que merece.

Amar o belo é ação  
que toca ao conhecimento  
ame-se co entendimento,  
sem outra humana paixão.

Quem à perfeição atento  
adora por perfeição  
faz, que a sua inclinação  
passe por entendimento.

Amor generoso tem  
o amor por alvo melhor  
sem cobiça, ao que é favor,  
sem temor, ao que é desdém.

Amor ama, amor padece  
sem prêmio algum pertender,  
e anelando a merecer  
não lhe lembra, o que merece.

Custódia, se eu considero,  
que o querer é desejar,

e amor é perfeito amar,  
eu vos amo, e não vos quero.

Porém já vou acabando,  
por nada ficar de fora  
digo, que quem vos adora,  
vos pode estar desejando.



DESPEDIDO O POETA DE SUA SENHORA, E  
POSTO COM EFEYTO NA CIDADE, LHE  
ENCARECE DESDE ELLA OS RIGOROSOS  
TORMENTOS DE AMOR, QUE PADECE  
CAUSADOS DE SAUDADE PELA AUSENCIA DA  
SUA VISTA, NESTAS TÃO CHOROSAS, QUÃO  
SAUDOSAS DÉCIMAS.

- 1 Saudades, que me quereis,  
que tanto me atormentais?  
nunca a morte executais,  
sempre a morte prometeis?  
sem dúvida pertendeis  
minha pena ir dilatando,  
porque enquanto vou penando  
tendes, onde estar vivendo,  
e se acaso eu for morrendo,  
por força ireis acabando.
  
- 2 Mas nem por isso a meu ver  
matais menos sem matar,  
que um contino suspirar  
é um perpétuo morrer:  
o bem na lembrança ter,  
considerá-lo distante,  
um susto a cada acidente  
não são provas do vivente,  
senão abonos do amante.
  
- 3 Vós sois, tirana saudade,  
sendo a memória instrumento

verdugo do entendimento,  
e flagelo da vontade  
acabo na realidade,  
respiro nas aparências,  
pois com tantas evidências  
vosso rigor me desalma,  
não despojado de uma alma,  
afligido em três potências.

4      Oh quanto menor tormento  
me deva o perder a vida,  
que para dor tão crescida  
já não há mais sofrimento:  
a pena com tanto alento,  
sem alento o coração  
parecerá sem razão,  
que uma mesma causa ordene,  
que viva, para que pene,  
e para ter vida não.

PELO MESMO CASO E PELOS MESMOS  
CONSOANTES.<sup>365</sup>

Se a gostos tiras, Clóris, uma vida,<sup>366</sup>  
Que de amor teve o logro por ventura  
Por que trocas em sombra a formosura,  
Que foi no mundo todo tão valida?

Glória, que passa tanto de corrida,  
Onde apenas se vê breve doçura,  
Acredita o melindre da brandura  
Nos extremos, que a deixam suspendida.

Não desmaies, meus olhos, pois consiste  
O gosto em suspender feros desmaios,  
Que dão tormento, a quem amante assiste.

São da morte cruel tristes ensaios,  
E o coração, que adora, não resiste,  
Sendo d'alma em rigor funestos raios.

---

<sup>365</sup> *consoantes*: ver nota 58.

<sup>366</sup> *clóris*: por *clorí* 'amante', 'amada'; também 'meretriz'.

COROU A FORMOSA BRITES ESTAS PRECIOSAS  
MENTIRS DAQUELLE GALHARDO ENGENHO  
COM HUM ALEGRE RISO NA PRIMEYRA  
OCCASIÃO, QUE TEVE DE ENCONTRO COM  
ELLA, PARA CONTRADIZER-SE CAVILLOSO; O  
QUE LHE DEO MOTIVO PARA FAZER O  
SEGUINTE

MOTE

*Se é por engano esse riso,  
fortuna, não me contenho,  
que tens comércio co vento,  
e mudas-te de improviso.*

- 1 Se haveis por pouco custoso  
pagar meu amor, Senhora,  
vos quero afirmar agora,  
que é muito dificultoso:  
porque se um olhar iroso  
me rouba a vontade, e sigo,  
argumento é não preciso,  
que amor me pagais assim  
com um rir-vos para mim,  
Se é por engano esse riso.
  
- 2 Um amor paga outro amor:  
logo mal podeis pagar-me  
um render-me, e cativar-me  
que são obras de rigor:  
se me déreis um favor

levada do rendimento,  
fora igual o pagamento;  
porém sendo eu firme amante  
com acasos de inconstante,  
Fortuna, não me contenho.

3 Mas não te enojas, fortuna,  
de que em matérias de amor  
repudie um tal favor,  
por quem a alma te importuna:  
em hora mais atento,  
mas por agradecimento  
do mais firme amor aqui  
tanto não fio de ti,  
Que tens comércio co vento.

4 Tu não és vento mudável,  
nem és nuvem aparente,  
nem exalação corrente,  
és fortuna variável:  
em um peito incontrastável,  
onde o fim está indeciso,  
não faz fincapé, nem siso  
teu jeroglífico errante,  
que és vária, como inconstante,  
E mudas-te de improviso.

RETRATA O POETA AS PERFEIÇÕES DE SUA  
SENHORA A IMITAÇÃO DE OUTRO SONETO QUE  
FEZ FELIPE IV À HUMA DAMA SOMENTE COM  
TRADUZI-LO NA LÍNGUA PORTUGUEZA.<sup>367</sup>

Se há de ver-nos, quem há de retratar-vos,  
E é forçoso cegar, quem chega a ver-vos,  
Se agravar meus olhos, e ofender-vos,  
Não á de ser possível copiar-vos.

Com neve, e rosas quis assemelhar-vos,  
Mas fora honrar as flores, e abater-vos:  
Dois zéfiros por olhos quis fazer-vos,  
Mas quando sonham eles de imitar-vos?

Vendo, que a impossíveis me aparelho,  
Desconfiei da minha tinta imprópria,  
E a obra encomendei a vosso espelho.

Porque nele com Luz, e cor mais própria  
Sereis (se não me engana o meu conselho)  
Pintor, Pintura, Original e Cópia.

---

<sup>367</sup> *Filipe IV*: Rei de Espanha e Portugal, de onde foi Filipe III de 1621 a 1640.

SABENDO O POETA O MOTIVO DO DESVIO LHE  
MANDOU ESTAS DÉCIMAS.

- 1 Se mercê me não fazeis  
pelas cãs, que me enxergais,  
vós sois, a que perdeis mais,  
pois tal simpleza dizeis:  
que se a um velho aborreceis  
por ser homem de maior,  
que heis de fazer ao menor?  
porque se pela trocada  
deixais o muito por nada,  
entendeis pouco de amor.
  
- 2 Não vos entra no miolo,  
que é de valor mais subido  
um velho, sendo entendido  
que um menino, sendo tolo?  
Se da Dama de alto colo  
(diz a história, que dizia)  
que para o que ela queria,  
arto sabia o seu preto<sup>512</sup>  
de teologia, um discreto  
sabe inda mais teologia.
  
- 3 A diferença, que há  
entre o homem, e entre o burro,  
é da razão o atributo,  
que Deus aos homens nos dá:

---

<sup>512</sup> *arto*: ver nota 193.

logo mais homem será  
o homem, que é mais sagaz,  
mais homem o mais capaz,  
mais home o mais racional,  
e o rapaz mais animal  
mas bruto por mais rapaz.



SENTIO-SE MARIANNA DE QUE O POETA  
PUBLICASSE SEU NOME SABENDO, O QUE  
DEVIA A THOMAZ PATRIOCIO, E QUE  
PERSEVERASSE AINDA NA EMPRESA, AO QUE  
RESPONDE O POETA COM O SEGUINTE

MOTE

*Se tomar minha pena em penitência  
Do erro em que caiu o pensamento  
Não abrandá, mas dobra meu tormento:  
A isto, e a mais obriga a paciência.*

- 1 Bem conheço, Senhor, que hei errado,  
Em pedir-vos afeto tão rendido,  
Mas bem vedes, que andei muito acertado,  
Em vos dar meu amor enternecido:  
Baste a pena de não ser vosso amado,  
Se punir-me quereis por atrevido,  
Que mereço da culpa a indulgência,  
Se tomar minha pena em penitência.
  
- 2 Quando viram meus olhos a beleza  
Desse rosto, e os mates dessa graça,<sup>542</sup>  
Logo a fé de querer-vos com firmeza  
Dedicar-vos pensei de amor por traça:  
Se julgais por arrojo esta fineza,  
Ou dizeis, que é meu erro por desgraça,  
Emendar-me, Senhora, não intento  
Do erro em que caiu o pensamento.

---

<sup>542</sup> *mates*: perfeições.

- 3 Sim dos tempos fiar posso a ventura,  
Porque o tempo domina a vontade,  
Mas medicina é esta, que não cura  
de um amor excessivo a enfermidade:  
Porque eu logre essa rara formosura  
Quer Amor, que deixeis a crueldade,  
Que o remédio do tempo, como é lento,  
Não abranda, mas dobra meu tormento.
- 4 Nesse cravo partido por fiança  
Se o remédio do tempo é aplicado,  
Não duvido, que só desta esperança  
Viver possa o amor mais alentado:  
Abster quero já agora da esquivança  
Meu amor na esperança sossegado,  
que a viver um amor em abstinência  
A isto, e a mais obriga a paciência.

RESPONDE FLORALVA PELOS MESMOS  
CONSOANTES.

- 1 Senhor Abelha, se Amor  
fizesse abelhudo um dia,  
sem dúvida, que estaria  
doido à vista desta flor:  
tal demasia, e rigor  
merecia: mas de mão  
quero dar-lhe, porque então,  
quando eu rigorosa andara,  
de outra sorte me vingara  
do equívoco do ferrão.
  
- 2 Entrar cá no meu vergel  
não presuma, e me picara,  
se acaso disso formara  
escrúpulos: e este mel  
é, de quem menos cruel  
me trata, Senhor Castiço,  
porque cá no meu caniço  
o Zangano comedor,  
a quem dou o mel, e a flor  
é o Senhor do cortiço.

## AO MESMO ASSUMPTO E PELO MESMO MOTIVO

Senhora Beatriz: foi o demônio  
Este amor, esta raiva, esta porfia,  
Pois não canso de noite nem de dia  
Em cuidar nesse negro matrimônio.

Oh se quisesse o Padre Santo Antônio,  
Que é Santo, que aos perdidos alumia,  
Resvelar-lhe a borrada serventia<sup>513</sup>  
Desse Noivo essa purga, esse antimônio!

Parece-lhe, que fico muito honrado  
Em negar-me por velho essa clausura?  
Menos mal me estaria o ser capado.

Não sofro esses reveses da ventura,  
Mas antes prosseguindo o começando  
A chave lhe de pôr na fechadura.

---

<sup>513</sup> *resvelar-lhe: por revelar-lhe.*

## RESPOSTA DO POETA.

- 1    Senhora Dona formosa  
      li a de vossa mercê  
      com a cutilada, que  
      a traz tanto desgostosa.  
      a ferida é mui danosa,  
      e não é para cheirada,  
      traga-a sempre abotoada,  
      que é, o que mais lhe convém,  
      pois nunca curou ninguém  
      junto do cu cutilada.
  
- 2    Vi sarar dez mil feridas,  
      e muitas tão desestradas,  
      que por serem bem rasgadas,  
      lhes chamavam desabridas:  
      sasar cabeças fendidas,  
      toda uma cara amassada,  
      rota uma perna, e escalada,  
      um braço, e outra cousa assi,  
      porém sarar nunca vi  
      junto do cu cutilada.
  
- 3    Causa grande admiração,  
      como em tal parte e cascou,  
      só se dormindo a apanhou,  
      ou estirada no chão:  
      esta é minha presunção,  
      que para ali ser cortada  
      devia estar estirada  
      com as pernas para o ar,

quando lhe foram cascar  
junto do cu cutilada.

- 4 Mas se estava conversando  
zainamente, e par a par,  
deviam de lha cascar  
a barriga assovelhando:<sup>702</sup>  
que por juntas lhas meter  
uma, e outra punhalada  
teve a mão tão assentada,  
que o contrário resvelando  
de muitas veio a fazer  
junto do cu cutilada.
- 5 Há feridas do diabo,  
e de si muito nojentas,  
porém as mais fedorentas  
são, as que estão junto ao rabo:  
eu tal ferida não gabo  
por ser em parte arriscada,  
que em que seja seringada,  
como a parte é tão reimosa,  
é sempre mui perigosa  
junto do cu cutilada.
- 6 Algumas vezes curei  
com ovos tão grandalhões,  
que pareciam culhões,  
mas debalde me cansei:  
com mecha lhos encaixei,  
que entrava tão ajustada,

---

<sup>702</sup> *assovelhando*: por *assovelando*, ‘instigando’, ‘incitando’.

que ia algum tanto apertada:  
mas era cansar-me em vão,  
porque ovos não curam não  
junto do cu cutilada.

7 Toda a ferida se ajunta;  
porém esta, que se afasta,  
é ferida de má casta,  
que mesmo se desconjunta:  
o óleo, com que se unta,  
tenho por cousa baldada,  
que como não é ligada  
a cura na parte bem,  
não pode sarar também  
junto do cu cutilada.

8 Para se poder curar,  
hão de se as pernas abrir:  
começando a dividir  
como se pode soldar?  
também devem reparar,  
que vai dentro profundada,<sup>703</sup>  
e se não for seringada,  
também pode apodrecer:  
pois que remédio há de ter  
junto do cu cutilada?

9 Tenho dito em português,  
que se não pode curar,  
inda que se esgote amar  
porque não falo francês:

---

<sup>703</sup> *profundada*: por *profundada*, *aprofundada*.

a ferida que se fez,  
é em tão má parte dada,  
que toda a cura é baldada,  
e assim digo em conclusão,  
que não há, quem cure não  
junto do cu cutilada.

- 10 Mas eu tenho para mim,  
para que dela não morra,  
que lhe unte sebo de porra,  
ou sumo de parati:  
porque já enferma vi  
com semelhante golpada  
ficar muito consolada,  
que a experiência mostrou,  
que curar ninguém tratou  
junto do cu cutilada.



A HUMA MOÇA QUE PERDEO DOUS  
CASAMENTOS AJUSTADOS, O PRIMEYRO COM  
HUM FLAMENGO, QUE SE DESCULPOU AO  
DEPOIS QUE TINHA FEYTO VOTO DE  
CASTIDADE, E O SEGUDO COM HUM SOLDADO,  
QUE SE EMBEBEDAVA, E FUGIO DEPOIS DE A  
ROUBAR.

- 1    Senhora Donzela: à mímica  
      de um casamento jucundo  
      cousas sucedem no mundo,  
      que me puxam pela língua:  
      o que se conta, vos mímica  
      na fortuna do himeneu,  
      pois a sorte vos perdeu  
      dous, que o céu vos deparou,  
      um, que ainda nada provou,  
      e outro que tudo bebeu.
  
- 2    O vosso Noivo Flamengo  
      não sintais vê-lo fugir,  
      que não é para sentir  
      a fugida de um podengo:  
      eu com riso me derrengo,  
      vendo, que de mui previsto,  
      vos dissesse um Anticristo,  
      que castidde jurou,  
      quando eu sei, que não votou,  
      salvo foi um “voto a Cristo”.
  
- 3    O que ele prometeria,  
      não seria castidade,

mas não falar-vos verdade,  
e usar de velhacaria:  
grande peça, vos faria,  
se vos tivera a mão dado,  
que um homem mal encarado,  
e de pouco cabedal  
mentir-vos antes mais val,  
do que depois de casado.

- 4 Dai vós ao demo o brichote,<sup>729</sup>  
que com coração traidor,  
qual boticário de amor  
vo-la pregou com serrote:  
e vamos ao matalote  
do segundo matrimônio,  
a quem o mesmo demônio  
tão destro vo-lo mandou,  
que o matrimônio deixou,  
e levou o patrimônio.
- 5 Levou com destreza, e manha  
de calçar, e de vestir,  
porque nisto do mentir  
ninguém descalço o apanha:  
ser ladrão já não se estranha  
nesta idade um soldadinho;  
mas vós tendes este gostinho,  
(quando a paixão vos corcoma)<sup>730</sup>  
e é, que ele o vestido toma,  
mas a ele o toma o vinho.

---

<sup>729</sup> *brichote*: ver nota 247.

<sup>730</sup> *corcoma*: ver nota 726.

6 Se por bêbado livrou,  
valha-lhe o mesmo direito,  
porque ao mais atroz efeito  
todo o bêbado escapou:  
o Céu vos apadrinhou  
em vos livrar de um pirata  
e se conforme a vulgata,  
porque o inimigo se vá,  
ponte de prata se dá,  
vós destes ponta de prata.

REMETTE O SEU CUYDADO AS DELIGENCIAS DO  
TERREYRO LIZONGEANDO A MAY DESTA  
DAMA.

Senhora Florenciana, isto me embaça  
Contares vós d mim tantos agradados,  
E estar eu vendo, que por meus pecados  
Tenho para convosco pouca graça.

Em casa publicais, no lar, na praça  
Que sou homem capaz de altos cuidados,  
E nunca me ajudais cos negregados  
Que tenho com Madama de Mombaça.

Eu não sei, como passo, ou como vivo  
Na pouca confiança, que me destes,  
Depois que fui de Amor aljava, ou crivo.

Porque por mais mercês, que me fizestes,  
Jamais me recebestes por cativo,  
Nem menos para genro me quiseste.

A HUMA DAMA, A QUEM SOLICITANTO-A O  
POETA, LHE PEDIO DINHEYRO, DE QUE ELLE SE  
DESEMPULHA.

- 1    Senhora, é vosso pedir  
      um impedir as vontades,  
      que pertendem humildades,  
      de quem deseja servir:  
      faz-me vontade de rir  
      um pedir tão despedido,  
      que dele tenho entendido,  
      que o pedir despedir é:  
      bem podeis viver na fé,  
      que esse pedir é perdido.
  
- 2    Peça amores, e finezas,  
      peça beijos, peça abraços,  
      pois que os abraços são laços,  
      que prendem grandes firmezas:  
      não há maiores despesas  
      que um requebro, e um carinho,  
      pois no tomar um beijinho  
      fica a riqueza ganhada,  
      e tudo o mais não val nada:  
      não peças mais, meu Anjinho.
  
- 3    Se vos vira, minha Mana,  
      recolhida, e não faceira  
      disseram, que como Freira  
      pedíeis à franciscana:  
      porém vós sois muito ufana,  
      e logo pedis a panca:

eu de vós direi, arranca,  
que o vosso pedir cruel  
pica mais do que um burel,<sup>747</sup>  
e dói mais que uma tranca.

---

<sup>747</sup> *burel*: por *buril*.

PORFIA O POETA EM LOUVAR SEU NECESSARIO  
SILENCIO, COMO QUEM FAZ VIRTUDE DA  
NECESSIDADE.

TE

MO

*tir por solo sentir*

*Sen*

*el sentir verdadero,*

*es*

*en saber sentir está*

*que*

*premio del sentimiento.*

*el*

1      Coraçon: suffre, y padece,  
         que quien alivia el tormento  
         el premio del sufrimiento  
         neciamente desmerece:  
         siente, y en tus dolores cresce:  
         suffre, que solo el sufrir  
         sera el medio de luzir:  
         calla, que la causa es tal,  
         que está mandando a tu mal  
         Sentir por solo sentir.

2      Sentir, sufrir, y callar  
         medio será de salvar-te:  
         pero no sientan llorar-te  
         porque es arte de aliviar:  
         el sufrimiento hade estar

sugeto al arpon severo,  
evitando el ser grossero  
con silencio, o con rason,  
que sentir sin reflexion  
Es el sentir verdadero.

3 No suffras, por mas sufrir,  
que en sufrir por merecer,  
la atencion hecha a perder,  
quando llega a competir:  
nada intentes conseguir,  
que es vana gloria, y quisá  
que todo se perderá:

la mudez no es meritoria?  
Sabe sentir por la gloria,  
Que en saber sentir está.

4 Sabe, que ay indignacion,  
en quien te puede ultrajar,  
que ay aborrecer, y amar,  
mas no sepas la rason:  
siente tu injusta passion,  
mas no sepa el sufrimiento  
la causa de tu tormento:  
discurre sin discurrir,  
que hallarás en tu sentir  
El premio del sentimiento.



MOSTRA FINALMENTE MEYO PARA NO MESMO  
DESPREZO CONTINUAR O SEU AMOR COM  
DECORO, PELOS MESMOS CONSOANTES.

Ser decoroso amante, e desprezado  
Fácil empresa em mim de amor há sido,  
Pois não caminho sendo aborrecido  
Atrás dos interesses do adorado.

Se não quer merecer o meu agrado,  
Se a fé sustento, se o favor olvido,  
O de coro mantenho, porque lido  
Só pela propensão do meu cuidado.

Sendo tão fino enfim, meu sentimento  
Não perco em adorar a autoridade,  
Pois não é por lograr o meu tormento.

Logo pode o desprezo ser vaidade,  
A quem com parecer do entendimento  
Por prêmio não amar, mas por vontade.

HUMA MULATA DAMA UNIVERSAL DE QUEM JA  
FALLAMOS, SATYRIZA AGORA O POETA O  
FAUSTO COM QUE FOY SEPULTADO A MAY.

- 1 Ser um vento a nossa idade  
é da Igreja documento:  
e por ser a vida um vento,  
a morte é ventosidade;  
viu-se isto na realidade  
na morte de uma pobreta,  
cuja casa de baeta,  
reparando o Irmão da vara,  
e descobrindo-lhe a cara,  
viu, que a defunta era preta.
  
- 2 Uma Negra desta terra  
em uma casa enlutada,  
no hábito amortalhada  
do santo, que tudo enterra:  
quem cuidáreis, que era a perra  
tão grave, e tão reverenda?  
era uma sogra estupenda  
de todo o mundo em geral,  
Mãe em pecado mortal  
de Dona Brásia Caquenda.
  
- 3 A Negra com seu cordão  
no hábito franciscano  
era retratada em pano  
Santa Clara de alcatrão:  
tiveram grande questão  
os Irmãos da caridade,

se era maior piedade  
lançá-la no mar salgado,  
se enterrá-la no sagrado  
ofendendo a imunidade.

4 Acudiu o Tesoureiro,  
que era genro da Cachorra,  
e eu tenho, esta Negra é forra,  
e eu tenho muito dinheiro:  
houve dúvida primeiro,  
mas vieram-na a levar,  
e começando a cantar  
os Padres o sub venite<sup>750</sup>  
tomaram por seu desquite  
em vez de cantar chorar.

5 Dos genros a melhor parte,  
e os homens de melhor sorte  
choravam a negra morte  
da negra sorte, que parte:  
a essa fizeram de arte  
tão regenda., e tão real,  
que não foi piramidal,  
par que cresse o distrito,  
que era Cigana do Egito,  
quem fora negra boçal.

6 Ficou a gente pasmada  
de ver uma Negra bruta,  
sendo na vida tão puta,  
pela morte tão honrada:

---

<sup>750</sup> *sub venite*: latim, ‘vinde em socorro’.

quem é tão aparentada,  
sempre na honra se estriba,  
e assim a gente cativa  
ficou pasmada, e absorta,  
de ver com honras em morta,  
quem nunca teve honra em vida.

7 Ficou a casa enlutada  
então até o outro dia,  
e todo o ano estaria,  
a não ter uma encontrada  
foi, que a baeta pregada  
era de quatro estudantes  
quatro capas roçagantes:  
e bem que as deram, contudo  
para irem ao estudo  
foi força mandar-lhas antes.

8 Os amantes se pintaram  
como amantes tão fiéis,  
um largou oito mil-réis,  
outro em dez o condenaram:  
ao Tesoureiro ordenaram,  
mandasse a cera comprada;  
ele a deu tão esmerada,  
e tanta, que se murmura,  
que o fez, porque à sepultura  
fosse a perra bem pingada.

## OUTRA PINTURA EM SOMBRAS DESTA DAMA.

- 1 Seres formosa, Teresa,  
sendo trigueira, me espanta,  
pois tendo beleza tanta,  
é sobre isso milagrosa:  
como não será espantosa,  
se o adágio me assegura,  
que, quem quiser formosura,  
a há de ir na alvura ver,  
e vós sois linda mulher  
contra o adágio da alvura.
  
- 2 Mas o nosso adágio mente,  
e eu lhe acho a repugnância,  
de que a beleza é substância,  
e a alvura é acidente:  
se na esfera tão luzente  
dessa cara prazenteira  
o sol como por vidreira  
se duplica retratado,  
sendo vós sol duplicado,  
que importa seres trigueira.
  
- 3 Eu melhor coisa não vi  
de olhos, do que vossos olhos,  
no ferir almas abrolhos,  
no caçar almas nebli:<sup>368</sup>  
cos vossos olhos aqui

---

<sup>443</sup> *nebli*: por *nebri*, falcão adestrado para a caça.

me sinto tão arriscado,  
que me dá menos cuidado,  
e fora a melhor partido  
dos vossos olhos mordido,  
que da vossa vista olhado.

- 4 Se todo o mundo pisara,  
não vira no mundo inteiro  
nem riso mais feiticeiro,  
nem mais agradável cara:  
tinha-vos por coisa rara,  
notável, e prodigiosa;  
mas acho, que artificiosa  
em vós natureza obrou  
pois sobre sombras pintou  
uma cara tão formosa.

A HUMA DAM CHAMADA JOSEPHA, QUE EM  
NOYTE SE SAM JOÃO LHE REBENTOU HUM  
FOGUETE BUSCAPE ENTRE AS PERNAS, DE QUE  
FICOU BEM MAL TRATADA.

- 1 Só vós, Josefa, só vós  
sabeis em todo o sertão  
festejar o São João,  
na noite de catrapós:<sup>743</sup>  
os vosso foguetes sós  
de fio, taboca, e pez  
são foguetes, pois num mês  
tivestes por vosso abono  
um foguete busca-cono,<sup>744</sup>  
um lugar de busca-pés.
  
- 2 Quem tal foguete botou,  
que em boa realidade  
vos fodeu contra a vontade  
e a foda vos não pagou?  
conforme ele se embocou  
vinha bem industriado;  
mas não foi grande o pecado,  
em que o foguete há caído  
deixar-vos o cono ardido,  
se antes andava arreitado.
  
- 3 O foguete por tramóia  
vos queima, e deixa arrasada,

---

<sup>743</sup> *catrapós* : por *catrapús*, queda ruidosa e repentina; para outro significado do termo ver nota 337.

<sup>744</sup> *cono*: ver nota 247.

e os que passam pela estrada,  
vão dizendo “aqui foi Tróia”:  
vaso, que sendo uma jóia  
não pôde ao menor resquício,  
reparar em o artifício,  
digam-lhe em forma de pedra  
escallo armado de Yedra<sup>745</sup>  
yo te conoci Edifício.

4 Deixou-vos vosso parceiro,  
vendo, que entre tantas falhas,  
o que eram altas muralhas,  
hoje é triste pardieiro:  
que faria o pegureiro  
vendo, no que vaso foi  
lo que va de ayer a oy  
e lhe dizíeis ali,  
que ayer maravilha fui  
y oy sombra mia aun no soy.

5 Deixou-vos tão de carreira  
com medo deste fracasso,  
pois viu, que o que era vaso,  
já agora estava caveira:  
como quereis, que vos queira,  
nem que torne ao vosso horto,  
se de pasmado, e absorto  
lhe pareceu, que seria  
pecado de Sodomia  
fornicar um vaso morto.

---

<sup>745</sup> *escullo armado de yedra*: espanhol, ‘escala pela her’.



- 6    Daquela campanha chã  
tão rasa, e tão abrasada  
fugiu, porque era estampada  
a pedra da Itapoã:  
e como cada manhã  
a pedra furada atroa,  
e o homem era pessoa  
tão amigo de um bom trato,  
vos disse “fora Lobato,  
que esse vaso mal me soa”.
- 7    Mas como vós sois cachorra;  
e sobre isto ardida estais,  
de uma em outra porta andais  
pedindo esmolas de porta:  
não achais, quem vos socorra,  
nem quem para vós se emangue,  
com que a cada pé de mangue  
chorais, que tão triste caso  
ninguém vos aceita o vaso,  
temendo lhe queime o sangue.
- 8    Josefa, o que está melhor  
ao vosso cono caveira,  
é dá-lo uma sexta-feira  
de Quaresma a um Pregador:  
porque ele com seu fervor,  
e co’ a caveira na mão  
fara tão grande sermão,  
que os homens por seu abono  
ouvindo o memento cono<sup>746</sup>

---

<sup>746</sup> *memento*: latim, ‘lembra-te’.

todos se arrependerão.

PERTENDE O POETA CONSOLAR O EXCESSIVO  
SENTIMENTO DE VASCO DE SOUZA COM ESTE  
SONETO.<sup>369</sup>

Sôbolos rios, sôbolas torrentes<sup>370</sup>  
De Babilônia o Povo ali oprimido  
Cantava ausente, triste, e afligido  
Memórias de Sião, que tem presentes.

Sôbolas do Caípe águas correntes  
Um peito melancólico, e sentido  
Um anjo chora em cinzas reduzido,  
Que ao bens reputados sobre ausentes.

Para que é mais idade, ou mais um ano,  
Em quem por privilégios, e natureza  
Nasceu flor, a quem um sol faz tanto dano?

Vossa prudência pois em tal dureza  
Não sinta a dor, e tome o desengano  
Que um dia é eternidade da beleza.

---

<sup>369</sup> O soneto alude ao canto do exilado em Salmos, 137.

<sup>370</sup> *Sôbolos*: sobre os.

A HUMA DAMA A QUEM NÃO RENDIÃO  
FINEZAS.

Sobre esta dura penha,  
que repartida em rocas  
contra o mar inimigo  
quatro fileiras forma:

Dos mares combatida,  
escalada das ondas,  
incêndios de salitre  
não rendem tanta força.

A rocha permanente  
às ondas porfiosa,  
cheio o mar de coragem  
a penha de vitórias.

Não há um desengano  
para fúrias tão loucas  
de um elemento débil,  
a quem o vento assopra.

Mas o curso dos dias,  
e a carreira das horas,  
que dão a todo o mundo  
escarmento, e memória,

Hão de mostrar-lhe enfim,  
que nas maiores forças  
não há intento sisudo  
com esperanças loucas.

Aqui pois onde o fado  
me conduz, ou me arroja  
a escrever desenganos  
ao mar desde esta roca:

Quero queixar-me o céu  
nas cordas numerosas  
de minha triste lira  
já de queixar-me rouca.

Porque razão, pergunto,  
a esfera luminosa  
me fez tão semelhante  
desta invencível roca?

A roca inexpugnável  
reveste-se animosa  
da pólvora dos ventos,  
que dentro d'água estoura:

E eu também me resisto,  
há mais de mil auroras  
aos vaivéns da fortuna,  
vários, como ela própria.

A penha incontrastável,  
cada maré se molha,  
e leva o branco pé  
nas sucessivas ondas.

Eu também incansável

me levo cada hora  
no sucessivo pranto,  
que me inunda, e me afoga.

As ondas à porfia  
até ver se se prosta  
o firme de um penhasco  
o duro de uma rocha.

Também minha fortuna  
tenaz, e porfiosa  
insiste, em que se prostre  
minha firmeza heróica.

#### ESTRIBILHO

Oh nunca semelhante  
fora eu desta roca,  
oh nunca foram tantos  
nem tão fortes meus males  
como as ondas.

AO RIO CAIPPE RECORRE QUEYXOSO O POETA  
DE QUE SUA SENHORA ADMITE POR ESPOSO  
OUTRO SUGEYTO.

Suspende o curso, ó Rio, retrocido,  
Tu, que vens a morrer, adonde eu morro,  
Enquanto contra amor me dá socorro  
Algun divertimento, algum olvido.

Não corras lisonjeiro, e divertido,  
Quando em fogo de amor a ti recorro,  
E quando o mesmo incêndio, em que me torro,  
Teu vizinho cristal tem já vertido.

Pois já meu pranto inunda teus escolhos,  
Não corras, não te alegres, não te rias,  
Nem prateies verdores, cinge abrolhos.

Que não é bem, que tuas águas frias,,  
Sendo o pranto chorado dos meus olhos,  
Tenham que rir em minhas agonias.

A VISTA DE HUM PENHASCO QUE VERTENDO  
FRIGIDÍSSIMAS ÁGUAS LHE CHAMÃO NO  
CAIPE A FONTE DO PARAÍZO, IMAGINA AGORA  
O POETA MENOS TOLERÁVEL A SUA  
DISSIMULAÇÃO

Como exalas, Penhasco, o licor puro,  
Lacrimante a floresta lisonjeando,  
Se choras por se duro, isso é ser brando,  
Se choras por ser brando, isso é ser duro.

Eu, que o rigor lisonjear procuro,  
No mal me rio, dura penha, amando;  
Tu, penha, sentimentos ostentando,  
Que enterneces a selva, te asseguro.

Se a desmentir objetos me desvio,  
Prantos, que o peito banham, corroboro  
De teu brotado humor, regato frio.

Chora festivo já, ó cristal sonoro,  
Que quanto choras, se converte em rio,  
E quanto eu rio, se converte em choro.



DEYXOU-SE FLORALVA HUMA VEZ CONVERSAR  
DO POETA E PELA VER DESDENHOSISSIMA SE  
DESPEDE: E COMO ELLA CONSENTIO  
DESABRIDA, LHE FAZ ESTE SONETO.

Tão depressa vos dais por despedida,  
Que vista varonil conformidade,  
Me está dizendo vossa crueldade,  
Que morríeis por ver-vos excluída.

Pois não seria ação mais comedida,  
Demais cortês, e justa urbanidade  
Fingir, que por amor, ou por piedade  
Recusáveis a minha despedida?

O certo é, Floralva, que esse peito  
Anda mui penetrado, e mui ferido  
De outro amor, outra seta, outro sujeito.

E pois fiz tal serviço a tal Cupido,  
Como não fazeis vós por tal respeito  
Favores, de que nunca me despido?

A MUDANÇA QUE FEZ ESTA DAMA FAZ AGORA  
O POETA MENÇÃO.

- 1 Tenho por admiração,  
Menina, e por coisa rara,  
que mudásseis vós de cara,  
porém não de condição:  
vendo-vos nesta ocasião  
de feições tão desmentida,  
mais dura, e mais sacudida,  
vos julguei (porque o revele)  
qual cobra, que despe a pele,  
mas não põe emenda à vida.
  
- 2 Como não terá desgosto,  
quem adora uma beleza,  
se sem mudar natureza  
tão mudada está de rosto?  
para vós me dareis gosto,  
e pegardes minha fé,  
o que haveis de fazer, é  
(por dar-me algum galardão)  
mudares de condição,  
mas de cara, para quê?
  
- 3 Cara, que já me agradara  
por bonita, e por graciosa,  
comigo é mudança ociosa,  
convosco é mudança cara:  
se Amor vos desenganara,  
que me parecíeis bem,  
não tivéreis vós por quem

fazer esta variação,  
sendo vária na afeição,  
e tão firme no desdém.

- 4 Não digo, minha Senhora,  
mal da vossa perfeição;  
quero Mariana de então,  
e não Mariana de agora:  
que quem vos ama, e adora  
tão firme, e constantemente,  
quer, que saiba toda a gente,  
que minha alma enamorada  
não dá Mariana passada  
por Mariana presente.
- 5 Quem faz mudanças na cara,  
bem que não no coração,  
sempre deixa a presunção,  
que por pouco se mudara;  
eu amar-vos não chegara  
sem ter por delito atroz,  
que haja mudança entre nós:  
pois não só mudar se chama,  
irdes para outra Dama,  
como de vós para vós.
- 6 Ou mudada, ou não mudada  
vos afirmo reverente,  
que sois mais moça ao presente  
para ser fruta passada:  
e está tão idolatrada  
de mim essa cara bela,

que o seja esta, ou aquela,  
o que agora importa, é,  
que deis um jeito, com que  
eu pobre me logre dela.

INSISTE O POETA (VENDO ESTES DESAPEGOS DE  
BRITES EM O NÃO QUERER ADMITIR) PARA SER  
CORRESPONDIDO EM SEU AMOR,  
ARGUMENTANDO-LHE RIJAMENTE  
CAUTELLOSOS SILLOGISMOS MAS TUDO  
DEBALDE

Tenho-vos escrito assaz,  
e torno nesta ocasião  
a escrever-vos pertinaz,  
para ver se o tempo faz,  
o que não pode a razão.

Que talvez de importunada,  
muito mais que de rendida  
cede a vontade obstinada  
mais que à razão de adorada,  
á força de perseguida.

Vós não me correspondeis,  
porque haveis medo de amar,  
e esses riscos, que temeis,  
são falsos, pois bem podeis  
agradecer sem pagar.

Agradecei-me não mais  
verdes-vos idolatrada,  
porque com leves sinais  
a mais amor me empenhais,  
e ficais desobrigada.

Isto tem a gratidão,

que escusa grandes despesas,  
com uma demonstração,  
gastando pouca afeição  
se ganham muitas finezas.

Fazei comigo um assento  
de amor, e seu galardão,  
ganhareis cento por cento,  
se entraís co agradecimento,  
entrando eu com afeição.

Não sei, que mal vos esteja,  
Senhora, o meu bem-querer,  
e porque a Lua se veja,  
tudo, o que quer bem, deseja  
muitos bens, a quem bem quer.

Isto é, o que significa  
querer bem, isso contém,  
que quem a Amor se dedica,  
ao sujeito, a quem se aplica,  
quer bem, e deseja bem.

Para os que mal vos quiserem,  
que lhes guarda, ou lhes prepara  
vossa condição tão rara?  
se àqueles, que bem vos querem,  
mostrais desabrida a cara.

Estou por me arrepender  
de adotar, a quem me mata,  
porque se a ambos maltrata,

mau fim tenha o bem-querer,  
que vos faz a vós ingrata.

Mas eu tenho averiguado,  
que isto consiste na estrela,  
e o que perde o meu cuidado,  
porque vós sois Moça bela,  
e eu velho mal estreado.

Não o tenhais a escarcéu,  
que se às estrelas mais belas  
levais ganhado o troféu,  
depois que eu trato esse céu,  
entendo muito de estrelas.

E pois com vosso crisol  
se ilumina a esfera bela,  
em seu azul arrebol  
bem podereis vós, meu sol,  
dar-me outra melhor estrela.

Servi-vos de apiedar-vos  
deste triste sem ventura,  
porque é certa conjetura,  
que, quem pertende adorar-vos,  
nem faz mal, nem mal procura.

FINAL ENCARECIMENTO DE THEREZA, E SUAS  
DELICADAS PRENDAS.

- 1    Teresa, muito me prezo  
      de vos amar, e querer,  
      porque sei, que sois mulher  
      de conta, medida, e peso:  
      as demais por vós desprezo,  
      quer belas, quer entendidas,  
      e entre as mais presumidas,  
      juro-vos, e passa assi,  
      que nunca beleza vi,  
      que mais me enchesse as medidas.
  
- 2    Se da bela Felizarda  
      a formosura contemplo,  
      não lhe posso achar exemplo  
      senão no garbo da Anarda:  
      em louvar-vos se acobarda  
      o discurso mais valente,  
      e inda no mesmo acidente  
      de iluminados desmaios  
      ao manancial dos raios  
      vos considero eminente.



DESTAS ZOMBARIAS COM QUE O POETA  
COMEÇOU A GALANTEAR A ESTA DAMA EM  
DESPIQUE DE SUA IRMÃA, SE PRESUMEM  
AGORA AMOROSAS VERAS NESTA OBRA.

- 1    Tetê sempre desabrida  
     mostra um dia entranhas gratas,  
     pois sabem todos, que matas,  
     saibam que podes dar vida:  
     sendo tu minha homicida,  
     com morte tão desumana  
     dás a entender, que és humana;  
     porém se a vida me dás,  
     então, Tetê, mostrarás,  
     que és divina, e soberana.
  
- 2    O dar morte é de mulheres  
     propensas a crueldades,  
     dar vida é de divindades,  
     com soberanos poderes:  
     dando-me tu desprazeres,  
     a morte, a dor, e o pesar  
     hás de ficar com desar,  
     de que em ti tais males caibam,  
     e te está melhor, que saibam,  
     que tens mil vidas, que dar.
  
- 3    Deixai-me viver não mais,  
     que por vossa, e minha glória,  
     vós tereis nossa vanglória,

e eu folgarei, que a tendeis:  
e se a vida me não dais,  
porque enfada, quem adora,  
não temais, minha Senhora,  
que eu sei da vossa profia,  
que dando-me cada dia,  
ma tirareis cada hora!

- 4 Vida, que tão pouco dura,  
liberalmente se dá,  
vosso enfado a tirará,  
se a de vossa formosura:  
e porque fique segura  
morte tão apetecida,  
dai-ma vós tão escondida,  
que eu a não sinta chegar,  
porque o gosto de acabar  
não me torne a dar a vida.

PICADA BETICA, DE QUE O POETA LHE NÃO  
DESSE A GALA, LHE APPARECEO EM CERTA  
OCCASIÃO COM HUMA SAYA DE SEDA  
AMARELLA, MAS O POETA SE DESPICA COM  
ESTAS DÉCIMAS

- 1 Toda a noite me desvelo  
por saber, com que conselho  
para meter de vermelho,  
vos vestires de amarelo:  
não sabe o vosso Donzelo,  
qual amante, ou quais amores  
vos deu a gala de flores:  
porque assim como chamais  
para a cama oficiais,  
para a gala coadjutores.
  
- 2 Como se fora o deitá-la  
render um forte iminente,  
andais ajuntando gente,  
para deitar uma gala:  
noutra cousa se não fala,  
mais que a gente, que fazeis,  
porque quando os convoqueis,  
e eles vos forem galando,  
mil galas vos irão dando,  
com que mil galas tereis.
  
- 3 De tanto amante sem conto  
a gala haveis recebido,  
que nos pontos do cosido,

cabe a cada amante um ponto:  
não vos sinto outro desconto,  
sendo a vossa obrigação  
tanta quantos pontos são:  
senão, que um e outro se afoite,  
irem pagar-se de noite  
nos pontos, que se lhes dão.

- 4 Não tendes, que vos queixar  
destas minhas travessuras,  
porque eu vos bato as costuras,  
para o vestido assentar:  
se todos hão de pagar  
em chegando a vos dormir,  
deixai também repartir  
por mim esta obrigação,  
que os mais de vestir vos dão,  
e eu vos corto de vestir.

## DEFINIÇÃO DE POTENCIAS.

Trique trique, zapete zapete.

O casado de enfadado  
por não ter, a quem lhe aplique  
anda já tão desleixado,  
que inda depois de deitado  
não faz senão trique trique.

O soldado de lampeiro,  
quando chega ao batedouro,  
vai lhe sacudindo o couro,  
e com a força, que bate  
faz trique zapete zapete.

O Frade, que tudo sabe,  
e corre os caminhos todos,  
vai dando por vários modos,  
e olhando por toda a parte,  
e faz trique zapete zapete.

OFENDIDO SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA POR  
CAUSA DE HUNS CIUMES À QUIZ CASTIGAR: AO  
QUE ACODIO A MAY E LHE FEZ AS  
DESCOMPOSTURAS SEGUINTES.

- 1 Um Sansão de caramelo  
quis a Dalila ofender,  
ela pelo enfraquecer  
lançou-lhe mão do cabelo:  
ele vendo-se sem pêlo  
franqueou a retirada;  
de um pulo tomou a escada,  
e por ser Sansão às tortas,  
em vez de levar as portas  
levou muita bofetada.
  
- 2 O Filisteu, que lhas deu,  
(segundo ele significa)  
a Mãe era de Betica  
mulher como um filisteu:  
a bofetões o cozeu,  
e o pôs como um sal moído;  
mas ele está agradecido  
sair com olhos na cara,  
que ela diz, olhos não tirara,  
por já lhos haver comido.
  
- 3 Posto o meu Sansão na rua,  
por firmar-se na estacada  
tomou de um burro a queixada,  
outros dizem, que era sua:  
com ela o inimigo acua,

mas não fez dano, nem mal,  
porque afirma cada qual  
entre alvoroço, e sussurro,  
quem livrou dos pés do burro,  
mal morrerá do queixal.

- 4 Enfim foi o preso o Sansão  
pelas mãos da filistéia,  
não nos bofes da cadeia,  
nas tripas de um torreão:  
ali o cabelo lhe dão,  
que perdeu na suja guerra;  
jura sansão, brama, e berra,  
que se torna a ver Betica,  
e as colunas se lhe aplica,  
que há de lançá-la por terra.

A LUIZA ÇAPATA QUERENDO, QUE O AMIGO  
LHE DESSE QUATRO INVESTIDAS DUAS DE DIA,  
E DUAS DE NOYTE.

- 1 Uma com outra são duas  
pela minha tabuada,  
e vós, Mulata esfaimada,  
quereis, duas vezes duas:  
se isso vos dera por luas,  
e o quiséreis cada mês,  
dera-vos três vezes três;  
mas quatro entre dia, e noite,  
dar-vos-ei eu tanto açoite,  
que farão dez vezes dez.
- 2 Pois, Puta, essa vossa crica<sup>576</sup>  
tão gulosa é de rescaldos,  
que cuidais que os nossos caldos  
os compramos na botica?  
o caldo não multiplica,  
quando entre quatro virilhas  
se liquida em escumilhas  
e vós a lavadas mãos  
quereis um caldo de grãos,  
por um caldo de lentilhas?
- 3 É o caldo uma quinta-essência,  
e tal, que uma gota fria  
produz uma Senhoria,  
e talvez uma Excelência:

---

<sup>576</sup> *crica*: ver nota 321.



se tendes dele carência,  
e por fartar a vontade  
o quereis em quantidade,  
não trateis não de esgotar  
os culhões de um secular,  
ide à barguilha de um Frade.

4 Puta, se a vossa Ração  
hão de ser quatro à porfia,  
dormi com quatro em um dia,  
e quatro se vos darão:  
mas tirá-las de um Cristão,  
que apenas janta, e não ceia,  
e não dará foda, e meia,  
isso é mais que crueldade,  
e mais tendo vós um Frade,  
que é gato que nunca mea.

5 Mudai pois os pensamentos,  
e se não heis de quietar  
com uma do secular,  
ide servir aos conventos:  
que os leigos já macilentos,  
esvaídos, e esgotados  
com um mês de amancebados  
cobram tão grande fastio,  
que já pagam de vazio  
dois mil vasos alugados.

6 O Filho do Caldeireiro  
tendes emprego adequado,  
pois aos malhos ensinado

fode com um malhadeiro;  
se no vale, ou se no oiteiro  
lhe dais a mama, e o peito,  
e achais, que é moço de jeito,  
na parte do olhinho morto  
tendes razão, pois é torto,  
mas tem o membro direito.

AO CASAMENTO DE HUM SUGEYTO VALENTE  
COM HUMA ELENA DE TAL

MOTE

*Uma Helena por garbosa  
Páris troiano a roubou:<sup>574</sup>  
porém Miguel conquistou  
outra Helena mais formosa.*

- 1 Dous monstros a Roma bela  
deram princípio e monfina,  
uma casada à ruína,  
o princípio uma donzela:  
uma troiana, uma estrela,  
um sol, um raio, uma rosa  
abrasou Tróia formosa;  
porém há de se entender  
não por sol qualquer mulher  
Uma Helena por garbosa.
  
- 2 Páris troiano Juiz,  
que no monte Ida se achou,  
o pomo à Vênus julgou  
por mais bela, e mais feliz:  
à Juno Deusa infeliz  
tanto ofendeu, e irritou,  
e tanto a Deusa forjou,  
que tentando-o, a que roubasse  
a Helena, e Tróia abrasasse,

---

<sup>574</sup> *Helena / . . . Paris*: ver notas 545 e 547.

Páris Troiano a roubou.

3 Hoje melhor imitada  
vemos de Páris a pena,  
Páris perdeu pela pena,  
Miguel ganhou pela espada:  
pela fidalguia herdada,  
pela riqueza, que herdou,  
Miguel a Helena ganhou;  
Páris amante descalço,  
perdeu por roubar de falso,  
Porém Miguel conquistou.

4 Miguel ditoso se alista  
por conquistador do amor,  
serviu, ganhou uma Flor,  
e está Senhor da conquista:  
Páris julgando a revista  
civil, e contenciosa  
de uma, e Outra Deusa irosa  
teve uma Helena roubada,  
mas a Miguel foi julgada  
Outra Helena mais formosa.

A HUMAS DAMAS DE LA VIDA AYRADA, QUE  
INDO E VINDO AO DIVERTIMENTO DE HUMA  
ROÇA ZOMBAVAM DA HONESTIDADE DE HUMA  
IRMÃA CASADA.

Vamos cada dia à roça,  
se é, que vai o camarada,  
que ri, e folga à francesa,  
e pinta à italiana.  
Vamos, e fiquemos lá  
um dia, ou uma semana,  
que enquanto as gaitas se tocam,  
sabe a roça, como gaitas.  
Vamos à roça, inda que  
nos fique em cada jornada  
cada meia sem palmilha,  
e sem sola cada alparca.  
Vá Mané, e vá Marcela,  
vá toda a nossa prosápia,  
exceto a que por casada  
não põe pé fora de casa.  
Case, e tão casada fique,  
que nem para fazer caca  
jamais o marido a deixe,  
nem se lhe tire da ilharga.  
Case, e depois de casar  
tanto gema, e tanto paira,  
que caia em meio das dores  
na razão das minhas pragas.  
Case, e tanto se arrependa,  
como faz toda, a que casa,  
que nem para descasar-se

a via da Igreja saiba.  
E nos vamos para a roça  
com nosso feixe de gaitas  
até ver-me descasada  
para me rir, de quem casa.

IMPACIENTE O POETA DE TAM DEMAZIADO  
RIGOR LANÇA O RESTO DE SUAS FINEZAS PARA  
ABRANDAR SUA ESPOSA.

Vão-se as horas, cresce o dia,  
meu tormento não se acaba;  
a noite chega a meus olhos,  
mas o alívio sempre tarda.  
Meu coração já de aflito  
não sofre tanta tardança:  
a cada instante suspiro,  
porque o teu rigor me mata.  
Meus sentidos elevados  
já não dão ascenso a nada,  
tu me negas tua vista,  
eu sem ti não sei, que faça.  
Em um pranto todo o dia  
não sossega, nem descansa  
este triste, minha vida,  
este pobre, minha mana.  
As meninas dos meus olhos  
já não vivem de esperança,  
porquanto o teu coração  
não se move, nem se abranda.  
Olha tu, que crueldade  
por ti padece minha alma,  
maltratar, a quem te quer,  
mão querer, a quem te ama.  
Baste já, que mais não posso,  
não sejas, meu bem, ingrata,  
que por ti vivo morrendo,

tu por mim não fazes nada.  
Ai meu bem, quem tal dissera!  
mas não quero dizer nada,  
tu, que me quiseste muito,  
me perdoa por tua alma.



## AO MESMO ASSUMPTO

Vejo-me entre as incertezas  
de três Irmãs, três Senhoras,  
se são três sóis, três auroras,  
três flores, ou três belezas:  
para sóis têm mais lindezas  
que aurora mais resplendor,  
muita graça para flor,  
e por final conclusão  
três enigmas do Amor são,  
mais que as três cidras do Amor.

## EPITAFIO À MESMA BELLEZA SEPULTADA

Vemos a luz (ó caminhante espera)  
De todas, quantas brilham, mais pomposa,  
Vemos a mais florida Primavera,  
Vemos a madrugada mais formosa:  
Vemos a gala da luzente esfera,  
Vemos a flor das flores mais lustrosas  
Em terra, em pó, em cinza reduzida:  
Quem te teme, ou te estima, ó morte, olvida.

## PINTURA ADMIRAVEL DE HUMA BELLEZA.

Vês esse Sol de luzes coroado?  
Em pérolas a Aurora convertida?  
Vês a Lua de estrelas guarnecida?  
Vês o Céu de Planetas adorado?

O Céu deixemos; vês naquele prado  
A Rosa com razão desvanecida?  
A Açucena por alva presumida?  
O Cravo por galã lisonjeado?

Deixa o prado; vem cá, minha adorada,  
Vês desse mar a esfera cristalina  
Em sucessivo aljôfar desatada?

Parece aos olhos ser de prata fina?  
Vês tudo isto bem? pois tudo é nada  
À vista do teu rosto, Caterina.

SEGUNDA LISONJA EM QUE EXCEDE SUA  
ESPOSA A TODA A NATUREZA.

Vês, Gila, aquel farol de cuja fuente  
Mana la luz, que al orbe se diriva?  
Vês, Gila, aquela antorcha fugitiva,  
Que es de la negra noche presidente?

Vês del prado la pompa floreciente?  
Miras daquel jasmin la pompa altiva?  
Vês la rosa; que en purpuras se avivas?  
Vês el clavel, que en granas se desmiente?

Buelve acá, Gila, mira la nevada  
Voraz campaña desse mar, que aora  
Cristalinos aljofares destila.

Vês essa espuma en nieve transformada?  
Vês essas perlas, que lloró la Aurora?  
Pues todo es nada con tu rosto, Gila.

A VISTA DO AMOR, QUE TEVE O POETA A ESTA  
DAMA, COMO SE COLHE É A SEGUINTE OBRA  
HUM TESTEMUNHO DA SUA GENEROZIDADE:  
POIS LHE RECUSA OS SEUS CONVITES,  
ACONSELHANDO-A A SOFRER SEU ESPOSO. NEM  
OS SEUS GALANTEOS FORAM COM PESSOA  
PROHIBIDA.

1 Vós casada, e eu vingado,  
todo o meu coração sente,  
mas a vingança presente  
mais que o agravo passado:  
o agravo já perdoado  
pelas desculpas, que dais,  
menos dor me ocasionais  
por ser contra meu respeito  
que, o que contra vós é feito,  
força é, que doa mais.

2 Chorar vosso casamento  
é sentir a minha dor  
e agora me obriga Amor  
a sentir vosso tormento:  
vosso descontentamento

do meu mal distância encerra,  
que no meu coração não erra  
censurando um, e outro sim,  
pois de vós vai tanto a mim,  
como vai dos céus a terra.

3 Um só coração assestam  
os pesares, de quem ama,  
mas os pesares da Dama  
a dois corações molestam:  
se duas vidas infestam  
males, de que estais sentida,  
com razão, prenda querida,  
dois prantos faço em comum,  
pela minha vida um,  
outro pela vossa vida.

4 Levai prudente, e sagaz  
esse cargo, essa pensão,  
porque o erro da eleição  
consigo outros erros traz:  
se é de remédio incapaz  
o erro do casamento,

dissimule o sofrimento  
esse erro: porque maior  
não faça o erro de amor  
erros do arrependimento.

## MULATINHAS DA BAHIA.

### MOTE

*Vós dizeis, que arromba arromba:  
não se arromba desse modo;  
quem o tem apertadinho,  
não o quer aberto logo.*

- 1 Mulatinhas da Bahia,  
que toda a noite em bolandas  
correis ruas, e quitandas  
sempre em perpétua folia,  
porque andais nesta porfia,  
com quem de vosso amor zomba?  
eu logo vos faço tromba,  
vós não vos dais por achado,  
eu encruzo o meu rapado,  
Vós dizeis arromba arromba.
  
- 2 Nenhum propósito tem,  
o que dizeis, e o que eu faço,  
que eu fujo do vosso laço,  
e vós botais fora o trem:  
e se eu o cubro tão bem,  
e o tenho escondido todo,  
de donde tirais o engodo  
para arrombar, a quem zomba?  
Vós cuidais, que assim se arromba?  
Não se arromba desse modo.
  
- 3 É necessário, que eu queria,



e que vos diga, que sim,  
que me ponha assim, e assim  
a jeito, e em boa maneira:  
que descubra a dianteira,  
e entregando o passarinho<sup>675</sup>  
lho metais devagarzinho,  
pois qualquer mulher se sente,  
que entre de golpe, mormente  
Quem o tem apertadinho.

- 4 A mulher fonte de enganos  
por melhor aproveitar-se  
começa hoje a desonrar-se,  
e acaba de hoje a dez anos:  
e já quando os desenganos  
publicam com desafogo  
ser mais quente do que o fogo  
não se deixa resolver,  
e por mais virgos vender,  
Não o quer aberto logo.

---

<sup>675</sup> *passarinho*: ver nota 468.

A HUMA DAMA QUE TENHA UM CRAVO NA  
BOCCA.

- 1 Vossa boca para mim  
não necessita de cravo,  
que o sentirá por agravo  
boca de tanto carmim:  
o cravo, meu serafim,  
(se o pensamento bem toca)  
com ele fizera troca:  
mas, meu bem, não aceiteis,  
porque melhor pareceis,  
não tenho o cravo na boca.
  
- 2 Quanto mais que é escusado  
na boca o cravo: porque  
prefere, como se vê  
na cor todo o nacarado:  
o mais subido encarnado  
é de vossa boca escravo:  
não vos fez nenhum agravo  
ele de vos dar querela,  
que menina, que é toa bela,  
sempre tem boca de cravo.

LIZONGEA FINALMENTE O POETA COM ESTAS  
MORALIDADES TRISTES DE HUMA VIDA  
FLORECENTE PELAS FRIAS VOCES DAQUELLA  
SEPULTADA BELLEZA SUA FORMOSAS IRMÃAS,  
AVIVANDOLHE OS MOTIVOS DA DOR.

*MOTE*

*Ya que flor, mis Flores, fui  
Vuestro exemplo aora soy,  
Pues de flor a sol subi,  
Y oy de mi aun sombras doy.*

- 1 En flor, mis Flores, se muere,  
quien en la vida fué flor,  
que es la muerte com rigor  
de las Flores Malmequiere:  
quien de vosotras se huviere  
desconocido haste aqui,  
su triste flor veyá en mi  
como en un puro cristal,  
que espejo soy de su mal,  
ya que flor, mis Flores, fui.
  
- 2 Triunfar, Flores, en efecto  
ya me visteis de la suerte,  
si mal me quiso la muerte,

siempre he sido Amor perfecto:  
desengañada os prometto  
de la ceniza, en que estoy,  
pues al sepulcro me voy,  
Flores, para que nasci,  
Que si Perpetua no fui,  
Vuestro exemplo aora soy.

3 de aqueste jardin de Flora,  
que flagra oloroso aliento,  
ya fui gallardo elemento,  
ya fui bellísima aurora:  
pero, mis Flores, aora  
nada soy, de lo que fui,  
bien que los habitos di,  
con que a los astros llegué,  
y en el cielo me quedé,  
Pues de flor e sol subi.

4 Alerta, Flores que ayrada  
la muerte uzurpa las flores,  
en quien colores, y olores  
son exemplos de la nada:  
alerta pues que prostada  
mi brios llorando estoy;  
lo que va de ayer a oy  
aprended de um muerto sol,  
que ayer candido arrebol,  
y oy de mi aun sombras doy.

# Índice do códice de Gregório de Matos

## A

1.	A bela composição.....	t. 2.....	190
2.	A Cabra da Cajarba.....	t. 3.....	339
3.	A cada canto um grande conselheiro .....	t. 2.....	291
4.	A Deus vão pensamento, a Deus cuidado.....	t. 4.....	55
5.	A mais formosa, que Deus .....	t. 3.....	184
6.	Á margem de uma fonte, que corria.....	t. 4.....	86
7.	A medida para o malho.....	t. 4.....	467
8.	A quem não causa desmaio.....	t. 1.....	409
9.	A quem não dá aos fiéis.....	t. 1.....	225
10.	A Rainha Celestial .....	t. 1.....	93
11.	A ser bela a formosura .....	t. 4.....	280
12.	A vós digo, Putinhas franciscanas .....	t. 2.....	145
13.	A vós padre Baltasar.....	t. 2.....	55
14.	Acabou-se esta cidade.....	t. 1.....	217
15.	Achei Anica na fonte .....	t. 3.....	298
16.	Adeus, Amigo Pedralves .....	t. 1.....	458
17.	Adeus, meu Permanerim.....	t. 3.....	422
18.	Adeus, praia, adeus Cidade.....	t. 3.....	204
19.	Adormeci ao som do meu tormento.....	t. 4.....	418
20.	Agora que sobre a cama.....	t. 4.....	320
21.	Agora saio eu a campo.....	t. 1.....	249
22.	Ai de mim, se neste intento.....	t. 1.....	13
23.	Ai, Custódia! sonhei, não sei se o diga .....	t. 4.....	313
24.	Ai, Lise, quanto me pesa.....	t. 4.....	88
25.	Alma ditosa, que na empírea corte.....	t. 4.....	19
26.	Alma gentil, espírito generoso .....	t. 1.....	320
27.	Altercaram-se em questão.....	t. 2.....	370
28.	Alto Príncipe a quem a Parca bruta.....	t. 1.....	279

29.	Alto sermão, egrégio e soberano.....	t. 2.....	370
30.	Alto: divino impossível .....	t. 4.....	51
31.	Amanheceu finalmente .....	t. 2.....	215
32.	Amanheceu quarta-feira.....	t. 2.....	228
33.	Amar Luís a Maria.....	t. 2.....	179
34.	Amar não quero, quando desdenhada .....	t. 4.....	258
35.	Amar sim temer, que dar .....	t. 4.....	93
36.	Amargo paguem tributo .....	t. 2.....	325
37.	Amigo a quem não conheço.....	t. 3.....	245
38.	Amigo Bento Pereira .....	t. 1.....	397
39.	Amigo capitão forte e guerreiro.....	t. 1.....	384
40.	Amigo Lopo Teixeira .....	t. 3.....	527
41.	Amigo Senhor José .....	t. 1.....	399
42.	Amor cego, rapaz, travesso, e zorro.....	t. 4.....	70
43.	Ana felice foste ou Feliciana .....	t. 2.....	161
44.	Angola é terra de pretos.....	t. 2.....	314
45.	Anica, o que me quereis .....	t. 3.....	303
46.	Anjo no nome, Angélica na cara.....	t. 4.....	11
47.	Antandra, el amor sí nó.....	t. 3.....	180
48.	Antes de ser fabricada.....	t. 1.....	89
49.	Ao Padre Vigário a flor.....	t. 2.....	73
50.	Ao pasto de Santo Antônio .....	t. 3.....	439
51.	Ao pé de uma junqueira.....	t. 2.....	330
52.	Ao som de uma guitarrilha.....	t. 2.....	277
53.	Ao velho, que está na roça .....	t. 4.....	128
54.	Apareceram tão belas.....	t. 1.....	139
55.	Aquele não sei quê, que Inês te assiste .....	t. 4.....	409
56.	Aqui chegou o Doutor .....	t. 1.....	293
57.	Aqui d'El Rei que me mata.....	t. 4.....	132
58.	Aqui d'El Rei que me matam .....	t. 3.....	352
59.	Aqui jaz o coração .....	t. 1.....	151
60.	Aqui jaz o coração .....	t. 1.....	150
61.	Ardor em coração firme nascido! .....	t. 4.....	75
62.	Arre lá co Aricobé .....	t. 3.....	280
63.	As comédias se acabaram .....	t. 2.....	256
64.	As cruzes dos dous ladrões .....	t. 3.....	219
65.	As excelências do cono.....	t. 4.....	432
66.	Assim, pois, vós sabeis tudo .....	t. 3.....	219
67.	Astro do prado, estrela nacarada.....	t. 4.....	14

68.	Até vir a manhã serena, e pura.....	t. 1.....	332
69.	Atrevido este criado.....	t. 1.....	295
70.	Ausencias, y soledades .....	t. 3.....	328
71.	Ausentou-se Floralva, e ocultou .....	t. 4.....	262
72.	Ay de ti, pobre cuydado.....	t. 4.....	33
73.	Ay de tu que en tus suspiros .....	t. 4.....	38

## B

74.	Babu: como há de ser isto? .....	t. 4.....	212
75.	Babu: dai graças a Deus.....	t. 4.....	226
76.	Bangüê, que será de ti? .....	t. 1.....	253
77.	Basta, Senhor Capitão.....	t. 1.....	431
78.	Bêbado está Santo Antônio.....	t. 1.....	103
79.	Bela floralva, se Amor .....	t. 4.....	245
80.	Beleta, a vossa perna tão chagada.....	t. 3.....	344
81.	Beleta, eu zombeteava .....	t. 3.....	350
82.	Bem-vindo seja, senhor, Vossa Ilustríssima .....	t. 1.....	139
83.	Berrolinha gentil, pulcra, e bizarra .....	t. 1.....	413
84.	Bética: a bom mato vens.....	t. 4.....	296
85.	Bética: a vossa charola.....	t. 4.....	308
86.	Bética: que dó é êsse.....	t. 4.....	310
87.	Bote a sua casaca de veludo.....	t. 3.....	212
88.	Botou Vicência uma armada.....	t. 3.....	447
89.	Branca em mulata retinta .....	t. 4.....	285
90.	Brásia: aqui para entre nós.....	t. 4.....	337
91.	Brásia: que brabo desar! .....	t. 2.....	138
92.	Busco a quem achar não posso .....	t. 4.....	408

## C

93.	“Como estais, Louro” dis Fílis.....	t. 2.....	286
94.	Cada dia vos cresce a formosura.....	t. 4.....	208

95.	Campos bem-aventurados.....	t. 4.....	134
96.	Cansado de vos pregar .....	t. 3.....	90
97.	Caquenda, o vosso Jacó .....	t. 4.....	333
98.	Carina que acariais.....	t. 3.....	510
99.	Carina, porque chorais .....	t. 4.....	351
100.	Carregado de mim ando no mundo .....	t. 3.....	1
101.	Casai-vos, Brites, embora .....	t. 4.....	142
102.	Casou Filipa Rapada .....	t. 3.....	479
103.	Casou-se nesta terra esta e aquele.....	t. 1.....	364
104.	Castelo do pão-te neste .....	t. 3.....	416
105.	Catona, Ginga, e Babu .....	t. 4.....	393
106.	Chegando à Cajaíba, vi antonica.....	t. 3.....	258
107.	Chorai, tristes olhos meus.....	t. 4.....	271
108.	Clara sim, mas breve espera .....	t. 2.....	162
109.	Clóris, nas festas passadas .....	t. 1.....	188
110.	Colheu-vos na esparrela.....	t. 3.....	345
111.	Com vossos três amantes me confundo .....	t. 3.....	450
112.	Como corres, arroio fugitivo?.....	t. 4.....	43
113.	Como exals, penhasco, o licor puro.....	t. 3.....	35
114.	Como na cova tenebrosa e escura .....	t. 1.....	88
115.	Como nada vêem .....	t. 3.....	93
116.	Como se pode alcançar .....	t. 3.....	171
117.	Como vos hei de abrandar .....	t. 2.....	184
118.	Compôs Silvestre Cardoso.....	t. 3.....	482
119.	Confessa Sor Madama de Jesus .....	t. 2.....	196
120.	Conta-se pelos corrilhos .....	t. 2.....	204
121.	Contentamento, onde estás .....	t. 3.....	189
122.	Contente, alegre, ufano Passarinho .....	t. 3.....	155
123.	Córdula da minha vida.....	t. 3.....	337
124.	Corpo a corpo á campanha embravecida .....	t. 2.....	77
125.	Corre por aqui uma voz .....	t. 4.....	354
126.	Corrente, que do peito desatada.....	t. 4.....	80
127.	Creio, Senhor Surgião.....	t. 2.....	349
128.	Cresce o desejo falta o sofrimento .....	t. 4.....	12
129.	Crioula da minha vida.....	t. 3.....	434
130.	Culpa fora, Brites bela .....	t. 4.....	299

## D



131.	Da tua perada mica .....	t. 2.....	13
132.	Dama cruel, quem quer que vós sejais.....	t. 4.....	28
133.	Dá-mas, mana, que tas dou .....	t. 4.....	451
134.	Dâmaso, aquele madraço .....	t. 2.....	44
135.	Dá-me Amor a escolher .....	t. 4.....	273
136.	Dá-me, Betica, cuidado.....	t. 4.....	305
137.	Dão agora em contender .....	t. 3.....	234
138.	Daqui desta Praia Grande .....	t. 1.....	182
139.	De dois ff se compõe .....	t. 3.....	209
140.	De flores e pedras finas.....	t. 1.....	176
141.	De formicário em ladrão .....	t. 2.....	119
142.	De que serviu tão florida.....	t. 3.....	156
143.	De repente, e cos mesmos consoantes .....	t. 1.....	331
144.	De uma dor de garganta adoecestes .....	t. 4.....	99
145.	De uma Moça tão ingrata.....	t. 4.....	113
146.	De uma rústica pele, que antes dera.....	t. 2.....	172
147.	Debuxo singular, bela pintura .....	t. 4.....	2
148.	Deixai a Dama, a outrem, mas que fiz? .....	t. 4.....	151
149.	Deixai-me, tristes memórias .....	t. 2.....	332
150.	Deixais, Pedro, o ser chatim .....	t. 1.....	443
151.	Deixar quero o vosso bem .....	t. 3.....	191
152.	Deixe, Senhor Beato, a beati.....	t. 1.....	359
153.	Depois de consoarmos um tramoço .....	t. 3.....	316
154.	Depois de mil petições.....	t. 4.....	104
155.	Descarto-me da tronga, que me chupa .....	t. 4.....	442
156.	Desde que, Isabel, te vi .....	t. 3.....	342
157.	Desmaiastes, meu bem, quando uma vida .....	t. 4.....	174
158.	Desta vez acabo a obra .....	t. 1.....	246
159.	Deste castigo fatal.....	t. 2.....	298
160.	Destes que campam no mundo .....	t. 3.....	117
161.	Deu agora o Frisão em requerente .....	t. 1.....	365
162.	Deus vos dê vida, Babu .....	t. 4.....	221
163.	Deus, que é vosso amigo d'alma .....	t. 1.....	99
164.	Devem de ter-me aqui por um Orate.....	t. 4.....	427
165.	Digam, os que argumentaram .....	t. 1.....	470
166.	Discreta e formosíssima Maria .....	t. 4.....	62
167.	Ditoso aquele, e bem-aventurado.....	t. 3.....	162

168.	Ditoso Fabio, tu, que retirado .....	t. 1.....	483
169.	Ditoso tu, que na palhoça agreste .....	t. 3.....	159
170.	Divina flor, se en essa pompa vana.....	t. 1.....	77
171.	Diz, que a mulher da buzeira .....	t. 4.....	356
172.	Dize a Betica que quando .....	y.....	293
173.	Dizei, queridos amores .....	t. 4.....	98
174.	Dizem que o vosso cu, cota .....	t. 3.....	278
175.	Dizem, Luíza da Prima .....	t. 3.....	265
176.	Dizem, por esta comarca.....	t. 4.....	107
177.	Dizem, que é mui formosa .....	t. 4.....	417
178.	Dizem, que muito elevado .....	t. 3.....	454
179.	Dizem, queridos amores .....	t. 4.....	98
180.	Dizem, senhor capitão .....	t. 1.....	425
181.	Dize-me, Maria Viegas .....	t. 3.....	268
182.	Do meu Damo estou contente .....	t. 4.....	439
183.	Do prado mais ameno a flor mais pura .....	t. 1.....	205
184.	Dona Secula in seculis Ranhosa .....	t. 1.....	412
185.	Dos vosso zelos presumo .....	t. 4.....	268
186.	Douto, prudente, nobre, humano, afável.....	t. 1.....	313
187.	Doutor Gregório Guaranha .....	t. 2.....	32
188.	Duas horas o caralho.....	t. 4.....	430

## E

189.	É chegada Catona .....	t. 3.....	425
190.	É este memorial de um afligido .....	t. 1.....	315
191.	É justa razão, que eu gabe.....	t. 3.....	278
192.	É questão muito antiga e altercada .....	t. 1.....	312
193.	É uma das mais célebres histó .....	t. 2.....	353
194.	Ei-lo vai desenfreado .....	t. 2.....	208
195.	Em essa de cristal campanha errante .....	t. 1.....	206
196.	Em o horro desta muda soledade .....	t. 2.....	324
197.	Em qualquer risco de mar .....	t. 3.....	484
198.	Em três partes enterrado .....	t. 1.....	152
199.	Enfermou Clóri, Pastores.....	t. 4.....	195
200.	Enfermou Clóri, Pastores.....	t. 4.....	96

201.	Enfim, pois vossa mercê .....	t. 4.....	47
202.	Entre aplausos gentis, com luz preclara .....	t. 1.....	233
203.	Entre as partes do todo, a melhor parte .....	t. 1.....	85
204.	Entre os demais Doutorados .....	t. 1.....	478
205.	Entre, ó Floralva, assombros repetidos .....	t. 4.....	267
206.	Era a Dominga primeira.....	t. 2.....	245
207.	Errada a conclusão hoje conheça .....	t. 4.....	22
208.	Esperando uma bonança .....	t. 4.....	29
209.	Esqueça-se o materno sentimento.....	t. 2.....	310
210.	Essas flores, que uma figa .....	t. 3.....	90
211.	Está o Logra torto? é cousa rara! .....	t. 3.....	233
212.	Está o sítio esgotado .....	t. 3.....	317
213.	Estamos em noventa era esperada .....	t. 4.....	33
214.	Estamos na cristandade?.....	t. 2.....	176
215.	Estas as novas são de Antônio Luí.....	t. 1.....	240
216.	Estava Clóris sangrada.....	t. 4.....	401
217.	Estava o Doutor Gilvaz.....	t. 1.....	350
218.	Este cabelo, que agora .....	t. 4.....	412
219.	Este favor, que é valia .....	t. 3.....	333
220.	Este mármore encerra, ó peregrino .....	t. 2.....	135
221.	Este Padre Frisão, este sandeu .....	t. 2.....	54
222.	Esté presa uma Dama no Xadrez .....	t. 4.....	201
223.	Este, que de Nise conto.....	t. 2.....	360
224.	Este, Senhor, que fiz, leve instrumento.....	t. 2.....	112
225.	Estou pasmado e absorto .....	t. 3.....	234
226.	Estou triste, e solitário .....	t. 3.....	406
227.	Estou, Senhor, da vossa mão trocado.....	t. 1.....	6
228.	Eu Pedro Cabral da Índia.....	t. 3.....	290
229.	Eu perco, Nise, o sossego .....	t. 3.....	401
230.	Eu sou aquele, que os passados anos .....	t. 3.....	8
231.	Eu vi, Senhores Poetas.....	t. 4.....	179
232.	Eu vos retrato, Gregório .....	t. 3.....	32
233.	Eu, que me não sei calar .....	t. 1.....	128
234.	Eugênia, convosco falo.....	t. 4.....	206

## F

235.	Fábio, que pouco entendes de finezas .....	t. 3.....	165
236.	Fábio: essa bizarria .....	t. 2.....	351
237.	Faça medidas de A com pé direito .....	t. 3.....	213
238.	Faltava para alegria .....	t. 1.....	385
239.	Fazer um passadiço de madeira .....	t. 1.....	292
240.	Fez-se a segunda jornada .....	t. 2.....	225
241.	Ficaram neste intervalo .....	t. 2.....	157
242.	Filena: eu que mal vos .....	t. 4.....	410
243.	Filha minha Isabel, alma ditosa .....	t. 1.....	118
244.	Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas .....	t. 2.....	297
245.	Flor em botão nascida, e já cortada .....	t. 4.....	20
246.	Floralva: que desventura.....	t. 4.....	250
247.	Flores na mão de uma flor .....	t. 4.....	242
248.	Foi com fausto soberano .....	t. 4.....	362
249.	Foi das Onze mil Donzelas .....	t. 1.....	262
250.	Foi um tonto amancebado.....	t. 1.....	366
251.	Foi-se Brás da sua aldeia .....	t. 2.....	322
252.	Fomos a Pernamirim.....	t. 3.....	385
253.	Forasteiro descuidado .....	t. 4.....	141
254.	Fragrante rosa em Jericó plantada .....	t. 1.....	91
255.	França está mui doente das ilhargas.....	t. 3.....	86
256.	Fui à missa a São Gonçalo.....	t. 2.....	284
257.	Fui hoje ao campo da Palma .....	t. 4.....	318
258.	Fui por amante ferido.....	t. 4.....	327
259.	Fui ver a fonte da roça .....	t. 4.....	116
260.	Fui, Babu, à vossa casa .....	t. 4.....	223
261.	Fui, Betica, à vossa casa .....	t. 4.....	465
262.	Furão das tripas, sanguessuga humana .....	t. 3.....	256

## G

263.	Generoso Dom Francisco .....	t. 1.....	199
264.	Gentil-homem, valente e namorado.....	t. 3.....	215
265.	Gileta siempre cruel.....	t. 4.....	408
266.	Gostou da vossa lira a minha musa.....	t. 3.....	442
267.	Goze a Corte o ambicioso.....	t. 1.....	482

268.	Graças a Deus, que logrei .....	t. 4.....	169
269.	Grande comédia fizeram.....	t. 2.....	260

## H

270.	Há cousa como ver em Paiaíá.....	t. 1.....	316
271.	Há cousa estar em São Francisco.....	t. 3.....	425
272.	Há cousa, como ver o Sô mandu.....	t. 1.....	373
273.	Herói, Númen, Herói soberano .....	t. 1.....	297
274.	Hoje a Musa me provoca .....	t. 2.....	322
275.	Hoje é melhor ter mina que ter fama .....	t. 1.....	322
276.	Hoje em dia averiguou-se .....	t. 4.....	394
277.	Hoje os Matos incultos da Bahia .....	t. 1.....	136
278.	Hoje pó, ontem Deidade soberana .....	t. 1.....	113
279.	Horas contando, numerando instantes .....	t. 4.....	69

## I

280.	Ilha de Itaparica, alvas areias.....	t. 2.....	296
281.	Ilustre o reverendo Frei Lourenço.....	t. 2.....	105
282.	Ilustríssima Abadessa .....	t. 2.....	174
283.	Inácia vós que me vedes .....	t. 4.....	278
284.	Inda está por decidir.....	t. 2.....	85
285.	Inda que de eu mijar tanto gosteis .....	t. 4.....	392
286.	Indo à caça de tatus.....	t. 3.....	261
287.	Isto faz-se à gente honrada?.....	t. 1.....	422
288.	Istoí, que ouço clamar por todo o mundo .....	t. 1.....	7

## J

289.	Já desprezei, sou hoje desprezado.....	t. 4.....	254
------	----------------------------------------	-----------	-----

290.	Já que a puta Zabelona.....	t. 3.....	311
291.	Já que entre as calamidades .....	t. 2.....	79
292.	Já que me põem a tormento .....	t. 3.....	123
293.	Já requintada a fineza.....	t. 4.....	345
294.	Já vos ides, ai meu bem! .....	t. 4.....	224
295.	Jelu, vós sois rainha das Mulatas .....	t. 4.....	345
296.	Jogaram a espadilha.....	t. 3.....	229

## L

297.	Lá vem Maria, mais Ana .....	t. 1.....	456
298.	Lágrimas afetuosas .....	t. 4.....	76
299.	Largo em sentir, em respirar sucinto.....	t. 4.....	27
300.	Laura minha, o vosso amante .....	t. 2.....	281
301.	Lavai, lavai, Vicência, esses sovacos.....	t. 3.....	451
302.	Letrado, que cachimbais .....	t. 1.....	374
303.	Levou um livreiro a dente.....	t. 3.....	218
304.	Lobo cerval, fantasma pecadora .....	t. 1.....	315
305.	Louvar vossas orações .....	t. 2.....	88

## M

306.	Manas, depois que sou Freira .....	t. 4.....	431
307.	Mancebo sem dinheiro, bom barrete.....	t. 2.....	292
308.	Mandai-me, Senhores hoje .....	t. 4.....	455
309.	Mandais-me vossas lembranças.....	t. 3.....	497
310.	Mando buscar a resposta.....	t. 4.....	324
311.	Mandou-me o filho da pu- .....	t. 4.....	397
312.	Maricas, quando te eu vi.....	t. 4.....	185
313.	Marinículas todos os dias.....	t. 1.....	284
314.	Marta: mandai-me um perdão.....	t. 4.....	341
315.	Menina: estou já em crer.....	t. 4.....	122
316.	Meninas, pois é verdade .....	t. 2.....	173
317.	Meu amado Redentor.....	t. 1.....	16

318.	Meu Capitão dos Infantes .....	t. 1.....	390
319.	Meu capitão, meu amigo.....	t. 1.....	386
320.	Meu Deus, que estais pendente de um madeiro .....	t. 1.....	105
321.	Meu Deus, que será de mim?.....	t. 1.....	8
322.	Meu Joanico, uma Dama .....	t. 1.....	403
323.	Meu Senhor Sete Carreiras .....	t. 1.....	402
324.	Mi rezelo me dizia .....	t. 4.....	139
325.	Minha gente, você vê.....	t. 1.....	407
326.	Minha reina, estou absorto.....	t. 1.....	481
327.	Minha Senhora Dona Caterina.....	t. 2.....	169
328.	Mofina mulher .....	t. 1.....	340
329.	Montes, eu venho a buscar-vos.....	t. 2.....	321
330.	Montes, eu venho outra vez .....	t. 4.....	64
331.	Morreste, ninfa bela .....	t. 4.....	15
332.	Morro de desconfianças .....	t. 4.....	71
333.	Muero por dizer mi mal.....	t. 4.....	25
334.	Mui alta, e mui poderosa .....	t. 3.....	259
335.	Muito mentes, Mulatinha.....	t. 4.....	379

## N

336.	Na Catala me encontrei.....	t. 3.....	504
337.	Na Conceição o sangue esclarecido.....	t. 1.....	104
338.	Na confusão do mais horrendo dia .....	t. 2.....	318
339.	Na flor da idade à morte rendeste .....	t. 2.....	335
340.	Na gaiola episcopal.....	t. 4.....	202
341.	Na nova Jerusalém.....	t. 3.....	444
342.	Na oração que desaterra, a terra.....	t. 1.....	75
343.	Na parte da espessura mais sombria .....	t. 4.....	57
344.	Na república, Senhor .....	t. 1.....	329
345.	Na roça os dias passados .....	t. 4.....	161
346.	Namorei-me sem saber .....	t. 4.....	290
347.	Não era muito, Babu .....	t. 2.....	135
348.	Não há mais tirano efeito.....	t. 1.....	280
349.	Não me culpes, Filena, não de ingrato.....	t. 4.....	150
350.	Não me espanto que você .....	t. 2.....	60

351.	Não me farto de falar .....	t. 4.....	248
352.	Não me maravilha não .....	t. 4.....	413
353.	Não me posso ter Susana .....	t. 3.....	382
354.	Não me queixo de ninguém .....	t. 4.....	198
355.	Não posso cobrar-lhes medo .....	t. 3.....	335
356.	Não quero, o que vós quereis.....	t. 3.....	182
357.	Não sei, em qual vê mais rigorosa .....	t. 4.....	81
358.	Não sei, para que é nascer .....	t. 3.....	195
359.	Não te posso ver, Anica .....	t. 3.....	305
360.	Não te vás esperança presumida .....	t. 4.....	13
361.	Não vêem, como mentiu Chico Ferreira.....	t. 3.....	515
362.	Não vi em minha a formosura.....	t. 4.....	6
363.	Não vos pude merecer .....	t. 3.....	420
364.	Naquele grande motim.....	t. 2.....	7
365.	Nasce el sol de los astros presidente .....	t. 1.....	208
366.	Nasce Infanta bela, e com ventura .....	t. 1.....	114
367.	Nasce o sol e não dura mais que um dia .....	t. 3.....	163
368.	Nascestes em pranto (débito preciso).....	t. 1.....	309
369.	Nascestes bela e fostes entendida .....	t. 1.....	116
370.	Nenhuma Freira me quer .....	t. 1.....	180
371.	Nesse precipício, Conde .....	t. 1.....	157
372.	Nesta turbulenta terra.....	t. 2.....	305
373.	Neste mundo é mais rico quem mais rapa .....	t. 3.....	164
374.	neste túmulo a cinzas reduzido .....	t. 1.....	134
375.	No beco do cagalhão.....	t. 1.....	241
376.	No culto que a terra dava .....	t. 1.....	220
377.	No dia, em que a Igreja dá .....	t. 2.....	201
378.	No grande dia do Amparo.....	t. 2.....	263
379.	No Reino de Netuno submergido.....	t. 1.....	207
380.	Nos assuntos que dais à vossa fama.....	t. 1.....	323
381.	Nos últimos instantes da partida .....	t. 4.....	85
382.	Num dia próprio a liberalidades.....	t. 1.....	209
383.	Numa manhã tão serena.....	t. 4.....	3
384.	Nunca cuidei do Burel .....	t. 2.....	132
385.	Nuvens que em oposição .....	t. 1.....	90

## O



386.	O alegre do dia entristecido .....	t. 1.....	97
387.	O bem que não chegou ser possuído.....	t. 3.....	167
388.	Ó caos confuso, labirinto horrendo.....	t. 4.....	68
389.	O Caralho do Muleiro .....	t. 4.....	434
390.	Ó caso mais fatal da triste sorte!.....	t. 1.....	159
391.	O cono é fortaleza.....	t. 4.....	436
392.	O craveiro, que dizeis .....	t. 4.....	423
393.	O Cura a quem toca a cura.....	t. 2.....	3
394.	Ó Galileu Requerente .....	t. 1.....	377
395.	Ó Ilha rica, inveja de cambaia .....	t. 2.....	359
396.	O lavar depois importa .....	t. 4.....	228
397.	Ó magno serafim, que a Deus voaste.....	t. 1.....	98
398.	Ó meu pai, tu qué's, que eu morra?.....	t. 4.....	441
399.	O mundo vai-se acabando.....	t. 1.....	125
400.	O Senhor João Teixeiras .....	t. 1.....	417
401.	O teu hóspede, Catita .....	t. 3.....	263
402.	O todo sem a parte não é todo.....	t. 1.....	86
403.	Ó tu do meu amor fiel translado .....	t. 4.....	44
404.	Ó tu, ó mil vezes tu .....	t. 2.....	98
405.	O vício da Sodomia .....	t. 1.....	336
406.	Ó vos quem quer que sejais .....	t. 2.....	197
407.	O vosso passo, Senhor .....	t. 2.....	346
408.	Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade .....	t. 1.....	71
409.	Oh dos cerúleos abismos .....	t. 4.....	263
410.	Oh que cansado trago o sofrimento .....	t. 2.....	334
411.	Oh que de rosas amanhece o dia.....	t. 1.....	92
412.	Oh quem de uma Águia elevada .....	t. 2.....	189
413.	Oh! não te espantes não, don Antonio .....	t. 1.....	163
414.	Oh, quanta divindade, oh quanta graça.....	t. 1.....	87
415.	Oh, que esvaída trago a esperança .....	t. 3.....	460
416.	Oitavas canto agora, por preceito .....	t. 1.....	325
417.	Olá digo: ó vós Teresa .....	t. 4.....	153
418.	Olha, Barqueiro atrevido .....	t. 3.....	375
419.	Ontem a amar-vos me dispus, e logo.....	t. 2.....	170
420.	Ontem ao romper da Aurora .....	t. 4.....	287
421.	Ontem para ressurgir .....	t. 4.....	216
422.	Ontem quando te vi, meu doce emprego .....	t. 4.....	184

423.	Ontem sobre a madrugada .....	t. 3.....	241
424.	Ontem vi no Areal .....	t. 2.....	367
425.	Ontem, Nise a prima noite .....	t. 3.....	101
426.	Ontem, Senhor Capitão.....	t. 1.....	395
427.	Os dias se vão .....	t. 4.....	59
428.	Os versos que me pedis.....	t. 4.....	189
429.	Os vossos olhos, Vicência .....	t. 3.....	452
430.	Os zelos, minha Teresa .....	t. 4.....	172
431.	Ou o sítio se acabou.....	t. 3.....	328
432.	Ouçam os sebastianistas .....	t. 1.....	106

## P

433.	Padre Frisão, se vossa Reverência .....	t. 2.....	53
434.	Padre Tomás, se Vossa Reverência .....	t. 2.....	87
435.	Padre, a casa está abrasada .....	t. 2.....	70
436.	Para escrever intentou.....	t. 3.....	168
437.	Para esta Angola enviado.....	t. 2.....	66
438.	Para mãe, para esposa, templo e Filha .....	t. 1.....	84
439.	Para mim, que os versos fiz .....	t. 2.....	357
440.	Para que nasceste, rosa .....	t. 4.....	468
441.	Para que seja perfeito.....	t. 4.....	395
442.	Para retratar uns olhos .....	t. 3.....	186
443.	Parabéns seja a Vossa Senhora .....	t. 2.....	168
444.	Pariu numa madrugada .....	t. 4.....	282
445.	Parti, coração, parti .....	t. 4.....	425
446.	Partiu entre nós Amor .....	t. 3.....	419
447.	Partiu o bolo, Luzia.....	t. 3.....	403
448.	Passar la vida, sin sentir que passa .....	t. 2.....	313
449.	Passei pela Ilha Grande.....	t. 2.....	360
450.	Passou o surucucu.....	t. 1.....	428
451.	Pedralves não há alcançá-lo.....	t. 1.....	444
452.	Pela alma dessa almofada .....	t. 3.....	391
453.	Pelo toucador, clamais .....	t. 2.....	125
454.	Pelos naipes da baralha.....	t. 2.....	289
455.	Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado.....	t. 1.....	21

456.	Peralvilho: o Peralvilho .....	t. 1.....	380
457.	Perdoai-me, meus amores .....	t. 4.....	91
458.	Peregrina Florência Portuguesa .....	t. 4.....	241
459.	Perguntou-se a um discreto .....	t. 3.....	174
460.	Pica-me Pedro e Pocar-te-ei.....	t. 2.....	283
461.	Pobre de ti, Barboleta .....	t. 4.....	219
462.	Podeis desafiar, com bizzarria .....	t. 4.....	109
463.	Pois me deixais pelo jogo .....	t. 1.....	392
464.	Pois me enfada o teu feito.....	t. 2.....	49
465.	Pois os prados, as aves, as flores .....	t. 4.....	8
466.	Por bem-afortunado .....	t. 3.....	160
467.	Por entre o Beberibe, e o Oceano.....	t. 2.....	319
468.	Por esta rua, Teresa.....	t. 4.....	158
469.	Por estar na vossa graça.....	t. 4.....	346
470.	Por gentil-homem vos tendes.....	t. 3.....	216
471.	Por glória e não desventura.....	t. 4.....	252
472.	Por sua mão soberana .....	t. 3.....	293
473.	Por vida do meu Gonçalo .....	t. 4.....	311
474.	Porque a fama vos celebre .....	t. 1.....	435
475.	Porque não conhecia, o que lograva .....	V .....	333
476.	Portugal e mais Castela.....	t. 3.....	87
477.	Prelado de tan alta perfeccion.....	t. 2.....	78
478.	Preso entre quatro paredes .....	t. 1.....	171
479.	Preso está no Limoeiro .....	t. 1.....	414
480.	Protótipo gentil do Deus muchacho.....	t. 3.....	214
481.	Puedes, Rosa, dexae la vanidad .....	t. 4.....	102
482.	Puta Andresona, eu pecador te aviso .....	t. 1.....	343

## Q

483.	Qual dos dois terá mor gosto?.....	t. 1.....	101
484.	Qual encontra na luz pura .....	t. 2.....	375
485.	Quando a morte de Abner David sentia.....	t. 1.....	149
486.	Quando Deus redimiu da tirania .....	t. 1.....	261
487.	Quando lá no ameno prado .....	t. 4.....	239
488.	Que aguarde Luis Ferreira de Norô .....	t. 1.....	240

489.	Que ande o mundo mascarado .....	t. 1.....	243
490.	Que ande o mundo mascarado .....	t. 4.....	42
491.	Que cantarei eu agora?.....	t. 4.....	343
492.	Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te ..	t. 1.....	76
493.	Que esteja dando o Francês .....	t. 3.....	34
494.	Que falta nesta cidade... Verdade .....	t. 3.....	28
495.	Que febre têm tão tirana .....	t. 3.....	409
496.	Que fostes meu bem, mostrastes.....	t. 4.....	136
497.	Que me quer o Brasil, que persegue .....	t. 3.....	194
498.	Que não vos enganais, digo .....	t. 4.....	290
499.	Que néscio que eu era então .....	t. 3.....	2
500.	Que pouco sabe de amor.....	t. 3.....	396
501.	Que preso el tiempo, Lise, me ha mostrado .....	t. 4.....	88
502.	Que têm os mestros comigo.....	t. 3.....	411
503.	Que todo o bem se faria .....	t. 4.....	166
504.	Que vai por lá, Senhor, que vai por lá.....	t. 3.....	517
505.	Que vai por lá, Senhores Cajaíbas .....	t. 3.....	367
506.	Queixam-se, minha Esperança.....	t. 3.....	506
507.	Quem a primeira vez chegou a ver-vos.....	t. 2.....	508
508.	Quem aguarda a luxúria do Tucano.....	t. 1.....	242
509.	Quem cá quiser viver seja um Gatão .....	t. 4.....	211
510.	Quem da religiosa vida .....	t. 1.....	72
511.	Quem de tal poderia obrar .....	t. 2.....	374
512.	Quem deixa o seu amigo por arroz .....	t. 4.....	516
513.	Quem deu à Pomba feitiços .....	t. 3.....	436
514.	Quem há de alimentar de luz ao dia?.....	t. 1.....	161
515.	Quem me engrandece por flor .....	t. 4.....	244
516.	Quem me queres, porfiado pensamento?.....	t. 3.....	260
517.	Quem perde o bem, que teve possuído .....	t. 3.....	166
518.	Quem pudera de pranto soçobrado .....	t. 1.....	319
519.	Quem viu cousa como aquela .....	t. 4.....	165
520.	Quem viu mal como o meu, sem meio ativo! .....	t. 4.....	56
521.	Quem vos chama atirador .....	t. 3.....	466
522.	Quem vos mete, Frei Tomás.....	t. 2.....	93
523.	Quem vos viu na terra entrar.....	t. 1.....	345
524.	Quem, Senhor, celebrando a vossa idade.....	t. 1.....	224
525.	Querem matar-me os teus olhos.....	t. 3.....	301
526.	Querendo obrigar-me Amor.....	t. 4.....	382
527.	Querida amei, prossiga desdenhada.....	t. 4.....	257

528.	Querido Filho meu, ditoso espirito .....	t. 1.....	334
529.	Querido um tempo, agora desprezado .....	t. 4.....	255
530.	Quer-me mal esta cidade .....	t. 4.....	449
531.	Quinze mil-réis dantemão .....	t. 2.....	153
532.	Quis ir à festa da Cruz .....	y.....	275
533.	Quisera, Senhor Doutor .....	t. 4.....	443
534.	Quita, como vos achais .....	t. 3.....	335
535.	Quita, São Pedro me leve.....	t. 3.....	331

## R

536.	Recebi as tuas regras.....	t. 3.....	518
537.	Renasce Fênix quase amortecida .....	t. 4.....	45
538.	Retratar ao bizarro .....	t. 4.....	236
539.	Reverendo Frei Antonio .....	t. 2.....	108
540.	Reverendo Frei Carqueja .....	t. 2.....	112
541.	Reverendo Frei Fodaz.....	t. 2.....	62
542.	Reverendo Frei Sovela.....	t. 2.....	96
543.	Reverendo Padre Alvar .....	t. 2.....	63
544.	Reverendo Padre em Cristo .....	t. 2.....	122
545.	Reverendo Vigário .....	t. 2.....	10
546.	Rubi concha de perlas peregrinas .....	t. 4.....	416

## S

547.	Sabei, Custódia, que Amor .....	t. 4.....	314
548.	Sacro Pastor da América florida .....	t. 2.....	124
549.	Saiu a sátira má.....	t. 3.....	120
550.	Salve celeste pombinha.....	t. 2.....	79
551.	Saudades, que me quereis .....	t. 4.....	82
552.	Se a dar-te vida a minha dor bastara .....	t. 2.....	117
553.	Se a gostos tiras, Clóris, uma vida .....	t. 4.....	175
554.	Se a morte anda de ronda, a vida trota .....	t. 3.....	462
555.	Se acaso furtou, Senhor .....	t. 2.....	347

556.	Se comestes por regalo .....	t. 2.....	365
557.	Se da guarda pareceis.....	t. 1.....	216
558.	Se de estéril em fomes dá o cometa .....	t. 3.....	32
559.	Se de um bem nascem mil males .....	t. 3.....	176
560.	Se é por engano esse risco .....	t. 4.....	125
561.	Se há d ver-vos quem há de retratar-vos.....	t. 4.....	7
562.	Se lágrimas aliviam.....	t. 3.....	185
563.	Se mercê me não fazeis.....	t. 4.....	129
564.	Se Pica-flor me chamais .....	t. 2.....	200
565.	Se tomar minha pena em penitência .....	t. 4.....	193
566.	Se vós fôreis tão ousado .....	t. 1.....	439
567.	Segunda vez tomo a pena .....	t. 3.....	321
568.	Sei eu, Senhor, que vossa senhoria .....	t. 1.....	215
569.	Seis horas enche e outras tantas vaza.....	t. 2.....	336
570.	Sejais, Pedralves, bem-vindo .....	t. 2.....	464
571.	Sem tom, nem por detrás .....	t. 2.....	143
572.	Senhor Abelha, se Amor.....	t. 4.....	247
573.	Senhor Antonio de Andrade .....	t. 2.....	343
574.	Senhor confrade da bota .....	t. 3.....	463
575.	Senhor Doutor: muito bem-vindo seja.....	t. 1.....	311
576.	Senhor Henrique da Cunha .....	t. 2.....	378
577.	Senhor Inácio, é possível .....	t. 3.....	500
578.	Senhor Mestre de jornal.....	t. 3.....	426
579.	Senhor Silvestre Cardoso.....	t. 3.....	489
580.	Senhor soldado donzelo .....	t. 3.....	249
581.	Senhor, deste meu sobrinho.....	t. 1.....	214
582.	Senhor, Os Negros Juízes .....	t. 1.....	212
583.	Senhor, os Padres daqui.....	t. 1.....	143
584.	Senhor, se quem vem não tarda .....	t. 1.....	210
585.	Senhor: o vosso tabaco .....	t. 2.....	348
586.	Senhora Beatriz: foi o demônio .....	t. 4.....	131
587.	Senhora Cota Vieira.....	t. 3.....	274
588.	Senhora dona Bahia .....	t. 3.....	12
589.	Senhora Dona Formosa .....	t. 4.....	444
590.	Senhora Donzela: à mningua .....	t. 4.....	376
591.	Senhora Florenciana, isto me embaça.....	t. 4.....	261
592.	Senhora Mariana, em que vos pes .....	t. 2.....	187
593.	Senhora minha, se de tais clausuras .....	t. 2.....	195
594.	Senhora Velha: se é dado.....	t. 2.....	363

595.	Senhora, é o vosso pedir .....	t. 4.....	384
596.	Senhores: com que motivo.....	t. 3.....	225
597.	Sentir por solo sentir.....	t. 4.....	40
598.	Ser decoroso amante, e desprezado .....	t. 4.....	250
599.	Ser um vento a nossa idade.....	t. 4.....	329
600.	Será primeiramente ela obrigada .....	t. 2.....	383
601.	Seres formosa, Teresa.....	t. 4.....	150
602.	Sete anos a Nobreza da Bahia.....	t. 1.....	455
603.	Só vós, Josefa, só vós .....	t. 4.....	386
604.	Soberano rei glória.....	t. 1.....	22
605.	Sôbolos rios, sôbolas torrentes.....	t. 4.....	21
606.	Sobre esta dura pena .....	t. 4.....	405
607.	Subi a púrpura já raio luzente .....	t. 1.....	133
608.	Suspende o curso, ó rio retorcido .....	t. 4.....	46
609.	Suspiros, que pertendeis .....	t. 4.....	36

## T

610.	Tal desastre, e tal fracasso .....	t. 3.....	253
611.	Tal frota inda não viram as idades .....	t. 1.....	137
612.	tanta virtude excelente .....	t. 1.....	154
613.	Tão depresa vos dais por despedida.....	t. 4.....	270
614.	Tem Lourenço boa a taca.....	t. 2.....	326
615.	Temor de um dano de uma oferta indício .....	t. 1.....	95
616.	Tempo que tudo trasfegas .....	t. 1.....	167
617.	Tenho amargas saúdades .....	t. 3.....	368
618.	Tenho por admiração .....	t. 4.....	186
619.	Tenho-vos escrito assaz .....	t. 4.....	118
620.	Terê sempre desabrida .....	t. 4.....	164
621.	Teresa, muito me prezo.....	t. 4.....	176
622.	Teu alto esforço e valentia forte .....	t. 1.....	160
623.	Toda a cidade derrota.....	t. 3.....	20
624.	Toda a noite me desvelo .....	t. 4.....	300
625.	Tomas a lira, Orfeu divino, ta.....	t. 2.....	354
626.	Tornaram-se a emborrachar .....	t. 2.....	279
627.	Tratam de diminuir .....	t. 3.....	24

628.	Treme a Pedro a passarinha .....	t. 1.....	473
629.	Tremendo chego, meu Deus .....	t. 1.....	19
630.	Trique, trique, zapete .....	t. 4.....	400
631.	Triste Bahia! Oh quão dessemelhante.....	t. 3.....	11

## U

632.	Um benemérito .....	t. 1.....	146
633.	Um Branco muito encolhido.....	t. 2.....	27
634.	Um calção de pindoba a meia zorra.....	t. 1.....	317
635.	Um cruzado pede o homem .....	t. 3.....	307
636.	Um Curioso deseja.....	t. 3.....	374
637.	Um doce que alimpa a tosse .....	t. 2.....	193
638.	Um frade no bananal.....	t. 2.....	128
639.	Um negro magro em sufilié mui justo .....	t. 2.....	320
640.	Um prazer e um pesar quase imanados.....	t. 1.....	335
641.	Um Rolim de Monai Bonzo Bramá .....	t. 1.....	318
642.	Um Sansão de caramelo.....	t. 4.....	303
643.	Um soneto começo em vosso gabo.....	t. 1.....	153
644.	Um vendelhão baixo e vil .....	t. 3.....	112
645.	Uma cidade tão nobre .....	t. 3.....	149
646.	Uma com outra são duas.....	t. 4.....	371
647.	Uma Helena por garbosa .....	t. 4.....	453
648.	Una, dos, trez estrelas, vinte, cento.....	t. 2.....	335

## V

649.	Vá de aparelho .....	t. 3.....	362
650.	Vá de retrato .....	t. 1.....	254
651.	Vai-te, mas tornas a vir.....	t. 2.....	337
652.	Valha o diabo o concerto .....	t. 3.....	398
653.	Valha o diabo os cajúos .....	t. 2.....	242
654.	Vamos cada dia à roça .....	t. 4.....	374
655.	Vão-se as horas, cresce o dia .....	t. 4.....	100



656.	Vêem vocês este Fernando .....	t. 3.....	395
657.	Veio a Páscoa do Natal .....	t. 2.....	250
658.	Veio ao Espírito Santo .....	t. 1.....	228
659.	Veio aqui o Moçorongo .....	t. 3.....	494
660.	Veio da infernal masmorra .....	t. 3.....	287
661.	Vejo-me entre as incertezas .....	t. 4.....	5
662.	Vemos a luz (ó caminhante, espera) .....	t. 4.....	15
663.	Vendo tal desenvoltura .....	t. 3.....	239
664.	Venho, Madre de Deus, a vosso monte.....	t. 1.....	78
665.	Vês esse sol de luzes coroado? .....	t. 4.....	415
666.	Vês Gila aquel farol de cuia fuente.....	t. 4.....	87
667.	Via de perfeição é a sacra via .....	t. 2.....	2
668.	Vieram os Flamengos, e o Padrinho .....	t. 3.....	461
669.	Vieram sacerdotes dous e meio .....	t. 2.....	72
670.	Vim ao Sítio num lanchão .....	t. 3.....	325
671.	Vi-me Antônia, ao vosso espelho .....	t. 2.....	355
672.	Vindes da Mina, e só trazeis a fama .....	t. 1.....	321
673.	Vistor, meu Padre latino .....	t. 2.....	151
674.	Viu-nos o vosso Parente .....	t. 3.....	487
675.	Viva o insigne ladrão .....	t. 3.....	373
676.	Vós casada, e eu vingado.....	t. 4.....	147
677.	Vós dizeis que arromba, arromba .....	t. 4.....	428
678.	Vós não quereis, Cutilada .....	t. 1.....	356
679.	Vós sois, João, tão ingrato .....	t. 3.....	468
680.	Vossa boca para mim.....	t. 4.....	422
681.	Vossarcê, Senhora Quita .....	t. 3.....	310

## Y

682.	Ya que flor, mis flores fuy .....	t. 4.....	23
683.	Ya rendida e prostada; mas que vana.....	t. 1.....	324